



Cem dias com o
BILIONÁRIO

TRILOGIA ACOMPANHANTE DE LUXO - LIVRO TRÊS

ANNE MILLER



Cem dias com o
BILIONÁRIO

TRILOGIA ACOMPANHANTE DE LUXO - LIVRO 3

ANNE MILLER

Copyright ©2018 by Anne Miller

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, total ou parcial, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.160/98)

Capa: Anne Miller

Edição digital: Junho de 2018.

Índice

Índice

Prólogo

Capítulo 01 — Jéssica

Capítulo 02 — Engravatado

Capítulo 03 — Ameaça

Capítulo 04 — Insistência

Capítulo 05 — 100 Dias

Capítulo 06 — Flores

Capítulo 07 — Primeiro Encontro

Capítulo 08 — Jantar

Capítulo 09 — Velho Amigo

Capítulo 10 — Convite

Capítulo 11 — O Informante

Capítulo 12 — Baile

Capítulo 13 — Família

Capítulo 14 — Passeio Noturno

Capítulo 15 — Hesitação

Capítulo 16 — Desejo

Capítulo 17 — Chuveirada

Capítulo 18 — Namoro

Capítulo 19 — Salinha

Capítulo 20 — A Dama de Vermelho

Capítulo 21 — Projeto Misterioso

Capítulo 22 — Fim de Caso

Capítulo 23 — O Último Dia

Capítulo 24 — Tarde Demais

Capítulo 25 — Recomeço

Epílogo

Conheça os Meus Outros Trabalhos

Anne Miller

Prólogo

DIA 100

O vento soprou forte contra o rosto de Erick Marinho, como se quisesse alertá-lo da tempestade que estava prestes a chegar, estragando o momento que ele havia planejado para ser perfeito. Mesmo assim, o moreno continuou parado próximo ao banco da praça, segurando o buquê de rosas vermelhas enquanto repassava mentalmente as coisas que diria no momento em que ela aparecesse.

“Eu sabia que você viria” pensou ele, ainda em dúvida se deveria arriscar em uma brincadeira, dizendo algo como *“Até porque você nunca resistiu ao meu charme”*.

— As rosas são vermelhas porque significam um *“eu te amo ou qualquer outra porcaria assim”* — sussurrou Marinho para o vazio, imaginando-a bem à frente dele.

Mas os minutos foram se passando e ele continuou sozinho, memorizando frases que poderiam vir a ser inúteis caso ela não aparecesse.

O que o assustava não era o vento, as frias gotas que começavam a cair sobre a sua cabeça e nem mesmo o estrondo que surgia logo após o clarão. Erick era assombrado por aquilo que não podia controlar — o que não era uma grande surpresa, levando-se em conta que a falta do controle sempre foi a sua maior inimiga.

A incerteza o quebrava cada vez que ele voltava seus olhos esverdeados para o relógio prateado em seu pulso esquerdo.

Jéssica já estava mais de dez minutos atrasada.

Por mais que ele quisesse continuar se enganado, dizendo a si mesmo que aquilo não passava de um atraso bobo — já que a loira sempre foi péssima com horários —, que ela apareceria naquela praça sorrindo e que depois disso passariam a vida inteira juntos, lá no fundo ele sabia da verdade.

Erick sabia que todas aquelas frases bonitas que ele decorou nunca seriam pronunciadas, pois ela não apareceria. Ele sabia que não envelheceriam juntos, pois a história que compartilharam havia terminado ali.

A pessoa que ele mais amava no mundo havia feito a sua escolha.

E, infelizmente, essa escolha não o incluía.

A sua ficha só foi cair completamente quando a chuva engrossou,

encharcando-o por completo. Nesse instante — com o cabelo escorrendo água e com boa parte das rosas destruídas —, ele soube que não podia mais continuar ali, esperando por alguém que nunca apareceria.

Por algum motivo, Marinho sorriu sem graça, invadido por uma estranha vergonha. O riso frustrado ecoou pela praça vazia, ceifando todas as esperanças que ele alimentou durante os cem dias que havia passado ao lado dela.

Mas ainda assim, mesmo sabendo exatamente como tudo havia terminado — com ele sozinho e molhado, segurando um buquê que nunca seria entregue —, Erick não se arrependia de tê-los vivido tão intensamente.

Capítulo 01 — Jéssica

DIA 01

Três meses e alguns dias antes.

Acordei antes mesmo de o meu despertador soar e não consegui controlar o sorriso espontâneo que tomou conta dos meus lábios.

Rolei sobre a cama e finalmente abri os meus olhos, encarando o teto branco do quarto. E foi como se alguns dos melhores momentos da noite anterior — de quando eu estava jantando com Alexandre, depois de muito tempo sem vê-lo — estivessem sendo projetados ali.

Com todas aquelas imagens em minha cabeça, foi impossível não pensar na possibilidade de realmente estar com ele — de uma forma romântica. Mas quando o meu despertador começou a gritar, eu concluí esse meu pensamento com uma careta e um “*não, definitivamente não!*”.

Estava perfeitamente bem sozinha.

No entanto, eu admitia que havia sido ótimo rever um velho amigo, um rosto diferente em uma cidadezinha que parecia nunca mudar.

Levantei-me da cama e fui para a cozinha. No meio do caminho, encontrei Caroline jogada em cima do sofá, com uma expressão que gritava “*eu, com toda a certeza, vou me atrasar hoje!*”.

Aproximei-me dela e fiz questão de lembrá-la, não lhe dando a chance de usar novamente o “*mas foi você que não me chamou*” como justificativa para o seu atraso.

— Você sabe que hoje é o seu dia de abrir a lanchonete, não é? — questionei, queimando-a com os meus olhos. E antes que ela pudesse responder à minha pergunta retórica, algo típico de Carol, completei: — Pode ir acordando, garota!

A minha irmã se mexeu e fez uma careta antes de abrir os olhos.

Caroline já tinha vinte anos, mas continuava agindo como se tivesse apenas dezessete. É como dizem, alguns jovens nunca deixam de ser adolescentes.

— Eu estou completamente destruída — respondeu-me ela com uma voz sonolenta. Tinha certeza de que a mesma havia ido dormir amanhecendo o dia. Mas não precisei nem perguntar, pois ela continuou e me deu a resposta. — O

Felipe foi embora bem tarde, deve estar mais quebrado do que eu.

Deixei Carol no sofá da sala e retomei o meu caminho em direção à cozinha. Depois de notar que a louça estava transbordando — e de constatar que ainda não me sentia preparada psicologicamente para lavá-la —, peguei a chaleira no armário para fazer o café.

— Tem como me cobrir hoje no período da manhã? — perguntou-me Caroline gritando lá do sofá.

E eu nem esperei para responder com um “*não, não tem*”.

— Eu não mandei você ficar namorando até tarde da noite — respondi ao seu pedido, decidida a não ceder dessa vez. — Ainda é segunda-feira, então não faça corpo mole, Carol.

— De que adianta ser a dona da porcaria do lugar se a gente não pode faltar quando quer? — Perguntou-me ela, arrancando um sorriso do meu rosto. Como eu não respondi à sua provocação, a minha “irmãzinha” percebeu que teria que comparecer ao trabalho. — E só pra constar, ter a minha irmã como chefe é uma droga.

Depois de passar o café, eu o servi em duas xícaras e levei uma delas para Carol, que já estava quase pronta para o trabalho, terminando de calçar o sapato.

— E aí? — indagou a minha irmã, assim que pegou a xícara da minha mão, nem escondendo o tom malicioso na pergunta.

Eu sabia exatamente sobre o que — ou melhor, sobre “quem” — ela estava se referindo, mas me limitei a uma expressão confusa, como se não tivesse compreendido.

— Como é que foi com o gostosão? — ela prosseguiu, fazendo-me revirar os olhos com aquela pergunta. — Me diz que vocês transaram muito e que você finalmente decidiu dar uma chance pra ele?

Ao ouvi-la pronunciando o “*me diz que vocês transaram muito*”, eu só constatei o quanto estava ficando velha — a ponto da minha irmã, que eu costumava me referir com um “*zinha*”, estar fazendo uma pergunta com cunho sexual.

— Não para a parte da chance e, definitivamente, não para o sexo... — respondi, fingindo que nunca passou pela minha mente ter algo além da amizade com Alexandre. — Eu já te disse mil vezes, nós somos só amigos.

Antes que eu pudesse mudar de assunto, comentando sobre qualquer outra coisa que não fosse a minha vida sexual — quase inexistente, diga-se de

passagem —, ela continuou falando, como se estivesse lendo os meus pensamentos: — Qual foi a última vez que você transou?

Por algum motivo, eu me senti ofendida com a pergunta — o que meio que comprovava o ponto dela.

— Eu, definitivamente, não quero discutir isso com você — rebati, tentando colocar um ponto em toda aquela conversa, que já estava começando a ficar constrangedora.

— Já faz quase quatro anos que chegamos aqui e, desde então, você não esteve com ninguém... Ninguém, Jéssica! — Caroline continuou com aquele assunto que eu não queria ter, simplesmente porque não o considerava necessário. — Já está na hora de você superar o... — Ela se interrompeu instantes antes de pronunciar o nome “*dele*”, da pessoa sobre a qual sempre evitávamos falar. — O que eu estou tentando dizer é que...

— Estou muito bem, Caroline. — Eu a interrompi, tentando fazer com que ela e todas as pessoas ao meu redor entendessem de uma vez que eu não precisava de um homem para estar bem e feliz. — Na verdade, eu nunca estive melhor.

Diferentemente do que todo mundo costuma pensar, nós não precisamos de outra pessoa para superar um antigo amor. Tudo o que se precisa fazer é perceber que não necessita dele e de todas as coisas ruins que o acompanham. Isso leva algum tempo, mas a magia eventualmente acontece e você acorda bem e feliz — exatamente da forma que eu me sentia.

— Agora, levanta essa sua bunda apaixonada do sofá e vá abrir a lanchonete — completei, não deixando de rir. — Daqui a pouco eu apareço por lá.

Sem nenhuma animação, ela se levantou e balançou a cabeça, em uma negativa.

— Já que eu vou ter que abrir, não ouse a aparecer por lá antes das dez — respondeu ela, com um olhar sério. — Assista televisão, leia um livro... Ou sei lá o quê, mas dê um jeito de aproveitar o seu dia de chegar mais tarde.

Balancei a minha cabeça, ainda sem saber se conseguiria mesmo ficar em casa sem fazer nada.

Geralmente, eu nunca realmente usava os meus dias de chegar mais tarde — que aconteciam quando Caroline estava encarregada de abrir a lanchonete. A verdade era que eu mesma só não a abria sempre porque queria tornar a minha irmã mais responsável e não tinha uma maneira melhor de fazer isso do que lhe

dando obrigações.

Aproveitei o tempo extra para tomar um banho bem demorado.

Muita coisa mudou nos últimos anos, mas não a minha mania de desperdiçar água, pensando na vida enquanto o líquido quente caía sobre as minhas costas. Era algo que eu nunca conseguiria deixar para trás.

Já coloquei em mente exatamente o que eu faria assim que chegasse à “*Lancaster*” — sim, esse era o nome da minha lanchonete.

Por mais que eu tivesse me livrado da maior parte das coisas que remetiam ao meu antigo trabalho — e, conseqüentemente, a “*ele*” —, quis preservar o sobrenome da mulher que eu costumava ser. Até porque foi com o dinheiro que ela ganhou com programas que eu consegui abrir a lanchonete. Achei que deveria fazer uma espécie de homenagem para aquela minha face que eu precisei matar.

Deixei o chuveiro e me enxuguei em frente ao espelho.

Depois de muito tempo, eu já era capaz de encará-lo sem enxergar ali nenhum vestígio de Sabrina — e nem mesmo da Jéssica que eu sempre sonhei em ser.

Sentia-me uma mulher completamente diferente.

Talvez fosse culpa da cor loira que cobria os meus cabelos que uma vez já haviam sido castanhos. Talvez fosse culpa do corte curto, que os mantinha um pouco acima dos meus ombros. Talvez fosse culpa da ausência de toda a maquiagem que eu costumava usar. Eu não tinha certeza, mas não podia dizer que desgostava da pessoa refletida.

Essa, sem dúvida alguma, era a melhor versão de mim mesma.

Até pensei em pegar um livro, me jogar no sofá ou só ouvir um pouco de música enquanto observava o tempo passando até às dez horas da manhã, mas eu não consegui. Tudo o que a minha mente conseguia pensar, eram nas inúmeras coisas — em sua maioria eram problemas — que me esperavam na lanchonete.

Isso, provavelmente, me tornava um pouco viciada em trabalho, mas eu não conseguia evitar.

Simplesmente peguei a minha bolsa e deixei a casa, partindo em direção ao meu trabalho, que ficava a menos de três quadras de onde eu morava.

Não há coisa melhor do que poder ir trabalhar caminhando, não se preocupar com trânsito, clima ruim ou qualquer outro “obstáculo” que costuma ficar entre a sua casa e o seu local de trabalho.

No instante em que cruzei a porta da Lancaster, a minha irmã me lançou um olhar de “*o que você está fazendo aqui, mulher?*”. E eu simplesmente o ignorei, indo direto para a sala dos fundos, organizar parte da papelada que já estava fazendo aniversário.

Eu sempre evitava acumulações, já que só complicaria as coisas mais tarde. Mas, infelizmente, acabei me descuidando e agora havia uma montanha de coisas para resolver.

Com o tempo, descobri que administrar não era a coisa mais fácil do mundo e ser “a chefe” exigia o dobro de esforço do que o de uma simples subordinada. Eu não me preocupava apenas com o meu próprio salário, mas com o de todos os meus funcionários, pessoas que dependiam de mim para alimentar as suas famílias.

Ou seja, muita pressão por conta de toda a responsabilidade, entretanto era um peso que eu gostava e era mais do que capaz de carregar.

Caroline entrou na sala e me avisou que iria buscar os salgados com o fornecedor, mas não fez isso sem continuar me encarando com aquele seu olhar que gritava “*você não deveria nem estar aqui!*”.

Ignorei isso e sorri, mostrando o quanto estava animada com o fato de ela já estar dirigindo, indo buscar mercadorias de carro. Essa era a primeira semana dela com a carteira de motorista e eu não poderia estar mais feliz.

Quem a observava dirigindo nem imaginava que ela havia reprovado três vezes no teste prático — duas vezes na baliza e uma na rua. Mas depois que ela foi aprovada, mostrou que sem toda aquela pressão do exame — que é demais para a cabeça de qualquer uma —, sabia muito bem o que estava fazendo.

Passei mais de duas horas cercada por inúmeros papéis, fiz dezenas de ligações e já estava com a mente cheia, ansiando pelo horário do almoço, que aconteceria em exatos trinta minutos.

Como morava perto, costumava almoçar em casa mesmo. Na maior parte das vezes, eu e Carol esquentávamos e comíamos o que sobrava do jantar. Mas como eu havia jantado fora na noite anterior — e não queria tornar a encarar a pia cheia de louça suja —, almoçaria em um restaurante próximo à lanchonete.

Um dos meus funcionários bateu três vezes na porta antes de entrar, roubando toda a minha atenção.

Pela expressão de seu rosto, notei que havia algo de errado.

E, no mesmo instante, a imagem de Reginaldo veio à minha mente.

Tratava-se de um senhor bêbado que sempre aparecia procurando por

confusão — e quase sempre encontrava com Felipe ou outro de meus funcionários. Na maior parte das vezes, era eu que conseguia apaziguar a situação, convencendo-o a ir para casa.

Mas antes que eu pudesse perguntar o que Reginaldo tinha aprontado dessa vez, o homem à minha frente começou a falar, roubando todas as palavras que estavam em minha boca.

— Você conhece alguma Sabrina? — questionou Felipe, fazendo com que o meu coração falhasse em uma batida. — É que tem um cara procurando por ela, dizendo que essa pessoa trabalha aqui...

Não.

Não.

Não.

Não.

Não.

— Quem... quem é que está procurando por ela? — indaguei, ainda mentalizando o “*não*”, como se isso fosse capaz de mudar a minha realidade.

— Um cliente, um cara engravatado, que está sentado em uma das mesas...

“Um cara engravatado”.

Algo na minha mente gritou *“é completamente impossível, não pode ser ele”*, mesmo com todas aquelas circunstâncias apontando para isso.

Eu não conseguia nem processar a possibilidade de estar errada.

E a parte mais estranha era que eu estava com medo de sair da sala e comprovar que realmente se tratava *“dele”* — do cara que tentei evitar por tantos anos — e não ter para onde fugir.

Deixei de enrolação e abri o meu notebook. Ainda hesitante, cliquei no aplicativo que me dava acesso a todas as câmeras da lanchonete. E na terceira, eu consegui ver o rosto do infeliz, distorcido pela baixa resolução do equipamento.

Mesmo todo *“pixelizado”*, aquele homem era inconfundível para os meus olhos, que costumavam ser atraídos por ele.

Era mais do que oficial.

Ele havia mesmo me encontrado.

Capítulo 02 — Engravatado

DIA 01

Foi um daqueles momentos em que a verdade está bem na nossa frente, mas que não queremos acreditar e tentamos ao máximo ignorar, como se ela fosse deixar de existir só porque não queremos vê-la.

Nesses quase quatro anos fugindo “*dele*”, eu passei por vários estágios.

Houve aquele em que eu não queria ser encontrada.

Somente o pensamento de tê-lo à minha frente era capaz de me assustar, como se o CEO fosse um monstro horripilante que ficava debaixo da minha cama.

Depois disso, eu passei pela fase de torcer para que ele me achasse.

Nesse determinado estágio, eu ansiava pela oportunidade de jogar na cara dele o quanto eu estava bem — mesmo não estando —, eu queria dizer que não precisava mais dele, que eu não precisava do seu dinheiro e amor, que estava feliz sozinha, o que também não era uma verdade — pelo menos, não naquela época.

E agora — na terceira e última fase —, eu estava finalmente vivenciando a parte em que não ansiava mais por um reencontro, a parte em que o estar bem sozinha realmente era uma verdade. E, ao vê-lo através de uma das câmeras de segurança, não enxerguei o cara que amava, a pessoa que me fez sentir raiva e amor ao mesmo tempo. Tudo o que eu fui capaz de enxergar, foi uma mancha escura em minha folha branca — no recomeço que eu tanto lutei para conquistar.

O “*engravatado*” me esperando na terceira mesa era apenas uma imperfeição que eu estava desesperada para consertar.

Voltei o meu olhar para o homem ao meu lado e, com toda a calma do universo, disse: — Diga a ele que não tem nenhuma Sabrina aqui. — Antes que Felipe pudesse deixar a minha sala, eu completei: — E caso ele se recuse a sair, coloque-o pra fora à força...

O namorado da minha irmã estranhou, mas não o suficiente para questionar uma ordem minha — a chefe dele.

Como não queria continuar a assisti-lo, fechei o meu notebook e voltei a me concentrar nos papéis que estavam em cima da minha mesa.

E isso foi inútil, já que eu não conseguia tirá-lo da minha mente.

Ainda que eu não fosse mais aquela menina que sofreu muito ao ser chamada de “lixo” pelo homem que amava, eu tinha muita curiosidade em saber como ele estava — por mais que sempre fingisse não querer saber a respeito dele.

Por algum motivo — talvez porque, no começo, achei que a melhor forma de esquecê-lo seria arrancá-lo da minha vida como a uma erva daninha —, eu tinha tornado Erick Marinho na porra do Voldemort, referindo-me ao executivo sempre como “ele” ou “o que não deve ser nomeado”. E isso afetou as pessoas ao meu redor, o que ficou comprovado na minha conversa com Carol mais cedo, quando ela se interrompeu no instante em que pronunciaria o nome dele.

Bateram na porta, trazendo-me de volta dos meus pensamentos, que eram todos sobre o cara lá fora.

— Ele foi embora... Com muita resistência, mas foi. — Informou-me Felipe, aliviando-me completamente. Depois que disse “obrigada”, ele continuou dentro da sala, com os olhos colados em mim e isso fez com que eu imaginasse o que ele diria antes mesmo que as palavras deixassem a sua boca. — Tá tudo bem? Se tiver com algum problema com esse cara, eu...

— Está tudo bem. Eu juro. — Eu o interrompi, fazendo questão de tranquilizá-lo. Por mais que eu não estivesse nos meus melhores dias com Erick, não queria que o namorado da minha irmã pensasse que ele era um homem perigoso. — Ele é só um babaca que estou tentando evitar.

Felipe sorriu e acenou com a cabeça, antes de me deixar sozinha, permitindo que eu tornasse a pensar no infeliz.

Quando notei que estava perdendo o meu tempo precioso — que deveria estar sendo usado para resolver todos aqueles problemas administrativos —, voltei a focar nos papéis que estavam na mesa.

Dediquei mais trinta minutos para a organização e então resolvi sair para o meu almoço. Como sabia que, naquele dia, Carol almoçaria com o namorado, eu optei por ir sozinha.

Caminhei para a saída da lanchonete, tentando decidir se pediria comida japonesa ou stroganoff de frango. Antes que eu pudesse chegar a uma conclusão, acabei esbarrando em alguém, causando um daqueles momentos constrangedores em que não sabemos se pedimos desculpa ou só nos afastamos depressa.

— Des-s-sculpe...

— Tudo bem, não... não foi nada — respondeu aquela voz grave extremamente familiar.

E, no mesmo instante, eu levei um choque, que correu por todo o meu corpo, deixando-me travada por alguns segundos. Transformei-me na vítima perfeita para o predador que continuava próximo a mim.

Quando consegui recobrar a consciência, eu nem mesmo voltei o meu olhar em direção ao seu rosto, simplesmente continuei andando, tentando escapar de Erick, que, aparentemente, estava de tocaia ali na rua — o que lembrava bastante Juliano, outro dos meus clientes que passou a me perseguir no passado, quando optei por interromper os programas.

Consegui andar menos de dez metros e então ouvi passos apressados em minha direção.

Quando senti a mão no meu ombro, o meu coração parou por um instante, o meu estomago gelou e a minha mente ficou completamente “bugada”, deixando-me sem saber o que fazer.

Era melhor eu me virar e cumprimentá-lo ou ignorá-lo e continuar andando?

Como eu conhecia bem aquele homem, sabia que a segunda opção não daria muito certo. Então, eu me virei, finalmente colocando os meus olhos naquele rosto.

No instante em que o vi, notei que tinha acabado de solucionar uma de suas dúvidas. Erick não tinha me reconhecido de início, apenas suspeitou que fosse eu. E eu me detestei por estar ali, confirmando isso.

— Oi... — sussurrou ele como se estivesse vendo um fantasma, talvez um tão horripilante quanto o que os meus olhos observavam. — Você está... Você está tão diferente...

Ainda com os meus olhos fixos em seu rosto, percebi que não era a única que estava diferente, por mais que as mudanças em Erick fossem mais sutis.

Ele estava com a barba por fazer e com o cabelo em um corte diferente — tinha os lados bem curtos e com bastante volume em cima —, entretanto, mantinha o mesmo topete descolado para o lado. Dois botões de sua camisa branca estavam desabotoados e ele ainda usava um terno, mas, pela primeira vez, não tinha uma gravata completando o seu visual.

O ar “desleixado” em seus trajes lhe agregavam um certo charme. Ou talvez eu só não estivesse acostumada a vê-lo com aquelas “imperfeições”.

— E você, pelo jeito, não mudou muito... — respondi, não conseguindo

controlar o deboche evidente em meu tom de voz. — Está até me perseguindo...

Depois de dizer isso, eu me virei e, mudando completamente de ideia, continuei andando. Diferente do que eu tinha pensado, não estava tão preparada assim para ter aquela conversa.

E, aparentemente, nem mesmo Erick estava, já que havia iniciado o assunto com um “oi”.

Desisti da comida japonesa e do stroganoff de frango, rumando para a minha casa. E a cada cinco segundos, eu olhava por cima do meu ombro, certificando-me de que Erick não estava bem atrás de mim. Quando estava quase dobrando a esquina, eu o avistei me encarando; lá no final da rua.

Dei uma corrida até a minha casa e fechei a porta, respirando com bastante dificuldade. Além de ter o meu fôlego roubado por ele com o nosso reencontro, ainda tive que fugir — em um sentido bem literal da palavra.

Em vez de almoçar, eu passei o meu tempo livre limpando a pia e o fogão — e todas as outras coisas sujas que eu encontrava pela frente. Estava fazendo qualquer coisa que me impedisse de abrir a porta e correr em direção ao cara que eu não deveria reencontrar.

Eu não estava me derretendo como no tempo em que ainda estava apaixonada por ele, mas toda a surpresa do reencontro — somada ao tempo em que passamos juntos e a forma como a nossa história terminou —, fez com que os meus pensamentos tornassem a trabalhar em função dele, o que soava como um enorme retrocesso.

Era como se eu tivesse acabado de quebrar uma dieta de um mês ao devorar uma barra de chocolate inteira.

Mas não havia como ser muito diferente disso. Erick era a porcaria do meu primeiro — e, provavelmente, único — amor, era natural ainda sentir alguma coisinha na presença dele. E eu estava bem com isso, contanto que a “coisinha” não se tornasse uma “coisona” — tão grande quanto costumava ser.

Ao contrário do que sempre acontecia, eu levei quase duas horas para voltar à lanchonete. E quando o fiz, andei pelas ruas como se estivesse sendo seguida — de forma totalmente paranoica, diga-se de passagem.

O alívio foi enorme quando entrei na Lancaster e não o encontrei sentado em uma das mesas. Essa era uma das poucas vezes em que fiquei animada por vê-las vazias.

Peguei um salgado e uma latinha de Coca-Cola e os levei para a minha salinha lá nos fundos.

Fiquei trancada lá dentro até o final do meu expediente.

E, obviamente, não consegui esquecer o executivo em nenhum momento do dia. Todas as vozes e passos pareciam pertencer a ele, enxergava o seu rosto no de todos os outros. O cretino estava em todos os lugares e, ao mesmo tempo, em nenhum deles.

Caroline não veio me questionar nada, então cheguei à conclusão de que, felizmente, o seu namorado não havia lhe contado sobre o incidente que aconteceu ainda na parte da manhã, quando ela tinha saído para buscar os salgados.

Mesmo que muito lentamente, a segunda-feira avançou e, quando o meu expediente chegou ao fim, eu estava mais quebrada do que se realmente estivesse trabalhando, concentrada nos problemas que me restavam.

E, assim como eu fiz quando voltei do almoço, caminhei para casa olhando para os quatro lados, esperando Erick surgir de um deles.

Mas também não o encontrei pelo caminho.

Se ele estava mesmo me observando ou me seguindo — o que não seria uma grande surpresa —, certamente não era de uma forma que eu conseguiria notar.

Capítulo 03 — Ameaça

DIA 02

Na manhã seguinte, foi como se tudo finalmente tivesse voltado ao normal.

Eu acordei bem cedo e abri a lanchonete, Caroline acordou tarde e chegou atrasada. Em parte, porque, diferente do dia anterior, eu não a chacoalhei até que ela despertasse. Mas o fato mais interessante era que não havia mais nenhum vestígio de Erick Marinho em nenhum canto da cidade.

Ele não apareceu pela manhã, não me seguiu no horário do almoço e durante a tarde cheguei a me esquecer dele, o que não acontecia desde o minuto em que ele entrou na Lancaster na manhã do dia anterior.

O CEO tinha desistido e ido embora, voltando para o buraco de onde saiu, libertando-me de um drama que eu nunca pedi para fazer parte.

Ou pelo menos, foi isso o que eu pensei até que o meu expediente chegasse ao fim e que eu o encontrasse me esperando do lado de fora da lanchonete, com uma expressão inocente em seu rosto safado.

Depois de me encarar, os seus olhos verdes subiram em direção ao letreiro na fachada do meu estabelecimento.

— Lancaster... É sério? — questionou-me ele com um sorriso naqueles lábios que continuavam tão convidativos quanto antes. — Eu pensei que você tinha deixado tudo isso pra trás.

— Infelizmente, nós não conseguimos nos livrar de certas coisas, não é mesmo? — respondi com uma “*direta*” que o deixou sem graça.

— Eu sei que posso estar sendo um pouco inconveniente...

— Um pouco inconveniente? — ironizei, não conseguindo deixar de rir de forma bem debochada.

Ele deu dois passos, aproximando os nossos corpos e isso fez com que, automaticamente, eu retrocedesse; como se ele pudesse me machucar de alguma forma. Foi uma coisa instintiva, algo que eu não controlava.

— Eu quero... Será que gente pode conversar?

— Não, nós não podemos — respondi de imediato, tentando deixar isso bem claro pra ele. — E não é só porque eu não quero, mas porque não temos

mais nada para falar um para o outro... — Com os meus olhos fixos naquelas lanternas esverdeadas, que já haviam me arrancado diversos suspiros, eu prossegui: — Você mesmo já me disse coisas demais naquela noite.

— E não tem um dia desde então que eu não me arrependa de tê-las dito — Erick insistiu, forçando uma conversa que nós não precisávamos ter. — Eu...

— Eu... eu não faço mais aquele tipo de trabalho — Eu o interrompi, desviando o meu olhar de seu rosto. Voltei a minha atenção para a fachada da lanchonete, encarando o letreiro cor de rosa. — O nome “*Lancaster*” é a única coisa que sobrou da Sabrina...

Ele fechou os olhos, como se estivesse buscando alguma coisa no fundo de sua mente. E, ainda que eu quisesse encerrar aquela conversa o mais rápido possível, fiquei bastante apreensiva.

— Eu só quero uma chance de te explicar... Só uma droga de chance, Jéssica.

— Não acho que preciso de uma explicação sua, não para o que aconteceu com a gente, pelo menos — tornei a comentar, forçando um meio sorriso. — Mas foi... foi bom te ver, Erick...

Eu simplesmente me viraria e o deixaria ali, falando sozinho — exatamente da forma que eu fiz com Juliano no passado —, mas ele agarrou o meu braço, impedindo-me de deixar aquela cena, que estava se tornando mais dramática a cada segundo.

O executivo manteve-me presa a ele. Mas não foi da forma como aquele meu antigo cliente tinha feito em frente à casa de jogos, não havia nenhuma brutalidade em seu toque, tampouco em seu olhar.

Foi como se Erick só quisesse me olhar por mais alguns poucos segundos.

— Eu não vou embora antes de você me ouvir — ele disse com firmeza, mostrando-me que o CEO impiedoso continuava ali dentro dele. — Eu vou aparecer aqui todos os dias até você aceitar falar comigo.

Sim, Erick estava me ameaçando.

Mas eu já tinha passado do tempo de me preocupar ou me estressar com algo assim.

— Então, até amanhã — respondi com um sorriso no rosto, transparecendo o nível da minha preocupação.

Após a minha resposta, ele soltou o meu braço e permitiu que eu seguisse para a minha casa. E, dessa vez, nem mesmo me seguiu até a esquina.

Eu só fui conseguir respirar direito quando já estava na minha casa, com a porta fechada.

— O que aconteceu? — questionou a minha irmã, reparando na expressão assustada do meu rosto. — Parece que viu um monstro...

Como sabia que ela acabaria descobrindo — principalmente, porque Erick deixou claro que não iria embora —, resolvi abrir logo o jogo e poupar a dor de cabeça futura.

— Ele... ele voltou.

— O gostoso do Alexandre? — indagou Caroline em um tom malicioso. — Vocês vão jantar de nov...

— Não... O Erick... — Eu a interrompi, transformando a expressão do rosto de Carol. Em poucos segundos, ela ficou ainda mais chocada do que eu havia ficado ao vê-lo pela primeira vez. — Ele está aqui.

Capítulo 04 — Insistência

DIA 09

“Eu não vou ir embora antes de você me ouvir. Eu vou aparecer aqui todos os dias, até você aceitar falar comigo” dissera-me Erick, em nosso último encontro, quando ele ficou de tocaia do lado de fora da lanchonete.

No momento em que o moreno pronunciou aquelas frases, eu nem mesmo me incomodei com a ameaça, até respondi de forma debochada. Foi como se, naquele instante, eu não estivesse realmente levando a sério que um cara como ele — extremamente importante e ocupado — fosse mesmo perder tempo me perseguindo.

Diferente de como aconteceu com Juliano no passado, Erick não era do tipo de cara que abria mão do controle — em todo o período de tempo em que estivemos juntos, ele nunca abriu. O executivo nunca ficaria me perseguindo pela cidade, arrastando-se atrás de mim como um cachorrinho. Marinho tinha o estilo de homem que mandava algo ou alguém para fazer o seu trabalho sujo — assim como aconteceu com os seguranças e aquele crachá com o localizador.

Ele nunca se sujeitaria a algo assim.

Pelo menos, foi isso que eu pensei até a manhã do dia seguinte, quando eu descobri que, aparentemente, já não o conhecia mais.

— Bom dia, Jéssica! — cumprimentou-me Erick no momento em que me viu abrindo portão de casa. Ele voltou os olhos para o relógio prateado em seu pulso. — Pelas minhas contas, você está mais de dez minutos atrasada.

Eu não tinha ideia de como ele sabia sobre os meus horários — ou melhor, como conseguiu comprar essa informação —, mas, obviamente, eu não parei para conversar com ele pra descobrir. Simplesmente passei a chave no cadeado do portão, trancando-o e fui para a Lancaster.

E ele me seguiu.

— E aí, já resolveu conversar comigo?

Apressei os meus passos e, sem olhar para trás, respondi: — não, eu não vou falar com você.

— Você sabe que, tecnicamente, já está falando comigo, não é?

Tentei não surtar, atirando a minha bolsa na cara debochada dele, mas Erick não ajudava muito, falando sobre um monte de coisa que eu não tinha

interesse em ouvir.

— E foi assim que eu descobri que a comida do hotel em que estou hospedado é horrível... — Ele se colocou ao meu lado, tornando difícil de não olhar em sua direção. — Seja boazinha com o novato aqui e me indique um bom lugar para almoçar... Você não quer que eu morra de fome, né?

Ignorei a pergunta, fingindo que ele não estava falando comigo. Aquelas três quadras pareceram cinquenta ao lado de Marinho e quando eu cheguei à lanchonete, lembrei-me de que ainda precisava abri-la, o que significava mais um tempo ao lado dele.

Eu coloquei a minha bolsa no chão e me abaixei para abrir a porta de metal. Depois que a destranquei, mesmo sem pedir a ajuda dele, o homem ao meu lado se prontificou em erguê-la, facilitando o meu trabalho.

Ele, provavelmente, pensou que eu diria um “*eu não preciso da sua ajuda*”, o que lhe daria a chance de emendar um “*eu pensei que você não estava falando comigo?*”.

Continuaria daquela forma, agindo como uma criança jogando o jogo do “*silêncio*”, mas quando adentrei a Lancaster, Erick entrou junto comigo e isso me tirou do sério. Nós não estávamos mais em um local público.

— Eu não me lembro de ter te convidado pra entrar — disse, dirigindo a minha palavra a ele, exatamente o que ele queria. — Fora daqui!

Ele não se assustou com a altura da minha voz, tampouco com o fato de eu estar lhe expulsando, como se ele fosse um cão sarnento.

— Desculpe, é que eu pensei que aqui fosse uma lanchonete comum... — ironizou ele, fazendo-me revirar os olhos. — Não sabia que tinha que ter uma carteirinha pra frequentar ela.

— Ela... ela ainda não está aberta! — respondi, colocando-o pra fora e fechando a porta de vidro.

Mesmo estando do lado de fora, eu ainda consegui ouvi-lo pronunciar um “*então, até daqui a pouco!*”.

E ele realmente cumpriu com a promessa de me perseguir.

Durante uma semana inteira, o CEO apareceu na Lancaster. Sentava-se sempre nas primeiras mesas, pedia um café preto sem açúcar e, é claro, que o mesmo fosse servido por mim — já que era uma ótima maneira de me irritar.

No primeiro dia, eu pensei em simplesmente colocá-lo para fora à força — assim como fiz no dia em que ele apareceu pela primeira vez —, mas depois de pensar um pouco, cheguei à conclusão de que não funcionaria. Erick daria um

jeito de me explicar que eu não podia negar um consumidor de tomar uma xícara de café, caso o mesmo pudesse pagar por ela. Era capaz do cretino trazer uma cópia do código do consumidor para que eu lesse.

E como já era de se esperar de alguém como ele, Marinho não se limitava a “tomar café” na minha lanchonete. O cretino me esperava do lado de fora em meu horário de almoço e também retornava sempre alguns minutos antes de eu fechá-la.

Como se não fosse irritante o suficiente ter ganhado uma nova sombra, ele ficava falando sobre o que tinha feito durante o dia.

— Encontrei um restaurante tão bom que nem parece que fica nesse fim de mundo — comentou ele, quando estávamos dobrando a esquina. — Se você quiser, eu posso te levar pra jantar lá... O que você acha de ter um primeiro encontro comigo, hein?

Eu não respondia, esforçando-me para não interagir com ele, mas, infelizmente, isso não o impedia de continuar falando.

— Eu estava pensando e cheguei à conclusão de que a fachada da sua lanchonete é horrível — continuou ele, não mentindo sobre o visual da Lancaster. — Se você quiser, eu posso te ajudar a desenvolver uma boa logo, algo que chame mais atenção do que um letreiro cor de rosa feio.

Quando chegávamos a minha casa, ele sempre pronunciava um “*boa noite, Jéssica*” e voltava para o lugar onde estava hospedado.

Por mais que fosse louco e muito difícil de acreditar, o engravatado tinha parado a vida dele na capital para vir pro interior me infernizar. Ele passou uma semana inteira ali, aparecia três vezes ao dia, o que descartava a possibilidade de ele estar viajando entre as duas cidades.

No final das contas, o desgraçado acabou me ganhando na insistência.

Quando o nono dia chegou, ele apareceu para atrapalhar a minha corrida matinal, mesmo eu tendo mudado o horário para tentar despistá-lo.

Às vezes era como se tivesse alguém — uma pessoa próxima — contando sobre os meus horários pra ele — ou era eu que estava começando a ficar paranoica.

Essa era a primeira vez que eu o via vestindo um calção e camiseta — ou qualquer coisa que não fosse formal. O seu cabelo escuro estava todo bagunçado, mostrando-me que o meu plano de acordar mais cedo quase deu certo.

Ele me alcançou e passou a correr ao meu lado. E assim como eu fazia

em todas as vezes que ele aparecia, ignorei completamente a sua existência, fingindo que não era capaz de ouvi-lo. Voltei a me concentrar na música reproduzida pelo meu fone de ouvido.

Mas mesmo me esforçando, eu não consegui deixar de ouvi-lo falar todo animado sobre o seu novo investimento, que era, basicamente, uma lanchonete ao lado da minha.

Interrompi os meus passos, parando no meio da rua, sem fôlego algum. Ele também parou e voltou o seu olhar para trás, antes de refazer os seus passos de volta ao lugar em que eu estava.

— Mas já cansou? — Marinho disse assim que se aproximou de mim. — Eu pensei que você aguentava correr uma hora... — Ele ofereceu-me a garrafinha de água em sua mão. — Tá com sede?

Ignorei a sua mão estendida.

— Você me venceu, Erick — respondi, encarando aquela expressão vitoriosa no rosto dele. — Meus parabéns!

Ele deu um sorrisinho que me fez detestá-lo ainda mais.

— Eu gosto de pensar que nós dois vencemos, Jéssica. — Ele bebeu um gole de água e tornou a me fitar com aquelas lanternas verdes. — O amor venceu.

“O amor venceu”.

Definitivamente, não tinha um homem mais irritante no mundo.

— Eu... eu aceito conversar com você — finalmente pronunciei as palavras que ele tanto queria me ouvir dizer. — Isso só se você prometer que vai parar de me seguir.

— Negócio fechado! Onde é que eu assino? — brincou ele, referenciando o contrato que um dia nós já tivemos. Depois de notar o quanto a sua brincadeira foi estúpida, levando em conta a forma com que tudo aquilo terminou, ele completou: — eu fui extremamente babaca agora, eu sei disso...

“Foi babaca só agora?” pensei em questionar, mas acabei deixando passar, pois não queria iniciar a conversa que teríamos ali na rua, enquanto eu estava toda suada.

— Nós conversamos amanhã, na praça ali perto da Lancaster, depois do meu expediente — prossegui dizendo, já conformada de que não continuaria com a minha corrida matinal. — Tudo bem pra você?

Ele balançou a cabeça, confirmando.

— Eu já estou ansioso.

Capítulo 05 — 100 Dias

DIA 10

O céu estava completamente cinzento, como se o universo estivesse tentando reproduzir o que eu estava sentindo naquele momento.

A cor cinza descrevia perfeitamente bem as minhas conturbadas emoções. O meu recomeço — a minha folha “branca” — estava sendo manchado de “preto” por Marinho. E por mais que eu quisesse continuar naquele plano claro, as lembranças escuras estavam voltando para poluir a minha mente.

Quando eu cheguei à praça, Erick já estava lá, esperando por mim. No momento em que eu me aproximei, ele sorriu de forma aliviada, como se ainda não estivesse acreditando que eu realmente estava ali, aceitando aquela conversa pela qual ele havia se esforçado tanto.

— Você... você veio... — disse ele, confirmando todas as minhas suspeitas. O moreno me analisou com aquelas lanternas esmeraldas. — Você está linda, Jéssica.

Era tão difícil continuar a tratá-lo mal quando Marinho agia sempre de forma tão gentil.

Mas isso não fez com que eu amolecesse.

— Então, eu meio que estou esperando... — respondi, contornando aquele seu elogio, juntamente com o sorriso, que continuava colado em seus lábios perfeitos. — O que você tem de tão importante pra falar comigo?

Erick riu e pela expressão de seu rosto, eu estava certa de que ele não sabia por onde começar. Mas quem é que saberia em seu lugar, depois de quase quatro anos?

Ele apontou para o banco da praça.

— Eu acho que é melhor a gente se sentar — comentou o executivo, arrancando-me um sorriso. — Mas não se preocupe, a nossa conversa vai ser bem rápida... Até porque não é como se precisássemos colocar quatro anos em dia...

Sentei-me ao seu lado e foi impossível não me recordar do dia em que visitamos a casa de campo da família dele — provavelmente, o momento em que eu admiti pra mim mesma que o amava —, quando nos sentamos lado a lado e compartilhamos histórias sobre as nossas infâncias, como se estivéssemos em

uma competição de qual delas era a pior.

Mas sempre que uma dessas lembranças surgia, as partes ruins voltavam com elas, como se todas as coisas boas que havíamos vivido estivessem infectadas por uma espécie de vírus que se reproduzia rapidamente, apagando tudo o que era positivo.

E então, de repente, o sorriso espontâneo em meu rosto se transformava em uma careta e eu não conseguia controlar a minha expressão facial, deixando bem claro o ressentimento que eu ainda sentia — por mais que não fosse admitir em voz alta.

— Quando você foi embora, eu procurei por você... — começou o moreno, prendendo a minha atenção de imediato.

Essa era a história que eu sempre quis ouvir, mesmo não admitindo para Caroline e Alexandre quando os mesmos questionavam a respeito.

“Vai me dizer que você não tem nem um pouquinho de curiosidade em saber como ou com quem ele está?” indagou Caroline, diversas vezes. Mas eu sempre mantinha a minha resposta, um claro e simples *“não, eu não tenho”*.

— Eu busquei você por um ano inteiro, vasculhei cada cantinho da cidade e segui todas as pistas que eu consegui encontrar... — Ele riu de forma frustrada, antes de prosseguir: — Mas era como se alguém estivesse tentando me desviar, me afastar de você... Alguém que, depois de muito tempo, eu descobri ser o Alexandre.

Eu sabia que nunca conseguiria escapar de Erick — não sem a ajuda de alguém que possuísse tantos recursos quanto ele —, então a primeira coisa que fiz quando decidi que realmente estava mesmo disposta a fazer isso, foi ligar para Alexandre e pedir-lhe um grande favor.

Se não fosse por todo o auxílio que Alexandre me forneceu, talvez eu nunca tivesse ido embora, talvez eu ainda fosse a Sabrina Lancaster.

— No segundo ano, eu te odiei com todas as minhas forças. Detestei ser abandonado, chutado como um vira-lata qualquer. — Continuou ele, sem encarar o meu rosto. Os seus olhos estavam fixos no gramado esverdeado da praça. — Então, durante esses doze meses seguintes, eu meio que voltei a ser aquele cara... O Marinho dos métodos estranhos, que contratava várias garotas de programa, que tentava... que tentava se esquecer da vida sem propósito que possuía.

Eu permaneci em silêncio durante o seu relato, não queria interrompê-lo e, ainda que eu quisesse, não sabia nem mesmo o que dizer pra ele.

Mas o simples fato de ouvi-lo pronunciar coisas como “*que tentava se esquecer da vida sem propósito que possuía*” provava que ele realmente havia mudado um pouquinho.

O poderoso CEO que eu costumava conhecer nunca admitiria uma coisa assim tão facilmente, pois — para ele — mostrar as suas fraquezas, independentemente de quais fossem elas, era equivalente a abdicar do controle.

— Eu me perdi completamente nesse terceiro ano e quase não consegui me reencontrar. — Erick sorriu, extraindo humor de uma coisa que provavelmente não tinha graça nenhuma. — Foi um ano bem complicado... Cheio de perdas, daqueles que você não sabe como é que conseguiu superar.

Eu senti o peso de suas palavras no momento em que ele disse “*cheio de perdas*” e isso me deixou curiosa sobre o que havia acontecido.

— Mas quando essa fase passou, eu voltei a pensar em você, voltei a pensar naquilo que eu deixei escapar. E, curiosamente, eu acabei cruzando com o Alexandre e em uma curta conversa que tivemos, desconfiei dele... — Ele se interrompeu e a hesitação tomou conta de seu corpo. De alguma forma, eu soube que ele estava decidindo se me contava ou não aquilo que devia estar pairando por sua mente. — Depois disso, eu coloquei alguém pra ficar na cola dele e só tive um retorno há alguns dias, quando ele veio aqui te visitar. Foi assim que eu te encontrei.

Talvez, no final das contas, ele não estivesse tão diferente assim, já que continuava com os mesmos joguinhos de sempre.

Somente depois daquelas palavras, eu consegui notar que realmente havia sido uma grande coincidência Erick ter aparecido um dia depois do meu jantar com o cara que costumava pertencer ao grupo de amigos dele.

O executivo notou em meu rosto que eu não gostei de saber sobre a forma — no mínimo, invasiva — como ele me encontrou.

E como ele não era bobo, deu logo um jeito de mudar de assunto: — Mas e quanto a você, como foram todos esses anos?

Eu não sei o que me fez responder àquela pergunta.

Gosto de pensar que foi a oportunidade de dizer todas as coisas que ficaram entaladas em minha garganta durante longos anos.

— Diferentemente do que você deve pensar, não foi a coisa mais fácil do mundo te deixar... — respondi, lembrando-me do meu plano louco para escapar dele, do quanto foi complicado colocá-lo em prática.

Agora, olhando para trás e recordando-me de tudo aquilo muito tempo

depois — todos os detalhes que envolveram a minha fuga —, soava exagerado demais, mesmo existindo motivos de sobra para eu ter feito as coisas exatamente da forma como elas aconteceram.

— Primeiro porque eu te amava e segundo porque eu não poderia simplesmente dizer que não queria mais continuar com aquilo que tínhamos... Você não me deixaria em paz, Erick. — Ele abriu a boca para tentar se defender, mas, prosseguindo, nem lhe dei a chance. — O fato de você estar aqui sentado ao meu lado, quase quatro anos depois de tudo, é só mais uma prova disso.

Ele fechou a boca, certamente desistindo da desculpa que tinha na ponta da língua. Marinho mandou alguém perseguir o Alexandre para me encontrar, não havia como se defender de algo assim, nem mesmo com os “ótimos” argumentos que ele guardava.

— Eu nunca fui uma mulher insegura, com problemas de baixa autoestima ou algo parecido, mas quando você me disse todas aquelas coisas... — Era doloroso até pra lembrar. Recordava-me da expressão que ele tinha em seu rosto, do tom de sua voz e de como aquilo foi pronunciado, como se o único objetivo fosse me diminuir, “colocar-me no meu lugar”. — Literalmente me chamando de lixo... — Desviei os meus olhos, não aguentando mais sustentar o peso de seu olhar. — Essas palavras ficaram marcadas em mim, como se você tivesse tatuado elas na minha pele. — Encarei o fraco movimento de carros do outro lado da praça e continuei dizendo: — Quando eu fui embora, não deixei só você naquela cidade. Eu abandonei toda a minha antiga vida lá, porque eu sabia que não conseguiria continuar vivendo daquela forma. Eu não queria voltar a me sentir daquela maneira, sendo apenas um saco de lixo pra caras como você...

— Eu não quis...

— Eu ainda não terminei... — disse no momento em que ele me interrompeu para, mais uma vez, tentar se justificar, defendendo-se do indefensável. — Talvez eu esteja errada, mas acredito que você quis dizer exatamente aquilo que me falou naquela noite.

Novamente, eu não lhe dei uma chance de se explicar.

— Eu entendo que não havia como você saber o quanto isso me atingiria, mas a questão é que, ainda assim, eu saí de lá machucada... E eu odiei você, Erick Marinho. — Voltei a minha atenção em sua direção. — Detestei por você ter sido carinhoso, protetor e, logo em seguida, destruir com meia dúzia de palavras tudo o que a gente tinha vivido. Detestei você ainda mais nos momentos em que eu fiquei tentada a voltar e me arrastar aos seus pés. Detestei você sempre que eu pegava o meu telefone e discava o seu número... — forcei um

sorriso e completei: — Um dos poucos que eu tinha memorizado... — Respirei fundo, esforçando-me ao máximo para não começar a chorar. — Mas eu acho que, no fim das contas, eu consegui me odiar ainda mais do que odiava você. Eu não enxerguei nenhuma das coisas que estavam bem na minha frente, coisas como a forma doentia que você me controlava com aqueles seguranças, o crachá e toda a sua onipresença em minha vida...

A verdade era que, naquele tempo, devido à minha paixão, eu só conseguia ver coisas boas em Marinho e isso ficou nítido sempre que Victória falava sobre ele — o monstro que estava destruindo a vida dela. Era como se ela estivesse comentando sobre outra pessoa, alguém que eu só fui conhecer quando finalmente tomei coragem para me declarar pra ele — e foi um caminho sem volta.

— Demorou um pouco, mas eu consegui ver o homem que Victória tanto temia — prossegui, balançando a minha cabeça e não acreditando como pude ser tão cega.

— Se te serve de consolo, eu... eu não tenho mais esposa — sussurrou ele com um sorriso bobo nos lábios. — Acho que não me sobrou mais ninguém... Deus deve ter ouvido as suas preces e me amaldiçoado.

Eu sabia que ele estava sem graça com as coisas que me ouviu dizer. Nem mesmo as suas gracinhas conseguiam disfarçar o constrangimento evidente em seu rosto, qualquer um podia vê-lo estampado em sua face.

— As coisas só foram melhorar quando a Caroline teve a ideia de abrir uma lanchonete... — disse e me recordei do momento que ela disse isso de forma despretensiosa. — Eu usei o dinheiro da venda do meu apartamento e com a ajuda do Alexandre, que me auxiliou muito na parte da administrativa, eu consegui abrir as portas da Lancaster...

— Se você soubesse a minha vontade de quebrar a cara desse desgraçado... Você nem tocaria no nome dele — Erick me interrompeu outra vez, tornando a ser o executivo que eu conhecia tão bem a ponto de precisar fugir. — Ele... Esse filho da puta roubou você de mim.

— Não, você foi a única razão de eu desaparecer... Ele só me ajudou com isso — deixei isso bem claro, colocando a culpa de volta nas costas dele. — Você escolheu o seu status, a sua posição privilegiada na empresa do seu sogro e todo aquele glamour... Você fez a sua escolha...

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, eu prossegui: — E, de verdade, não tem problema. Demorou muito tempo, mas eu notei que você não é nenhum supervilão. Quando você me contratou, deixou claro desde o início que

a nossa relação era algo profissional — até estabeleceu um contrato —, não tinha como ter sido mais claro do que isso. Eu me iludi sozinha, vi coisas que não existiam e...

— Não, Jéssica! Você sempre esteve certa. Eu te amava... Eu... eu te amo — rebateu ele, levando a sua mão em direção à minha. — Mas eu fui covarde demais pra assumir isso. Você me pegou desprevenido e, no momento em que estava dizendo que me amava, a única coisa que enxerguei foi a opinião das pessoas que me conheciam, o que todas elas pensariam se soubessem da gente...

Eu não sabia o que era pior: pensar que eu havia me iludido — lutando uma batalha perdida — ou ter a certeza de que estava certa, mas que, ainda assim, tudo deu errado no final.

Erick Marinho havia acabado de me fornecer um novo motivo para odiá-lo.

— Eu sei que não te dei a melhor das recepções, mas eu não odeio mais você... — disse ao CEO, instantes antes de afastar a minha mão da dele. — Mas não acho que podemos ser mais do que duas pessoas que já se gostaram.

E, de repente, foi como se eu tivesse me transformado na vilã, ocupando o cargo que costumava pertencer ao homem sentado ao meu lado.

Os olhos esverdeados dele rumaram em minha direção, fixando-se nos meus, que continuavam evitando o contato direto.

— Eu preciso de uma segunda chance pra minha vida, Jéssica...

Não era justo ele exigir algo assim de mim — não depois de tudo.

— Então, é isso o que eu represento pra você? — indaguei, ainda não acreditando naquelas palavras que haviam acabado de deixar a sua boca. — Uma segunda chance?

Ele balançou a cabeça, negando.

— Não... Você é a minha única chance — ele respondeu, deixando-me ainda mais tensa do que antes. — Eu não acho que possa ser feliz de outra forma.

Era algo complicado demais de se ouvir.

Foi egoísta da parte dele ter dito aquilo, jogar a felicidade da sua vida nas minhas costas. Dessa forma, não havia como eu não sair como a megera ao dizer um “não”. Afinal, eu não seria só a pessoa que o dispensou, mas aquela que o privou da “felicidade”.

— Eu... eu sinto muito...

Eu não sabia nem como terminar aquela frase.

Ele tornou a se aproximar, unindo as nossas mãos. Em seu rosto, estava um sorriso que fez com que eu me lembrasse de todos os nossos momentos bons — aqueles que foram sobrepostos por um único ruim.

— Não deixe que a nossa história termine assim — implorou Marinho, tornando as coisas bem mais difíceis do que elas já eram. — Nós dois merecemos um final feliz.

Eu não queria dispensá-lo de forma tão cruel, mas pareceu-me a única saída.

— Esse é o problema, Erick... Eu já encontrei o meu final feliz — respondi, corroendo-me por pena do homem que estava parado à minha frente, tentando nos aquecer com uma chama que já havia se apagado. — E, infelizmente, você não está nele.

Pelo olhar que ele me lançou, as minhas últimas frases foram como um soco certo em seu estômago.

Eu não queria machucá-lo, mesmo possuindo inúmeros motivos para isso. No entanto, também não queria enganá-lo, fazendo-o pensar que ainda tínhamos alguma chance, que viria um arco-íris em nosso céu claramente tempestuoso.

Depois dessa tempestade, só havia mais chuva.

— Então, me desculpe por isso, de verdade... — comentou ele com aqueles olhos esmeralda queimando o meu rosto. Antes que eu pudesse dizer que ele não precisava se desculpar, o executivo prosseguiu, fazendo-me mudar de ideia quanto ao pedido de desculpas. — Até porque eu não vou embora, não até provar pra você que eu não sou mais aquele homem, que eu realmente te amo.

Eu queria xingá-lo de coisas horríveis, queria jogar na cara do CEO mais uma vez que os meus sentimentos por ele já não eram mais os mesmos. Mas então eu me lembrei do dia em que Erick fez isso comigo e do quanto essa sensação havia sido horrível.

Não conseguiria ser tão maldosa a ponto de sapatear em cima do seu coração.

— Você só vai perder o seu tempo aqui... É melhor voltar para a sua empresa, para os seus amigos ricos e pra todas as coisas que você escolheu há quatro anos.

— Eu estou exatamente onde tenho que estar.

Fechei os meus olhos, sem saber o que deveria fazer para me ver livre dele. Tudo o que eu mais queria, era poder voltar para a minha vida — uma que eu realmente gostava e que não possuía nenhum vestígio de Marinho.

— Cem dias — sussurrou ele, tornando a despertar a minha atenção. — Tudo o que eu te peço são cem dias para provar que eu sou merecedor do seu amor. — Ele leu as palavras que estavam em minha mente, o “*mas que amor? Eu não sinto mais nada*”, e reformulou a frase. — Ou melhor, cem dias pra eu te conquistar novamente... Mas, dessa vez, da forma correta.

Lá no fundo, eu fiquei muito tentada a dizer um “*sim, eu aceito*”. Mas então eu me perguntei se queria mesmo reviver toda aquela dor, jogar sal em uma ferida que já não estava mais doendo. E a resposta foi um óbvio “*não, eu não quero*”.

— Mas eu já te disse, Erick... Eu não sinto mais nada por você.

— Então, você não precisa se preocupar com nada... — respondeu-me ele, mostrando-me que não desistiria tão facilmente. — Se no centésimo dia você continuar não sentindo nada, eu prometo que desapareço e que você nunca mais terá que me ver de novo.

— Cem dias e você some da minha vida? — questionei, ainda sem saber se estava mesmo disposta a embarcar nisso. Ele balançou a cabeça, confirmando. — Eu não sei... O nosso último acordo não deu muito certo... Lembra?

— Sem... sem mais acordos... — respondeu-me ele. — Isso será apenas um encerramento... Para nós dois.

Depois de pensar por alguns segundos, cedendo, eu balancei a cabeça afirmativamente, mesmo sabendo que muito provavelmente, eu me arrependeria disso mais tarde.

— Como você já perturbou demais a minha vida nos últimos dez dias, agora você só tem mais noventa — disse a ele, levantando-me do banco de madeira. — Boa sorte.

Capítulo 06 — Flores

DIA 11

Nós dois combinamos que no centésimo dia, nos encontraríamos naquela mesma praça às dezenove horas. E ficou acertado que, se eu não aparecesse nesse determinado dia e horário, ele já teria a minha resposta.

— Não era mais fácil dizer pra ele que ia chamar a polícia e pedir uma ordem de restrição? — questionou Caroline na manhã seguinte, após eu contar tudo o que havia acontecido entre mim e o executivo.

A minha irmã tinha o dom para descomplicar certas coisas.

No entanto, eu nunca aceitaria embarcar naquela loucura se não estivesse disposta a me molhar — mesmo que bem lá no fundo e ainda não admitindo em voz alta.

— Eu não... Eu não queria pisar nele — tentei me justificar, esforçando-me para mascarar a verdade que eu ainda não queria aceitar. — Eu me reconheci no olhar dele, Carol. Eu me vi no dia em que me declarei e, logo em seguida, fui esmagada... Não queria fazer a mesma coisa.

— Você já começou errada, só por ter ido a essa praça. Deveria tê-lo deixado lá, esperando por alguém que nunca apareceria — continuou ela, deixando bem claro que não concordava com a minha decisão.

E eu não podia culpá-la por pensar assim.

Carol esteve comigo nos meus piores momentos, ajudou-me a catar todo o caco que a minha vida se tornou depois daqueles dias tempestuosos. As mãos dela se cortaram tanto quanto as minhas, então era natural que ela olhasse para as cicatrizes e torcesse o nariz ao se lembrar do estrago que Erick Marinho havia causado em nossas vidas.

Ela tornou a se deitar no sofá, cobrindo-se com o seu cobertor de bolinhas cor-de-rosa, o que significava que ela ficaria ali por bastante tempo — mesmo com o horário apertado.

— Se você acha que eu vou te deixar se atrasar de novo, está completamente enganada — comentei, aproveitando para mudar de assunto. — Levante daí agora.

Fui para a cozinha coar o café.

E depois de fazer isso, eu o servi em uma xícara e sentei-me à mesa.

Enquanto bebericava o líquido, aproveitei para checar as mensagens no meu celular.

Notei que tinha uma de Erick.

Sim, eu tinha passado o meu novo número pra ele no dia anterior.

Como havia aceitado a sua proposta dos “cem dias”, eu optei por fazer isso direito, da forma que tinha que ser. E ainda que eu não lhe fornecesse aquela informação, alguma coisa me dizia que ele a conseguiria de outra forma — assim como conseguiu tantas outras.

“Bom dia, Jéssica.

Estou ansioso para o nosso décimo primeiro dia”.

Eu a visualizei, mas não a respondi.

Não tinha a mínima ideia do que deveria dizer e certamente não iria enviar um simples “*bom dia*” e nem nada que apontasse que eu também estava ansiosa.

Pelo menos, eu não tinha que me preocupar com a possibilidade de que ele invadisse o meu local de trabalho mais uma vez. Nós combinamos que só iríamos nos encontrar quando o meu expediente chegasse ao fim.

O que ele faria nesse meio tempo era um mistério.

Terminei o café da manhã e, antes de sair de casa, acordei a minha irmã outra vez, rumando depois em direção à lanchonete.

A porta de metal sempre emperrava, complicando a minha vida. Já era complicado girar a chave, mas erguer era ainda mais chato. Nesse determinado dia, senti falta de Erick ali comigo, tagarelando sobre qualquer porcaria que ele costumava falar para me irritar. Mesmo sendo bem inconveniente, ele sempre me ajudava a erguê-la, mesmo eu não pedindo a sua ajuda.

Quando finalmente consegui executar essa tarefa, entrei e fui organizando as mesas.

Sempre colocava as cadeiras empilhadas em cima delas, pois, em alguns minutos, Karine chegaria e passaria um pano no chão. Por mais que erguer as cadeiras não fosse um trabalho meu, eu gostava de ajudar — sem contar com o fato de já agilizar um pouco as coisas.

Depois que deixei tudo pronto para quando a minha funcionária chegasse, fui para a salinha nos fundos resolver as minhas coisas.

Como já tinha me livrado da maior parte dos problemas na semana anterior, não faltava muita coisa pra “limpar” toda a papelada.

Próximo das oito horas da manhã — uma hora antes da lanchonete abrir —, fui pegar os salgados com o fornecedor. A pessoa responsável pela maior parte dos assados que vendíamos morava do outro lado da cidade. Mas como se tratava de uma cidade pequena, não dava muitos quilômetros.

Voltei para casa pra buscar o carro e parti até a residência da dona Neusa. Eu não demorei pra chegar lá e como ela sempre estava preparada, só precisei colocar as coisas dentro do carro e pagar pela mercadoria.

Como eu ainda tinha um pouco de tempo sobrando, acabei passando em uma loja de roupa, para dar uma olhada nas coisas que haviam chegado. Provei três blusinhas, mas acabei não ficando com nenhuma delas. Era aquele caso do *“linda no manequim, péssima em mim”*.

Quando eu cheguei à Lancaster, estranhei o movimento.

Ainda faltavam cerca de vinte minutos para abrirmos, e havia alguns veículos estacionamos em frente à lanchonete, o que não era normal. E a parte mais estranha era que não se tratava de carros comuns, mas três Kombis brancas com uma estampa florida.

Estacionei o meu carro e, com a caixa de salgado nas mãos, rumei em direção à lanchonete. Mas quando eu empurrei a porta com o meu corpo, quase deixei a caixa cair no chão.

Inúmeros vasos de flores se amontoavam pelo piso do meu estabelecimento. Não tinha espaço sobrando nem para andar lá dentro.

Eu nunca tinha visto tanta flor junta antes.

Com um pouco de esforço, eu consegui colocar a caixa de salgados em cima da mesa mais próxima. E, só depois disso, consegui analisar melhor o que estava bem na frente dos meus olhos.

Ao notar a minha presença, Caroline caminhou em minha direção. E, pela expressão no rosto dela, eu tive a minha resposta antes mesmo que abrisse a boca.

A minha irmã me entregou um cartão.

— Tem um desses em cada vaso — comentou ela, entregando-me o objeto.

O papel era dourado, com uma estampa de coração na capa.

Eu o abri e encontrei a seguinte mensagem:

“Nesses cem dias, eu quero fazer todas aquelas coisas que eu deveria ter feito, mas que, por algum motivo estúpido, eu não fiz.

E uma das coisas que eu mais me arrependo, é de nunca ter te dado flores.

*Daquele idiota que te ama muito,
Erick Marinho”.*

— Eu parei de contar os vasos quando cheguei no cento e vinte — comentou Felipe, tentando passar pelas flores para chegar até onde nós estávamos. Desajeitado, ele se desequilibrou e acabou pisando em um deles. — Eu não sabia nem que tinha tudo isso de flor na cidade.

Voltei o meu olhar para o chão carregado da lanchonete e observei aquela imagem uma vez mais.

— E não tem — respondi a Felipe, certa de que as poucas floriculturas não tinham algumas das espécies que enfeitavam o chão da Lancaster. — Eu...

Fui interrompida com o som de palmas.

Refiz o meu caminho até a porta e notei que havia um caminhão estacionado na frente ao restaurante. Três homens estavam descarregando mais vasos de flores, trazendo-os para a lanchonete.

— Jéssica Martins? — questionou um senhor grisalho com uma prancheta na mão direita. Balancei a cabeça, ainda grogue com a situação. — Você poderia assinar aqui, por gentileza?

E isso fez com que eu voltasse para a realidade, de que eles estavam prestes a colocar mais um monte de vasos em um local que já estava lotado.

Balancei a minha cabeça, negando.

— Não... não cabe mais nenhuma flor lá dentro! — expliquei, sem saber o que deveria fazer. — Vocês vão ter que levar todas elas de volta.

Ele me lançou um olhar estranho e franziu a testa, não compreendendo o que eu estava dizendo.

— Mas você não é a Jéssica? Eu tenho ordens específicas de descarregá-las aqui, com você — respondeu ele, como se não estivesse compreendendo a parte do “*não cabe mais*”. — Viajamos três horas só para entregar essas flores...

Balancei a cabeça, concordando com o que ele estava dizendo.

— Você pode esperar um minutinho? — eu o interrompi, pegando o celular no meu bolso.

Eu me afastei dele e disquei o número do culpado por tudo aquilo.

— E aí, o que achou da minha surpresa? — disse ele, atendendo a ligação. — Não precisa agradecer, eu sempre quis fazer is...

— E eu não vou agradecer mesmo, até porque eu não pedi por nada disso, Erick! — eu o interrompi, mostrando o quanto estava estressada. — Você encheu a minha lanchonete com as suas flores, mesmo depois de me prometer que não invadiria o meu local de trabalho. Um vaso? Tudo bem... Mas você mandou centenas e não tem nem espaço pra andar lá dentro e, adivinha, acabou de chegar mais.

Ele ficou em silêncio, provavelmente, ao se dar conta da merda que havia feito.

— Eu...

— Eu concordei com a sua proposta de me reconquistar — eu o interrompi novamente, sem paciência para as justificativas dele. — Mas eu quero colocar mais uma condição pra gente continuar com isso. Você não pode usar a porcaria do seu dinheiro pra tentar me impressionar. — Nunca pensei que fosse ficar tão estressada por receber flores. — Eu não sei se você percebeu, mas eu não estou mais à venda. Então, não tente me comprar... Nunca mais.

Depois de mais um longo período em silêncio, ele tornou a falar.

— Mas o que eu faço com as flores?

— Eu não sei... Leva pra praça, para o cemitério ou para o hotel em que você está hospedado... Não me interessa o que você vai fazer, só desapareça com elas da minha lanchonete — respondi, não conseguindo me controlar. Antes que ele pudesse desligar, continuei: — E só pra te informar, você perdeu o dia de hoje... Então, bom dia e até amanhã.

Encerrei a ligação e expliquei para o senhor da entrega que a pessoa que as comprou resolveria essa situação, ele concordou em aguardar — contanto que não tivesse que levá-las de volta, saindo no prejuízo.

Entrei na lanchonete e peguei um vaso de rosas vermelhas, juntamente com um dos cartõezinhos e os levei para a minha salinha lá nos fundos.

Essa seria a única flor que eu preservaria.

Depois de deixá-la lá, eu retornei para o salão e avisei Karine e Carol que se elas quisessem pegar alguma flor, que ficassem à vontade e que se apressassem, pois logo não restaria mais nenhum vaso ali no chão para contar história — pelo menos, era o que eu esperava depois da conversa que tive com o executivo.

Depois de dizer isso, retornei para a minha sala e, lá dentro, escondida dos olhares da minha irmã e de qualquer outra pessoa, eu sorri com a imagem de todas aquelas flores em minha mente, principalmente com o fato de que todas

elas eram pra mim.

Por mais que ele estivesse errado muito em tentar, de certa forma, me comprar com elas, era algo bem romântico — o único motivo pelo qual eu salvei um dos vasos.

Mas ele já estava bem avisado. Da próxima vez, não receberia uma ligação minha, mas uma ordem de restrição — o que eu deveria ter feito desde o início, de acordo com a Carol.

Capítulo 07 — Primeiro Encontro

DIA 12

Peguei a minha bolsa em cima da mesa, me despedi de Carol, que ficou encarregada de fechar a Lancaster, e caminhei para a porta da lanchonete, onde Erick estava parado me esperando.

Pela expressão facial da minha irmã, ficou mais do que claro que ela ainda não tinha mudado de ideia em relação a Marinho. Mas não dei tempo para que ela dissesse alguma coisa para me desencorajar.

— Eu espero que, dessa vez, você não tenha preparado nada exagerado de presente... — comentei assim que me aproximei dele. — Tipo a cidade inteira.

— Boa tarde pra você também, Jéssica — ele respondeu, com um sorriso bobo colorindo os lábios. — E não precisa se preocupar, eu tive tempo suficiente para cancelar cada uma das minhas surpresinhas... — Ele fez aspas com os dedos, antes de prosseguir: — “exageradas”.

Isso fez com que eu imaginasse que outras surpresas ele tinha preparado para mim — ou melhor, comprado pra mim.

Pensei que seguiríamos caminhando a pé, mas Erick me conduziu em direção ao carro dele, que era basicamente um conversível.

Isso me mostrou que, aparentemente, nem todas as coisas exageradas tinham ido embora.

No instante em que ele voltou o olhar para o meu rosto, conseguiu ler exatamente o que estava em minha mente.

— Ah, qual é? Esse carro já estava aqui... Eu cheguei com ele... E não... não é só pra te impressionar — disse ele, justificando-se de algo que eu não havia nem lhe acusado ainda, o que meio que comprovava o meu ponto. Marinho ficou em silêncio por alguns segundos e abriu a porta do carro para mim, como um “cavalheiro”, diferente do “cavalo” que ele costumava ser. Depois que eu já estava acomodada dentro do veículo, o moreno completou: — Mas, e aí, deu certo? Você ficou impressionada com o carro?

Revirei os meus olhos para a sua piadinha sem noção.

— Só... só cala a boca e dirige.

Éramos duas pessoas completamente diferentes, mudamos — pelo

menos, eu mudei — muito nesses quatro anos em que passamos separados. No entanto, uma coisa continuava exatamente da mesma forma que costumava ser.

Marinho ainda tinha um dom natural para me irritar.

— Você vai adorar o passeio que eu planejei pra gente... — gabou-se ele, o que já me deixou com um pé atrás. — Fará você se recordar de algumas coisas...

Estava torcendo pra que ele não tivesse me comprado mais coisas, assim como havia feito com as flores. Não queria ter que dizer mais uma vez que não estava à venda, tampouco dispensá-lo por um motivo tão bobo.

— Se essas recordações não tiverem uma etiqueta de preço, já será um avanço — debochei dele, não me controlando.

O CEO permaneceu calado, não dando corda à minha provocação — o que, por sinal, era bem estranho.

Erick dirigiu até o parque — o único que tinha na cidade — em silêncio, aumentando ainda mais a minha curiosidade sobre o seu “passeio misterioso”, que, de acordo com ele, me despertaria belas lembranças. E isso fez com que os minutos dentro do carro parecessem horas.

Ao chegarmos ao nosso destino, ele fez questão de abrir a porta do carro pra mim, uma coisa que começou a me irritar. Por mais que tivesse sido bonitinho da primeira vez, não era algo espontâneo — e não combinava em nada com ele —, soava falso demais.

Caminhamos por uma trilha e paramos em frente a uma lagoa que eu já tinha visitado inúmeras vezes.

Erick sorriu, como se não estivesse se aguentado. Eu conseguia ver o quanto ele estava ansioso por uma reação minha — mesmo eu ainda não entendendo do que se tratava aquele nosso passeio.

— E aí, me diz... O que você achou?

Voltei o meu olhar para os lados, tentando localizar a enorme surpresa da qual ele tinha se referido. Mas depois de observar bem, eu cheguei à conclusão de que não tinha a mínima ideia do que ele estava falando.

Com exceção de ser um ambiente bonito, não havia nada de impressionante naquele lugar.

Mas, ainda assim, ele continuava sorrindo como um bobo.

— A sua surpresa é o parque da cidade? — questionei, tentando, sem sucesso, não soar de forma debochada.

E então ele apontou em direção ao lago que estava à nossa frente, mais especificamente aos pedalinhos que boiavam à sua margem.

— Os pedalinhos... — revelou-me ele, fazendo-me pronunciar um “*ah, então era isso?*”. Erick, obviamente, notou a minha indiferença. — Eu... eu pensei que você gostasse...

— É... Eu realmente gostava disso... — respondi, forçando um sorriso. — Há quase quatro anos, quando eu ainda era paga pra transar com você.

Pela primeira vez desde que ele chegou à cidade, Erick não conseguiu esconder a sua frustração com uma das minhas respostas. No fundo, eu sabia que o executivo já devia estar explodindo, ansiando pelo controle que havia perdido.

— Esquece toda essa bosta... — ele disse, retrocedendo alguns passos. — Podemos comer alguma coisa ou então a gente...

— Ei, está tudo bem... — tentei tranquilizá-lo, incomodada com aquela expressão de decepção estampada em sua face. — Não... não havia como você saber que eu passei a detestar pedalinhos.

Como eu notei que ele continuaria daquela forma, optei por mudar de assunto.

— A verdade é que eu só te forcei a andar daquela vez porque tinha dito uma coisa idiota e não queria te dar tempo para pensar nela... — revelei, não contendo uma risada ao me recordar daquela bola fora, talvez a maior, com exceção de ter me declarado. A minha frase foi o suficiente para captar a atenção dele e, de quebra, fazê-lo esquecer de que o passeio que tinha planejado pra gente foi um grande fracasso. — Você me contou sobre como a sua família conseguiu se reerguer e eu fiz uma espécie de comparação entre a gente, disse que ambos tínhamos ganhado a vida nos vendendo. Você para a família de Victória e eu... Bem, acho que você já sabe...

— Eu... eu não me lembro disso.

— O seu orgulho deve ter tapado o seu ouvido no momento em que falei — respondi, dando alguns passos na direção do lago. — Não seria a primeira vez, não é?

Eu não estava sendo uma víbora sem coração com o cara que tentava me impressionar. Estávamos apenas em uma situação diferente de quando eu era a acompanhante de luxo dele.

Erick sempre esteve acostumado a me ter dizendo exatamente o que ele queria ouvir. Ao seu lado, eu estava constantemente me contendo. No início, eu me continha para não perdê-lo como cliente. Mais tarde, continuava fazendo isso

pelo sentimento que nutria.

No entanto, agora não existia nada que me impedia de dizer exatamente o que surgia em minha mente — sem nenhum tipo de censura.

Eu não estava mais sendo paga para agradá-lo.

Virei-me, buscando pelo seu rosto.

Erick continuava parado no mesmo lugar, como se não estivesse entendendo o que eu estava tentando fazer.

— Eu pensei que você tinha me trazido até aqui pra andarmos na porcaria do pedalinho.

Ele me encarou com uma expressão que gritava “*e eu pensei que você tinha dito que não gostava mais disso*”, mas acabou continuando em silêncio.

Talvez, dessa vez, fosse Erick que estivesse sendo obrigado a se conter.

Quando chegamos à margem do rio, eu fiz questão de pagar pelo passeio no brinquedo. No momento em que tirei a minha carteira da bolsa, ele até tentou me impedir, mas só bastou um olhar meu para que ele me deixasse fazer isso.

Colocamos os coletes alaranjados e entramos no pato de madeira.

Essa era a segunda vez que eu fazia aquilo. E estava quase certa de que não tinha repetido antes porque não queria tornar a me lembrar dele — principalmente dos momentos bons, os que carregavam mais dor.

Era tão estranho estar ali com ele. Parecia que estávamos reproduzindo uma de nossas melhores lembranças — essa, provavelmente, foi a “ideia genial” que Erick teve. Mas diferente de como foi na casa de campo da família dele, tudo soava falso e forçado.

Não existia mais aquela mágica — eu mesma não conseguia senti-la mais, não com Marinho. O clima entre nós dois era tão ruim que eu nem dei bola para o fato de ele estar usando um colete alaranjado.

Observei o pôr do sol — que foi lindo — e isso só serviu para comprovar aquilo que eu já suspeitava. Nós dois não tínhamos mais nenhuma química. Dessa vez, o lindo pôr do sol ao lado dele era apenas um lindo pôr do sol.

Quando voltei o meu olhar em sua direção, notei que Erick estava olhando para mim. Não era um simples olhar, o executivo estava me devorando com os olhos, enxergando em mim algo que eu não conseguia mais ver nele e concluir isso foi extremamente triste, fez com que eu repensasse toda aquela coisa dos cem dias.

Era cruel demais embarcar naquilo — enchendo-o de esperanças — já

sabendo que no final, ele acabaria sozinho naquela praça.

Poucos segundos depois disso, ele começou a avançar, aproximando-se para o que parecia ser um beijo — um que eu não queria ter, diga-se de passagem. Instintivamente, eu me esquivei de seu ataque surpresa. O problema é que o meu movimento foi tão brusco que fez com que eu me desequilibrasse no pedalinho e caísse dentro da lagoa.

Por sorte, eu estava usando um colete salva-vidas. Mas isso não impediu com que o meu corpo afundasse completamente na água, segundos antes dele submergir.

Erick pulou para me “resgatar” no instante em que se deu conta do que havia acontecido.

Com um pouco de esforço — já que eu me debatia como uma louca em um naufrágio —, ele conseguiu me colocar de volta na porcaria do pato.

A primeira coisa que eu fiz, foi colocar a droga do cinto de segurança — que teria evitado a minha queda se eu estivesse usando há alguns minutos. Passei os minutos que gastamos para retornar à margem do rio cuspiendo parte da água que tinha engolido.

E isso destruiu completamente com o passeio, que já não tinha começado muito bem.

Eu estava assustada e molhada, não queria mais estar em um parque ou em qualquer outro lugar que não fosse a minha casa. E, principalmente, eu não queria ter a oportunidade de gritar como uma louca, dizendo que se ele não tivesse tentado me agarrar, eu não teria quase morrido.

— Você pode me levar pra casa? — disse, assim que deixamos o brinquedo. Ele tentou propor alguma outra coisa, mas eu o interrompi, completando: — Tipo agora?

Por muita sorte, eu não tinha caído com a minha bolsa. Erick, por outro lado, não teve tanta sorte assim, já que pulou com a carteira, celular, chave do carro e todo o restante. Mas se ele tinha perdido alguma coisa, não me contou.

Quando chegamos à minha casa — que ele conseguiu encontrar sem instrução nenhuma, provando que realmente tinha um informante —, ele me acompanhou até o portão.

— Eu gostaria muito de te dizer que o nosso passeio foi bom, mas...

— É... Eu sei que não foi perfeito... — Ele sorriu de forma maliciosa. — Mas já que você acabou molhadinha, também não deve ter sido tão ruim assim.

Eu não perdi tempo respondendo a sua frase com duplo sentido e, dessa

forma, não corri o risco de usar um palavrão que me arrependeria mais tarde de ter pronunciado.

Antes que eu pudesse dar um “tchau” e entrar, ele tornou a falar: — Você não vai me convidar pra entrar?

— Não.

— Você sabe que eu, tecnicamente, salvei a sua vida, não é?

— Depois de quase ter me matado, você quer dizer — acrescentei, não acreditando no quanto ele era cara de pau.

Marinho sorriu, entregando os pontos.

— Então, até amanhã...

Nem esperei que ele terminasse o que estava dizendo e passei pelo portão, deixando-o do lado de fora.

Capítulo 08 — Jantar

DIA 13

Depois do desastre que foi o primeiro, o CEO optou por um segundo encontro um pouco mais simples.

Um jantar.

E, dessa vez, não havia nenhuma surpresa exagerada, tampouco um conceito por trás de tudo, recriando algo que já tínhamos vivido.

Não tinha nada além de uma boa comida.

Sentamos lá e comemos. Falamos sobre o quanto o dia anterior havia sido péssimo. Erick até tentou se justificar, dizendo que, assim como no sexo — sim, ele usou isso como comparação —, não havia como a primeira vez ser muito boa.

— Mas agora que nós já perdemos a nossa virgindade, eu acho que as coisas vão começar a melhorar — ele continuou antes de dar mais uma garfada no stroganoff de frango, um prato escolhido por mim.

O refinado Erick Marinho — que costumava frequentar só o VIP do VIP — estava sentado bem na minha frente, comendo stroganoff em um restaurante que não tinha nenhuma estrela *Michelin*.

— Eu admito que talvez eu tenha começado da forma errada... — disse o moreno, livrando-nos do silêncio constrangedor. Depois de analisar o meu rosto, ele riu e prosseguiu: — O.K. Talvez muito errado.

— Sim, comprar todas aquelas flores foi uma péssima ide...

— Eu estava me referindo ao passeio no parque — interrompeu-me ele, deixando-me bem apreensiva. — Aprendi que se eu quero mesmo te reconquistar, não posso ficar pensando no passado, no que eu deveria ter feito... — Ele levou a mão dele até a minha e a apertou. — Eu tenho que focar no presente, em quem você é hoje...

Afastei a minha mão e peguei o garfo antes de voltar a comer. E, mesmo sem encará-lo, eu conseguia sentir os olhos esverdeados dele em mim, em uma análise que parecia nunca ter fim.

— O que... O que foi que você viu em mim, Erick?

Ele voltou o olhar em minha direção, enquanto terminava de mastigar. E

pela sua expressão facial, foi como se eu tivesse acabado de falar algo ridículo.

Eu não tinha nenhum problema relacionado com autoestima — se tivesse, não teria sido uma das acompanhantes de luxo mais badaladas do país, tampouco teria chamado a atenção daquele CEO. Mas eu não conseguia ignorar o fato de que aquilo que nós possuíamos era algo bem estranho.

Marinho poderia ter a mulher que ele desejasse em um piscar de olhos e, ainda assim, ele perdeu muito tempo procurando por mim — alguém que expressou muito bem a vontade de ficar longe através daquela fuga.

Quando eu era uma garota de programa e fornecia uma espécie de serviço a ele, eu até compreendia, era diversão, puro entretenimento. Mas agora — quando tudo se tornava pessoal demais — eu não conseguia encontrar lógica em tudo o que estávamos vivendo. Mas talvez fosse justamente a falta dessa lógica que comprovasse que o que ele sentia por mim realmente era amor.

— Eu acho que foi o oposto... — ele respondeu, ainda com aquele talento de me deixar intrigada com apenas meia dúzia de palavras. — Você que viu coisas demais em mim, coisas que nem mesmo eu conseguia enxergar. — Antes que eu pudesse tornar a questionar o que o mantinha na cidade depois de tantas negativas minhas, ele tornou a falar: — Mesmo que a nossa relação tenha envolvido um contrato, ela foi a coisa mais real que eu já tive na minha vida... Tanto que, quando você foi embora, todo o restante se tornou falso.

Depois desse nosso pequeno diálogo, não tive mais nenhuma dúvida. Deixei de questionar o porquê de ele estar ali, assim como o motivo do seu interesse em mim. Ele estava claramente apaixonado, exatamente da forma que eu havia estado há cerca de quatro anos.

Terminamos de comer e eu não consegui deixar de pensar nas coisas que ele havia me dito.

Após refletir um pouco sobre isso, cheguei à conclusão de que Erick também havia sido a coisa mais real da minha vida. Foi um amor que surgiu no local mais improvável possível e, estranhamente, continuou vivo nele — e não em mim, que deixei a cidade com o coração destrozado.

O barulho da chuva trouxe-me de volta para a realidade, de volta para aquela mesa e, consequentemente, de volta para o executivo.

Depois de ele insistir muito — uma insistência irritante que ele dominava como ninguém —, eu permiti que Erick pagasse a conta do restaurante. O meu problema nunca foi deixá-lo pagar as coisas pra mim, mas que isso costumava servir como uma forma de controle.

O CEO posicionou-se em frente à porta do estabelecimento e ficou assistindo as grossas gotas caírem sobre a rua mal iluminada. Aproximei-me de onde ele estava parado e lhe fiz companhia, observando o quão belo um dia chuvoso poderia ser.

Ele voltou o rosto em minha direção e sorriu.

— Se você quiser, a gente pode esperar mais um pouco aqui dentro...

Talvez Erick não estivesse tentando evitar a chuva que continuava a cair sobre o telhado do restaurante. Talvez ele não estivesse preocupado em estragar o seu terno Armani. Talvez o dono daquelas lanternas verdes brilhantes só quisesse passar mais alguns poucos minutos ao meu lado, tornar aquele momento mais longo do que ele estava destinado a ser.

Mas, por algum motivo — provavelmente medo do que eu poderia sentir se continuasse ali —, eu ignorei isso.

— O que foi, tá com medo de se molhar? — debochei, correndo até o outro lado da rua, onde o conversível dele estava estacionado.

O moreno correu em minha direção e abriu as portas do carro para que entrássemos. Assim como havia acontecido comigo, as suas roupas estavam todas tingidas pela chuva. O seu rosto era coberto por pequenas gotinhas brilhantes, que conseguiam produzir o milagre de deixá-lo ainda mais lindo.

E, nesse determinado dia, eu detestei o fato de a cidade ser tão pequena a ponto de nossa “viagem” de carro durar menos de quatro minutos.

Mesmo com a chuva ainda caindo sobre as nossas cabeças, ele fez questão de me acompanhar até o portão da minha casa — provando que não estava com medo de se molhar, que estava disposto a mergulhar de cabeça por mim.

Antes que eu pudesse me despedir e entrar, ele segurou a minha mão, levando os meus olhos em direção ao seu rosto.

— Eu sei que disse que não ia mais ficar pensando no passado, mas...

Ele me beijou.

Diferente de como havia acontecido dentro do pedalinho, eu não tive tempo suficiente para escapar de seu ataque — nesse dia, eu não sabia nem mesmo se realmente queria ter escapado.

— Agora você já completou a sua lista — disse ele assim que os nossos rostos se afastaram.

Franzi a minha testa, não entendendo sobre o que ele estava falando. E ao

notar a minha confusão, ele esclareceu as coisas.

— Há algum tempo, você me disse que a única coisa que faltava para completar a sua lista de momentos clichês era um beijo na chuva...

Havia lhe dito isso no dia em que fomos à casa de campo da família dele, mais especificamente enquanto estávamos dentro do pedalinho, iluminados pelo pôr do sol.

Fiquei surpresa por ele ainda se lembrar de um comentário despretensioso como aquele.

As gotas geladas trouxeram-me de volta. Olhei na direção da minha casa e, logo em seguida, eu tornei a encará-lo.

— Quer entrar? — convidei, sabendo que me arrependeria mais tarde. — Pra se secar ou...

— Não... Eu não quero correr o risco de estragar esta noite — ele respondeu, declinando a minha proposta um tanto impulsiva. E com um sorriso naqueles belos lábios, ele finalizou: — Boa noite, Jéssica.

Capítulo 09 — Velho Amigo

DIA 20

Ao contrário do que aconteceu quando Marinho chegou à cidade, ele não estava mais invadindo a minha privacidade, tampouco me irritando com a sua onipresença.

Toda aquela inconveniência havia ficado para trás, junto com a minha implicância com ele — o rancor que eu fingia não existir.

Ele continuava tomando café da manhã na Lancaster, mas não ficava em cima de mim, exigindo que eu o atendesse. Na maior parte das vezes, ele levava o notebook dele e ficava trabalhando enquanto comia.

Tentei espiar e descobrir o que ele tanto digitava, mas era sempre repreendida, instantes antes de ouvir um “*é um projeto secreto*”. E, isso, obviamente, aguçava ainda mais a minha curiosidade. Mas com o passar dos dias, eu parei de perguntar sobre o trabalho dele.

O CEO também continuava aparecendo nas minhas corridas matinais, mas isso não me incomodava mais. Na verdade, eu até sentia falta quando ele não surgia correndo do nada, fazendo alguma piadinha sobre o quanto a minha bunda ficava linda em movimento.

Nós não saíamos todos os dias, mas, sempre que acontecia, eu me divertia ao lado dele.

Essa nova relação que possuíamos era algo diferente.

Nem mesmo em nossos melhores momentos no passado, havíamos tido algo parecido com o que estávamos vivendo. Nunca tiramos um tempo para nos conhecermos melhor, principalmente com Erick sendo tão restrito a respeito de sua vida pessoal. Naquele tempo, nós transamos antes que eu descobrisse o primeiro nome dele e isso já dizia muito do tipo de relação que costumávamos ter.

Dessa vez, as coisas estavam acontecendo um pouco mais devagar. Mas, em contrapartida, eu não sentia nem vinte por cento do que costumava sentir ao lado dele.

O meu coração não acelerava de forma descontrolada e eu não passava o dia inteiro pensando nele. Mas, pelo menos, a nossa química havia aumentado desde o nosso “*primeiro encontro*”. O fato de ele ser gostoso ajudava bastante,

principalmente quando estávamos correndo e eu podia secar aquelas suas coxas grossas com o meu olhar.

Sempre disfarçava e aproveitava para conferir o volume que ele guardava no meio daquelas pernas, perguntando-me se senti-lo dentro de mim ainda seria tão gostoso quanto no passado.

Confesso que acabei cedendo e durante o banho tentei recriar algumas das cenas mais quentes que já havíamos vivido. Inseri os meus dedos em meu sexo, enquanto lembrava-me da sensação de tê-lo me empalando com força. Essa “brincadeirinha” era ótima — extremamente prazerosa —, mas só até que eu questionasse sobre o quanto eu devia estar parecendo patética ao fazer aquilo.

Depois disso, os sonhos eróticos começaram a me perturbar, colando-me em situações ridículas nas quais acabávamos transando. Em um deles, Erick apareceu na lanchonete e sussurrou “*eu estou faminto*”. E a versão de mim no sonho — um que eu não controlava, por sinal — praticamente se jogou em cima da mesa, dizendo “*então, me come*”. Os sonhos eram basicamente uma espécie de pornô ruim.

E tudo isso fazia com que o meu desejo por ele aumentasse cada vez mais.

Quando o vigésimo dia chegou, eu senti muita vontade de conversar com outra pessoa sobre tudo o que estava acontecendo, alguém que me ouvisse sem julgar, que não dissesse a cada três segundos “*como você é idiota, Jéssica*”.

Como Caroline não apoiava a minha relação com Erick — com toda a razão, admitia —, optei por ligar para o meu melhor amigo, a pessoa que estava ao meu lado quando toda a minha história com Erick começou.

Eu precisava desesperadamente dos conselhos amorosos de Rick.

Nós não nos falávamos com tanta frequência quanto antes — quando ele praticamente vivia no meu apartamento —, mas sempre que acontecia de nos encontrarmos, era como se nada tivesse mudado.

Adorava ouvi-lo contar sobre como andava o trabalho dele como acompanhante de luxo. E, estranhamente, quando ele começava a falar dos clientes e dos eventos de Márcia, era como se toda aquela vida fosse algo distante demais — nem parecia que eu já havia feito parte daquilo.

Como ele não poderia me visitar no meio do ano e nem eu a ele, resolvi ligar e contar tudo o que estava acontecendo — principalmente, o que envolvia o executivo —, todas as minhas dúvidas, torcendo para que ele tivesse uma resposta que as solucionassem.

— Deixa eu tentar recapitular aqui... Você não gosta mais dele, mas, ainda assim, aceitou essa proposta dos cem dias? — questionou o meu amigo, tentando entender o que eu havia feito, que era incoerente até mesmo pra mim. — É isso mesmo?

Fiquei em silêncio por alguns segundos.

— Por mais estranho que isso possa parecer, sim — respondi, notando quanto tudo soava ilógico se colocado daquela forma. — É isso.

Henrique riu, mostrando-me que ainda continuava sem nenhuma papa na língua. Ele sempre me dizia o que achava, independentemente do que eu fosse pensar — e por isso os seus conselhos eram tão úteis.

— Desculpe, mas isso é impossível! — rebateu Rick, como se aquilo fosse algo óbvio demais. — Se você não sentisse absolutamente nada por esse cara, nunca teria parado a sua vida assim... — Antes que eu pudesse tentar explicar de outra maneira, ele completou: — Pode até não ser da mesma forma que antes, mas você ainda sente alguma coisa por ele.

A sua última frase fez com que eu passasse a concordar com o seu posicionamento. Eu sabia que havia algo — até porque nenhum grande amor vai embora por completo —, mas não enxergava isso como algo relevante o suficiente para considerar um grande sentimento.

— Eu... eu não acredito que vou dizer isso, mas ele está sendo legal, Henrique... Muito legal! — continuei, tentando fazê-lo enxergar o meu outro problema. — E eu não quero magoá-lo, fazê-lo pensar que ele tem alguma chance comigo, porque... Ele não tem!

— Pelo que você me contou da conversa que tiveram, ele sabe do risco que está correndo...

— Mas...

— Mas nada, amiga — interrompeu-me ele. — Só aproveite esse momento. Ainda que, no centésimo dia, você continue indiferente em relação ao Erick, pelo menos você vai ter tentado. É a sua única chance de colocar um ponto final nessa história, não desperdice. — Antes que eu pudesse dizer que concordava, ele completou: — E vamos combinar que algumas trepadas com aquele gostosão não vai fazer mal, não é?

“É a sua única chance de colocar um ponto final nessa história, não desperdice”.

Era, basicamente, o que eu precisava ouvir — embora a parte da “trepada” não fosse de todo mal.

Esse é o lado bom dos melhores amigos. Eles falam exatamente o que você já sabe, mas as palavras causam um impacto bem maior. É como se você conseguisse olhar a situação de um outro ângulo.

Depois que encerrei a ligação, passei a enxergar tudo perfeitamente.

Deixei de encarar os cem dias com o bilionário como uma forma de provar que eu não sentia nada ou de, simplesmente, me livrar dele. Eu usaria esses mesmos dias para explorar o que sentia — ainda que isso fosse um jogo perigoso — e para colocar um fim em toda a nossa história, que merecia um encerramento.

Capítulo 10 — Convite

DIA 25

— O seu cliente preferido acabou de chegar — avisou-me Karine, uma das atendentes da lanchonete, ao entrar em minha sala.

Fiquei surpresa em ouvir que Marinho estava ali, já que ele não havia aparecido durante a minha corrida matinal. Pensei que ele só daria o ar da sua graça no período da tarde, o que não era completamente incomum, já que ele estava trabalhando constantemente naquele seu “*projeto misterioso*”.

A morena continuou parada na minha sala, encarando-me de forma hesitante. Eu reconheci bem o olhar em seu rosto e ele era bem parecido com o que Caroline costumava usar para se referir ao Alexandre, sempre que ele aparecia para me visitar.

— E então, me conta tudo... Vocês estão juntos? — questionou-me ela, pegando-me de surpresa com aquela pergunta inusitada.

Eu a considerava mais do que uma simples funcionária. Karine... Bem, realmente tratava-se de uma amiga, mas nós não costumávamos falar sobre esse tipo de coisa — pelo menos, não comigo sendo o foco da conversa.

Mas o motivo pelo qual eu travei não foi a surpresa. A verdade era que eu não consegui responder à sua pergunta de imediato porque, no fundo, eu não tinha a mínima ideia do que deveria dizer, já que também não sabia o que eu e Erick possuíamos.

Talvez, a resposta mais adequada fosse um claro e sincero “*eu não sei*”.

— Nós estamos saindo... — comecei a dizer, sem a mínima ideia de como terminaria aquela frase. — Mas não é nada sério... Pelo menos, não por enquanto.

Não foi uma mentira e isso me poupava de explicar todo o meu histórico com Erick, que ia desde a falta de noção dele até o meu antigo trabalho — que não era dos mais convencionais.

— Pare de perder tempo, sua boba — sorrindo, a mulher à minha frente continuou: — Se um homem daqueles me enviasse todas aquelas flores, eu marcava a data do casamento no dia seguinte.

“*Um homem daqueles*” resumia muito bem Erick Marinho.

Ele era extremamente atraente. Tinha um corpo em forma, um rosto de

anjo misturado com demônio, um sorriso sacana que conseguia molhar a calcinha de qualquer uma e inúmeras outras qualidades, que iam do seu ótimo humor até a sua incrível “performance” na cama. E tudo isso sem contar com o fato de que ele tinha mais dinheiro na conta do que todas as pessoas da cidade juntas.

Mas, para cada uma dessas qualidades, ele possuía um defeito equivalente.

Era extremamente controlador e tinha um complexo de superioridade bem irritante, agia como se fosse uma espécie de deus, interferindo na vida das pessoas. Sem contar que o executivo era, provavelmente, a pessoa mais arrogante que eu já havia conhecido — e eu tinha conhecido todo tipo de cara em meu trabalho como acompanhante.

O simples fato de ele vir para o interior atrás de mim — dando como certo a sua “vitória” —, só provava isso.

Ele podia até ter mudado em algumas coisas — ou tentar me fazer acreditar que mudou —, mas outras continuavam explicitamente iguais.

Deixei a sala para ver o meu “*cliente preferido*” — como Karine havia destacado.

Erick estava sentado na terceira mesa da Lancaster. Ele estava completamente concentrado na tela do seu notebook, não chegava nem a piscar.

Quem o ouvia fazendo piadinhas sem graça, nem imaginava o quanto ele podia ser sério. Ou o oposto, já que eu o conheci como um cara bem sério e só depois que estabelecemos um contrato descobri esse seu lado mais “*descontraído*”.

Aproximei-me de onde ele estava e toquei em seu braço, roubando a sua atenção.

— Bom dia — disse, rindo da expressão surpresa em seu rosto.

— Bom dia? Aqui está péssimo! Mas agora que você apareceu, eu confesso que ele melhorou um pouquinho — respondeu ele, deixando o notebook de lado. Mesmo sem eu questionar a respeito do “*aqui está péssimo!*”, ele me deu a resposta. — Estou com alguns problemas no trabalho, mas não é nada que eu não consiga resolver.

E com isso, eu também tive a minha resposta do por que ele havia faltado à “nossa” — que costumava ser só “minha” — corrida matinal.

Peguei um café preto pra ele e me sentei ao seu lado à mesa, tentando espiar a tela do computador. Mas ao notar o que eu estava tentando fazer, ele o

fechou e deu um sorrisinho, que fez com que eu revirasse os meus olhos.

Eu já estava começando a ficar irritada com todo aquele mistério em cima de um projeto que, muito provavelmente, não tinha nada que me interessasse.

— Eu vou começar a pensar que você está fazendo algo ilegal aí nesse computador — comentei, não deixando a oportunidade passar. — Ou que, sei lá, que você está aí todo concentrado vendo pornô.

— Eu juro que não é nada ilegal — ele respondeu, como se quisesse me deixar ainda mais curiosa, o que certamente era a explicação. — E por mais que eu não tenha transado com ninguém nas últimas semanas, nunca fui o tipo de cara que assiste pornô, prefiro foder coisas que não se pareçam com a minha mão... — Ele sorriu de forma sacana, fazendo-me imaginar quais seriam as suas próximas palavras. — Se você quiser me ajudar com isso...

— Eu preciso voltar a trabalhar — eu o interrompi, levantando-me da cadeira, não lhe dando tempo de me fazer uma proposta indecente. — Te vejo mais tarde?

Ele negou com um aceno de cabeça.

— Hoje não... Eu vou perder o dia e talvez parte da noite resolvendo alguns problemas, mas amanhã com certeza... — respondeu-me ele, decepcionando-me pela negativa. — E mesmo não querendo estragar a surpresa, eu já te adianto que vou te levar a um baile.

Não consegui controlar uma risada ao ouvir o final de sua frase. Mas depois que eu notei que Marinho estava falando de forma séria sobre o tal “baile”, toda aquela graça desapareceu do meu rosto, foi completamente dominada pela confusão.

Até onde eu tinha conhecimento, não existia nenhum baile na cidade.

Mas optei por não ficar ali discutindo isso com ele. Havia várias outras coisas para ocupar a minha mente.

— Até amanhã então — disse, voltando para a salinha nos fundos.

Capítulo 11 — O Informante

DIA 26

A primeira coisa que eu fiz após acordar foi ler uma das mensagens que o executivo havia me enviado.

“E aí princesa, está animada para o baile?”.

Revirei os meus olhos ao ler o *“princesa”*.

O cretino sabia como ser irritante.

Com Erick, existiam determinamos momentos em que não sabíamos se ele estava falando sério ou se tudo não passava de puro deboche. E, por esse motivo, optei por lhe responder com uma carinha animada, acompanhada de um *“mal posso esperar!”*.

Mas a forma com que ele continuou falando sobre isso fez com que eu começasse a levar a sério essa ideia do baile.

— Você sabe que não tem nenhum baile aqui na cidade, não é? — questionei assim que ele apareceu na lanchonete.

— Mas é claro que tem, Jéssica! — afirmou ele, como se conhecesse mais da cidade do que eu que morava ali há anos. Erick não me deixou falar mais nada, principalmente desconversar a respeito daquilo. — Eu passo para te pegar as oito e não se fala mais nisso.

Não foi uma pergunta.

Aparentemente, o senhor Marinho estava voltando a agir como o senhor Marinho.

Eu não estava tão surpresa.

É difícil sustentar uma máscara por tanto tempo.

Finalizei o meu expediente na Lancaster e fui para casa. Joguei-me no sofá e fiquei assistindo televisão, ignorando completamente o fato de que o executivo apareceria para me buscar pro “baile”.

— Você não vai se trocar para o baile da escola? — indagou Caroline,

não escondendo o tom debochado em sua voz.

Eu a fuzilei com o meu olhar, sem muita paciência para as piadinhas dela sobre isso. Já tinha perdido a conta de quantas vezes ela havia caçoado de mim por causa do maldito baile — um que nem deveria existir.

— Se você não tiver nada de útil pra me dizer, então, por favor, não f...

— Calma aí, estressadinha... — defendeu-se ela, levantando as mãos. Depois de alguns instantes em silêncio, a minha irmã completou, dizendo: — Mesmo não sendo a maior fã desse cara, tenho que admitir que ele está fazendo um ótimo trabalho.

Aquilo me surpreendeu.

Nunca pensei que fosse ouvir a minha irmã elogiando Erick.

— O que está me incomodando não é nem o fato de que, se esse baile existir mesmo, eu vou ter que dançar... É que ele, provavelmente, usou o dinheiro pra fazer algo assim, mesmo eu dizendo que não queria mais ser... ser comprada — confessei o motivo por permanecer com os dois pés atrás.

— Você está com medo dele ter passado por cima de algo que vocês combinaram ou está chateada porque a consequência disso será terminar essa coisa que vocês dois têm? — Caroline jogou aquilo no ar, colocando-me em um paredão.

Ao notar o meu desconcerto com aquela pergunta, ela completou: — Até onde eu sei, ele ainda não te deu motivos para supor algo assim... Então, dê mais crédito a ele, você pode acabar se surpreendendo.

O início daquela conversa já havia sido estranho, mas a sua última frase a tornou inacreditável, e não em um bom sentido. Eu realmente não conseguia comprar aquelas coisas que deixavam a boca de Carol.

Ela, literalmente, defendeu Marinho.

— Eu... eu pensei que você o odiasse — disse, tentando entender em que momento ela havia mudado de opinião a respeito dele. — Há algumas semanas, você me disse que eu deveria ter ido à polícia buscar uma ordem de restrição... E, por algum motivo, agora você está quase me enfiando dentro de um vestido para um encontro com ele.

— Como eu disse, não sou a fã número um dele, mas... — Ela se interrompeu, como se ainda estivesse em dúvida se devia ou não falar. — Ele te faz bem e a prova disso é que são sete horas da noite e você está em casa, sentada em frente à televisão e não com um monte de papéis da lanchonete.

Eu poderia acabar com a nossa conversa ali, pois os seus argumentos

realmente faziam sentido. Mas alguma coisa me disse que aquilo não era tudo. Conseguia ver no fundo de seus olhos — tão castanhos quanto os meus — que havia mais alguma coisa naquela história.

— Foi você, não foi? — questionei sem saber como não tinha chegado àquela conclusão antes.

Desde o momento em que Erick surgiu na Lancaster, eu desconfiei de como ele soube sobre os meus horários, coisas que ninguém além de alguém que convivia constantemente comigo poderia saber. Não havia como ele ficar do lado de fora da minha casa aguardando pelo momento em que eu sairia.

Marinho acertou o horário da minha corrida matinal, assim como o de quando eu abria e fechava a lanchonete e até mesmo o do meu horário de almoço.

Não tinha outra explicação.

Carol era a informante dele.

— Depois que a gente se mudou pra cá, você nunca mais se envolveu de forma séria com ninguém... Eu até tinha esperanças com o Alexandre, mas também não aconteceu nada... — disse ela, aproximando-se do sofá em que eu estava sentada. — Nos últimos meses, você mal conseguia encontrar tempo pra você mesma, aquela lanchonete virou a sua vida e eu meio que deixei de ser a sua irmã e me tornei a sua funcionária problema. — Antes que eu contra-argumentasse, dizendo que ela estava completamente louca, Caroline prosseguiu: — Antes do Erick aparecer, a única conversa que nós tivemos que não foi sobre trabalho, foi aquela sobre o Alexandre e só porque eu insisti nisso.

Carol sentou-se ao meu lado e eu mal conseguia encará-la.

Sentia um misto gigante de emoções. Não sabia se estava com raiva por ela ter agido pelas minhas costas ou com remorso por ter me tornado uma porcaria de irmã.

— Então, quando ele apareceu aqui, eu vi uma oportunidade de... — Ela fechou os olhos e respirou fundo. — Eu sei que não tinha o direito de interferir assim na sua vida, mas ele encontraria uma forma de conseguir essas informações... Eu só facilitei as coisas.

Depois de um longo momento em silêncio, finalmente voltei o meu olhar para ela.

— Por que você não me disse nada, Caroline?

— Mas eu te disse... Em tom de brincadeira, falei dezenas de vezes o quanto era horrível ter a minha irmã como chefe. Tentei fazer você usar o seu dia

de chegar mais tarde pra outras coisas que não fosse a Lancaster... Eu tentei, mas você não me ouviu em nenhuma dessas vezes.

E então, foi como se todos esses momentos comessem a ser recapitulados em minha mente.

A minha irmã realmente havia me dito, tentando me alertar, por mais que não fosse de forma tão explícita.

— Então, da próxima vez, você me diz “*você está se tornando uma droga de irmã e viciada em trabalho, sua idiota*” — respondi ainda baqueada.

Ela forçou um sorriso.

— Você nunca foi uma droga de irmã... Talvez um pouquinho ausente nos últimos meses, mas...

Não a deixei nem terminar de falar e a abracei com força enquanto sussurrava “*me desculpe*”.

Capítulo 12 — Baile

DIA 26

— Então, por que você agia como se eu estivesse cometendo um crime sempre que eu falava sobre ele? — indaguei, tentando entender o único detalhe que ainda não se encaixava.

Ela me lançou um olhar de “*e não é óbvio, Jéssica?*”.

— Na primeira vez que eu falei bem dele, você descobriu tudo... Acho que isso meio que responde a sua pergunta, não é? — rebateu ela, realmente provando o quanto a minha pergunta havia sido estúpida. — Eu não queria que você soubesse que eu o estava ajudando... Não até que vocês já estivessem bem.

Eu não sabia o que era pior: ter a minha irmã de cupido ou constatar uma vez mais sobre o quanto o executivo era um safado descarado.

Por mais que eu ainda não estivesse completamente bem com o fato de Erick ter pegado informações a meu respeito com a minha irmã — provando que continuava o mesmo cretino controlador de sempre —, eu não deixei com que isso me afetasse.

Não faria uma tempestade em um copo d’água — não daquela vez.

E com isso em mente, fui para o banheiro tomar um banho, dando início aos preparativos para o “baile”, que eu ainda não tinha ideia de onde seria.

Como já tinha perdido muito tempo sentada naquele sofá, não consegui ter um banho demorado. Em poucos minutos, eu já estava fora do banheiro, escolhendo uma roupa minimamente decente para a ocasião.

Quando eu deixei a cidade, não abandonei apenas Erick e o meu trabalho como acompanhante de luxo, larguei tudo o que me ligava àquelas duas coisas que eu havia deixado para trás e isso, obviamente, incluía todas as minhas roupas luxuosas que costumava usar nos programas e eventos de Márcia.

Eu não tinha mais nenhum vestido de grife ou de uma marca muito conhecida. Adquiria as minhas coisas em uma lojinha no centro da cidade, roupas que, muito provavelmente, vieram todas da Vinte e Cinco de Março.

A coisa mais “social” que eu possuía era um vestido preto, que havia comprado para ir ao casamento da irmã de Felipe — o namorado da minha irmã.

Antes que a minha mente começasse a me torturar com “*esse vestido é horrível*” ou “*você não está mais à altura de um homem como ele*”, lembrei-me

de que eu não precisava mais impressioná-lo. Diferentemente de quando eu escolhia cada peça de roupa para agradá-lo, eu não estava mais recebendo para isso. Não tinha obrigação nenhuma.

Era exatamente o oposto.

Erick que estava tentando me reconquistar, o que me tornava a pessoa a ser impressionada.

E, sem dúvida alguma, era bem mais confortável estar nessa posição.

Como o meu cabelo estava curto, não tinha muita coisa que eu pudesse fazer com ele — nada que desse para fazer em casa, em apenas cinco minutos. Então, eu optei por deixá-lo solto mesmo.

Peguei a minha bolsa de mão e fui para a sala, onde encontrei a minha irmã.

— Que arraso! — disse Carol, deixando-me vermelha. — Acho que a última vez que eu te vi vestida tão bem assim foi naquele jantar com o Alexandre.

— Eu não me visto mal... — tentei me defender, mesmo sabendo que ela não estava tão errada assim. — Eu só aprendi que não tenho e que não preciso tentar impressionar outras pessoas vinte e quatro horas por dia.

— Outras pessoas? Pode até ser, mas esse vestidinho aí foi colocado pra impressionar ele — debochou a minha irmã.

Por mais boba que Carol pudesse ser, fiquei feliz em ouvir aquelas coisas, pois me mostraram que mesmo sem uma alta grife, eu não estava tão malvestida assim, que talvez Erick gostasse.

— Ele não comentou nada sobre esse baile? — questionei com os meus olhos colados em Caroline.

Ela negou com a cabeça.

— Não, ele não disse. — Antes que eu pudesse lhe perguntar mais alguma coisa, a minha irmã completou: — Eu só dei algumas informações suas pra ele... E mais nada. Eu e ele não somos melhores amigos ou algo assim, se é o que está pensando...

Não tive nem tempo de dizer que não acreditava, só para irritá-la.

Ouvi alguém batendo palmas.

Carol olhou pela janela e, pela expressão do rosto da minha irmã, a visão era, no mínimo, incomum.

— Ele está lá fora... — sussurrou ela, antes de trazer os seus olhos de

volta pra mim. — Eu... eu vou abrir o portão.

Balancei a cabeça, concordando com a ideia.

E então, olhei ao meu redor e notei o quanto a casa estava bagunçada.

Era a vez de Carol limpar e, é claro, ela não tinha limpado — não de uma forma muito competente.

Antes que a minha irmã pudesse trazê-lo para dentro, eu saí rapidamente e os encontrei quando já estavam próximos à porta de entrada. E não estava nem um pouco preparada para aquela visão que se descortinou à minha frente.

O executivo estava lindo — ainda mais do que costumava ser. Pela primeira vez desde que havia chegado à cidade, ele estava usando uma gravata — modelo borboleta. O smoking preto agregava-lhe ainda mais imponência.

Ele carregava um lindo buquê de flores.

Eram lindas rosas brancas.

— Eu juro que trouxe só esse aqui... — brincou ele antes de me entregá-las.

Eu peguei e senti o perfume que elas exalavam.

— Você está linda.

Sorri em agradecimento e até pensei em dizer algo como “*você também não está tão ruim assim*”. Mas eu não queria flertar com ele na frente da minha irmã.

Fiquei tão encantada com ele, as flores que havia acabado de receber e todo o restante que constituía aquele momento, que nem mesmo me lembrei do motivo pelo qual saí da casa — basicamente, para impedi-lo de entrar e ser agraciado com toda aquela bagunça.

Erick cruzou a porta e eu, finalmente, me lembrei do que estava tentando esconder.

— Só não repara na bagunça — comentei, detestando-me ainda mais do que detestava Caroline por não tê-la limpado, em primeiro lugar.

A minha irmã fez uma careta.

— Culpada — disse ela, deixando-me ali sozinha com o executivo.

Até tentei explicar o porquê da palavra — “culpada” — que ela havia acabado de pronunciar, mas Erick interrompeu-me, tomando os meus lábios.

Foi bem rápido, mas extremamente impactante. O seu perfume amadeirado — que não havia mudado mesmo depois de todos aqueles anos —, a

sua mão em meu cabelo, enquanto a sua língua continuava a me explorar e o meu coração — que finalmente disparou — marcaram aqueles poucos segundos.

— Tá pronta? — indagou ele como se não quisesse me dar tempo para reclamar do beijo roubado, algo que eu não faria.

— Provavelmente não... — disse a Marinho, respondendo mais a uma questão interna do que à pergunta dele. — Mas eu vou mesmo assim.

Entramos em seu conversível e eu não consegui tirar os meus olhos de seu rosto.

Talvez fosse porque, aquela vez, eu não estava vendo aquele cara que veio atrás de mim depois de quatro anos, dizendo que me reconquistaria. Aquela vez, eu não enxergava o homem que eu ainda não conhecia.

Observava claramente o Erick Marinho pelo qual eu me apaixonei.

— É impressão minha ou você está me secando? — observou ele visivelmente corado.

— É que eu me lembrei de que deveria ter dito que você também está bonito — respondi, esforçando-me ao máximo para não ficar tão vermelha quanto uma pimenta.

— Eu te diria “*eu sei*” — respondeu-me ele, rindo.

— É claro que diria!

Não tivemos muito tempo de viagem. Passamos pelo centro da cidade e seguimos por mais duas quadras, estacionando em frente a uma espécie de barracão.

Eu não era — pelo menos, não mais — uma pessoa que saía muito de casa, então não conhecia o lugar, nem nunca tinha ouvido falar dele, o que era estranho, já que o homem ao meu lado, que nem morava na cidade, aparentemente o conhecia.

Erick desceu do carro e o contornou correndo, tentando me impedir de abrir a porta sozinha.

— Na primeira vez, eu achei tão bonitinho... Mas agora já está me irritando — disse, descendo do conversível.

— E por que você acha que eu continuo fazendo isso?

Revirei os meus olhos ao finalmente entender o motivo do “cavalheirismo” e me permiti um sorriso.

Olhei para os lados, certificando-me de que realmente estávamos no lugar certo. Aquele lugar não tinha “cara de baile” ou de qualquer outro lugar

que justificasse a forma como estávamos nos vestindo, principalmente Erick que devia estar usando um traje mais caro que o meu carro.

— Tem certeza que é mesmo aqui? — não consegui esconder a minha desconfiança.

Ele respondeu com um aceno de cabeça.

Caminhamos para a entrada e, no mesmo instante, estranhei. A decoração da recepção era horrível, o atendente parecia mais entediado do que as pessoas que estavam circulando por aquele ambiente.

Erick pagou pelo que pareceu ser um ingresso e me levou para um corredor do outro lado da sala.

Quando chegamos ao salão, eu me virei no mesmo instante, pronta para dar o fora dali. Marinho agarrou o meu braço e, enquanto ria de forma descontrolada, mantinha-me próxima de seu corpo.

Voltei o meu olhar em direção ao seu rosto.

— Você não acha que deveria ter me avisado de que o seu baile, na verdade, é um “bailão” da terceira idade? — questionei realmente irritada.

Estávamos vestidos bem demais para um lugar como aquele. Éramos, provavelmente, as pessoas mais jovens naquele ambiente e isso nos tornou, imediatamente, o centro das atenções — a piada da noite.

— Eu adoraria ter levado você ao melhor baile do mundo, mas, pelo que eu me lembro, você criou uma certa regrinha sobre eu não poder usar o meu dinheiro — lembrou-me ele, jogando a culpa em mim.

Aparentemente, o velho Erick estava mesmo de volta.

— Então, isso tudo é a sua vingancinha?

— Vingança? Não, é claro que não... — respondeu-me ele ainda rindo. Ele voltou o olhar para um casal de idosos à nossa esquerda. — Aqueles ali são os Souzas. Conheci o Gilberto no barzinho perto da sua lanchonete, a esposa dele é a Jussara. Ela tem um salão aqui perto. — Ele se virou, encarando um homem à nossa direita. — Aquele é o João, o flanelinha que cuida do meu carro às vezes... — Erick riu e balançou a cabeça. — Ele nunca está muito sóbrio, então não sei se faria diferença.

E, então, ele voltou a olhar para frente e enxergou um homem que reconheci.

Antes que Erick pudesse dizer o nome dele, eu o fiz: — É o Reginaldo. Ele sempre aparece bêbado na Lancaster, procurando confusão.

— Você não é especial... Ele aparece no barzinho pra procurar confusão também...

Voltei a encará-lo e, por algum motivo, não conseguia parar de sorrir.

— Eu nunca acreditaria se alguém me contasse que você, o poderoso CEO, conhece essas pessoas — comentei ainda surpresa com o fato.

— Eles são legais, até mesmo o Reginaldo, que insistiu que o meu carro era dele... — Erick riu e continuou com os olhos fixos em mim. — E eu não sou o poderoso CEO... Não aqui com você.

— Ah, não? — debochei. — Então, quem você é?

— Sou só um cara tentando reconquistar a mulher que ama, porque foi burro demais e a deixou escapar — respondeu ele, deixando-me sem graça. Ao notar como eu havia ficado com aquela sua frase, ele riu. — Relaxa, Jéssica. Eu juro que não vou ficar bancando o meloso.

Concordei com um aceno de cabeça, mesmo sem saber se queria mesmo que ele parasse de agir daquela forma — uma que, indiscutivelmente, eu tinha gostado.

Ele pegou a minha mão e isso fez com que o meu olhar voasse em direção aos seus olhos.

— Você me concede a honra?

O sorrisinho safado em seus lábios fez com que eu criasse coragem para me afastar e caminhar em direção a uma senhora que estava em pé sozinha. Depois de dizer que um homem lindo queria dançar com ela, a senhorinha caminhou junto comigo até onde Erick estava parado.

Ele me lançou um olhar de “*isso vai ter troco*”, mas assim que a “vovó” se aproximou de onde ele estava, Marinho sorriu e se inclinou para beijar a mão dela, em uma péssima atuação de cavalheiro.

Diferente de mim, o cretino dançava muito bem. Conduziu a senhora perfeitamente pelo salão. Mas isso não foi o mais impressionante. Erick foi extremamente atencioso, sempre muito sorridente, rindo junto com ela ao fazer alguns passos ousados e isso me divertiu muito.

Quando a música terminou, eu fui até os dois.

A “vovó” voltou o olhar pra mim e disse, toda sorridente: — Esse é pra casar, minha filha.

Depois disso, ela deu uma piscadela pro executivo e, rindo, afastou-se da gente.

— Essa senhorinha é muito sábia — disse ele, arrancando uma risada minha. — Você deveria ouvi-la.

— Eu não acredito que a você convenceu a me dizer aquilo, seu cretino.

Ele me encarou com uma expressão que dizia: “*Eu? Nunca!*”.

— Na verdade, eu só não desconfio que tudo isso aqui é falso, que você contratou toda essa gente pro seu teatrinho pessoal, porque o Reginaldo está aqui e ele tá bêbado demais pra decorar um papel — disse, rindo de mim mesma.

— Você me dá crédito demais... Eu não sou tão inteligente assim — respondeu ele, fazendo-me discordar no mesmo instante. — Até porque se eu fosse... Você nunca teria ido embora.

Eu sabia que me arrependeria do que estava prestes a fazer, mas, mesmo assim, eu o puxei para o canto do salão.

— Por mais que eu tenha jogado a culpa em cima de você nos últimos quatro anos... — Eu interrompi a mim mesma e sorri, antes de morder o meu lábio inferior e olhar para baixo, fugindo daquele olhar. — Não... Nós não daríamos certo.

Antes que ele me interrompesse, eu ergui a minha mão, sinalizando para que me deixasse terminar.

— Eu era uma garota de programa e você era casado — disse, tentando expor coisas óbvias. — Começamos da pior forma que um casal poderia começar. Ainda que você não tivesse me chamado de lixo, ainda que você tivesse admitido que sentia algo por mim naquela noite... Qual era a probabilidade daquilo realmente dar certo?

Não precisava de uma resposta da parte dele para que eu soubesse que nós nunca tivemos uma chance. A nossa relação tinha um prazo de validade, assim como todos os meus outros programas. Eu só demorei tempo demais para enxergar isso.

— E se te serve de consolo, considero a minha vida muito melhor agora — prossegui, forçando um sorriso. — Eu não sei se eu me arrependo e não vou ser hipócrita a ponto de dizer que não gostava de todo o glamour que aquilo me proporcionava... — Voltei a encará-lo. — Mas olhando agora, eu só consigo enxergar sujeira e podridão.

Ele pegou em minha mão e a acariciou.

— Eu... eu não concordo... — respondeu ele, deixando-me em dúvida sobre a parte da conversa que ele se referia. — Se eu consegui fazer você abandonar aquilo sendo um grande filho da puta, então também conseguiria te

tirar daquela vida fazendo a coisa certa.

Antes que eu pudesse tornar a argumentar, ele me puxou para mais perto de seu corpo.

— Eu acho que você ainda está me devendo uma dança... — disse ele antes de me puxar para o meio do salão, não me dando uma chance de recusar.

Coloquei as minhas mãos em seus ombros e ele apoiou as dele em minha cintura. Nossos olhos se conectaram de uma forma que não acontecia há muito tempo.

— Eu sou péssima dançando, então não vou me responsabilizar se você terminar sem um dedo no pé.

— É só me deixar te conduzir.

E nesse instante, foi como se eu estivesse devolvendo o controle para as mãos dele, ainda que apenas em uma dança.

Durante muito tempo optei por estar no controle de mim mesma, fixei tanto essa ideia que acabei me tornando, de certa forma, controladora. Então, não foi fácil me entregar daquela forma, deixando com que ele me conduzisse.

Mas, ainda assim, eu o fiz.

De dois em dois passos, começamos a nos movimentar pelo salão repleto de “vovós”. Mas enquanto as mãos dele continuavam em minha cintura, foi como se estivéssemos apenas nós dois ali. Não consegui ver ou ouvir nada que não fosse Erick Marinho.

E pela forma com que aquelas lanternas verdes clareavam o meu rosto, ele devia estar sob o mesmo encanto que eu.

— Outra das várias coisas que eu me arrependo, é não ter te levado pra dançar — sussurrou ele enquanto os nossos corpos balançavam ao ritmo lento da música.

— É que, naquele tempo, a única coisa que você queria fazer comigo era sexo — eu o lembrei, rindo da careta que ele fez ao ouvir. — Não que você estivesse errado, já que estava me pagando pra isso...

— Dá pra parar de estragar o momento romântico que eu estou tentando construir aqui? Obrigado! — retrucou ele, rindo. — Talvez naquela época eu quisesse manter você só pra mim. — Ele analisou o meu corpo e sorriu, completando: — Não, acho que só queria foder com você mesmo.

Revirei os meus olhos, mas a ideia de estar na cama dele não era tão ruim assim — não que eu fosse admitir, claro.

Continuamos dançando e me esforcei ao máximo para não estragar o “momento romântico”. Mas a verdade era que, talvez, nem mesmo eu fosse capaz de conseguir arruinar uma coisa como aquela.

Os nossos olhares, que se conectavam como se fossem magnéticos, o meio sorriso nos lábios dele, como se ele tivesse acabado de se recordar de uma boa lembrança, a minha hesitação constante e a forma como ele nos conduzia pelo salão, não eram coisas fáceis de passar por cima.

Aproveitamos o “bailão” por cerca de três horas.

Erick me pagou uma bebida horrível que serviam no bar. Notei que ele ficou feliz pelo fato de eu não tirar a minha carteira da bolsa só para contrariá-lo.

Eu, estranhamente, gostei muito de dançar. E o moreno foi muito gentil ao não reclamar de todas as vezes em que eu pisei no pé dele. Foi realmente divertido arriscar os passos com ele, rindo a cada trinta segundos.

— Eu acho que o baile terminou... — sussurrou ele após se inclinar. Erick olhou para o único casal que restava e tornou a me encarar. — Acho que não querem perder a novela.

Dei um tapa no braço dele, para que ele parasse de fazer piada com as senhorinhas.

— A novela já acabou — respondi instantes antes de perceber que havia acabado de lhe dar munição para piadinhas do tipo “*ah, então você vê novela?*”. — E sim, eu assisto novelas, Erick... Supere isso.

— Calma... Eu não disse nada ainda... — defendeu-se ele.

Como eu lidava com aqueles clientes chatos que apareciam um minuto antes de a lanchonete fechar e ficavam por mais meia hora, resolvi que devíamos ir embora e poupar os funcionários dali de mais sofrimento.

Aproximei-me do carro de Erick e notei que, dessa vez, ele não correu para abrir a porta.

E, nesse instante, percebi que algo estava errado.

— Eu pensei em irmos caminhando... O que você acha?

“*Muito estranho*” pensei, mas fiquei em silêncio.

— A cidade é pequena demais, vamos ficar só uns três minutos dentro do carro — explicou ele, dando-me um bom motivo para embarcar naquela loucura.

— Não deve dar mais de três quilômetros... Basicamente, uma caminhada noturna.

— Mas e o seu carro? — indaguei, indicando o óbvio. — Eu sei que aqui não é a cidade mais perigosa do mundo para deixar um carro do lado de fora... — Voltei o meu olhar para o conversível. — Mas isso aqui chama muita atenção.

Ele deu de ombros.

— Eu... eu não me importo... — disse Erick, como se estivéssemos falando de um veículo popular, que não custava bem mais de cem mil. — Mais alguns minutos com você vale mais do que esse carro.

Depois de dizer isso, ele deu alguns passos e se virou, encarando-me.

— Você vem?

Deixei de questionar e o alcancei, passando a caminhar ao seu lado.

— Já estamos no dia 26 — comentei, encarando-o de canto de olho.

Ele sorriu e retribuiu o olhar.

— E aí, já está apaixonada por mim ou vai resistir até o centésimo?

Balancei a cabeça, negando.

— O que te faz ter tanta certeza de que no centésimo dia eu estarei naquela praça?

No instante em que fiz a pergunta, me arrependi, já esperando por uma resposta bem debochada.

— Acho que eu não quero pensar na possibilidade de você não estar lá — disse ele, surpreendendo-me pela seriedade na resposta. — Mas, mesmo depois desse pé na bunda histórico, terá valido a pena.

O meu sapato começou a machucar o meu pé. Como ainda faltava muito para chegarmos, eu simplesmente os tirei.

Erick parou e começou a tirar o sapato também.

— O que você está fazendo, seu louco?

— Pensou que ficaria com toda a diversão só pra você, não é?

E, de repente, estávamos nós dois andando como loucos descalços.

Eu sabia que ele havia feito aquilo só para que eu não fosse a única estranha na rua e fiquei extremamente agradecida por isso.

Enquanto cuidávamos do lugar em que estávamos pisando, conversávamos. E, sob a luz da lua e ao lado dele, os minutos voaram. A caminhada que eu pensei que demoraria muito para acabar, terminou antes

mesmo de eu contar sobre alguns dos problemas da Lancaster.

Erick era ótimo e me propôs várias coisas que eu ainda não tinha pensado. Nesses instantes, eu entendia o porquê ele era tão bem-sucedido.

O cara era um gênio.

Mesmo cansada de toda aquela caminhada, detestei chegar em casa.

— Quer entrar?

— Não, eu já roubei muito tempo de você... — recusou ele com um sorriso. Ele se aproximou, parando a centímetros de mim. — Mas eu aceito um beijo.

Com um sorriso colorindo os meus lábios, inclinei-me e beijei a bochecha dele. E ficaria por isso mesmo se ele não me olhasse daquela forma tão profunda, hipnotizando-me a ponto de ir da bochecha aos lábios dele.

Eu me rendi ao seu encanto e o beijei com vontade, entregando-me a um desejo que, muito provavelmente, nunca tinha deixado o meu corpo, nem mesmo nos meus momentos mais sombrios.

Pensei em simplesmente me afastar após um tímido “*boa noite*”. Mas eu não consegui, não depois de uma noite tão boa ao lado dele.

— Obrigado por... por tudo — disse, com um sorriso sem graça. — Hoje foi... Hoje foi bom.

— Não precisa agradecer — respondeu ele, de imediato. — Eu... eu estou feliz por termos momentos assim de novo.

“*Eu também*” pensei, enquanto ainda o observava.

— Boa noite, Erick.

— Sonhe comigo — brincou ele antes de se afastar, caminhando pela rua mal iluminada.

Capítulo 13 — Família

DIA 32

— Você tem certeza? — certifiquei-me mais uma vez de que ela estava bem com toda aquela situação. — Se você não estiver bem com isso, eu posso mandá-lo ir embora.

— Não precisa se preocupar com isso... Sério! — respondeu Carol, deixando-me mais tranquila. — E relaxa um pouco, Jéssica... Erick vai passar uma tarde com a gente, não é como se ele estivesse se mudando pra cá...

Balancei a cabeça concordando e coloquei um sorriso no meu rosto, convencendo-me de que estava tudo bem, de que não havia nenhum motivo para pressão.

Depois disso, eu peguei a bacia de pipoca e voltei para sala, juntando-me a Erick, que estava acomodado no sofá.

Por mais absurdo que pudesse parecer, o CEO disse que queria passar uma tarde comigo e com Caroline. Quando tentei entender o motivo de algo assim, ele me explicou que nós nunca havíamos tido momentos assim, de que ele não conviveu com a minha irmã — com a minha família em si — e que, dessa vez, queria mudar isso.

Mesmo passando informações minhas pra ele — sem o meu consentimento, devo destacar —, eu não pensei que Carol fosse aceitar isso “*numa boa*”. Mas ela me surpreendeu ao dizer um “*tá bom. Eu posso chamar o Felipe?*”.

— O Lipe não vem mais? — indaguei, assim que ela se acomodou no sofá, junto comigo e Erick.

— Ele vai demorar mais um pouco porque está ajudando a mãe a montar uma droga de guarda-roupa — respondeu ela, antes de pegar o controle da TV e colocar na Netflix.

Conseguia ver na expressão do rosto dela que algo estava errado, mas como estávamos com Erick em casa, optei por não tocar mais no assunto. Era melhor tentar extrair alguma informação quando o moreno fosse embora.

— Ah, eu amo esse aqui — disse Caroline, selecionando o filme “*Casa Comigo?*”. — É uma comédia romântica linda... Vocês vão adorar!

Erick permaneceu em silêncio, concentrado no filme.

Esforcei-me ao máximo para deixá-lo à vontade. Mas não era tão fácil, já que o executivo não era o tipo de cara que estava acostumado a ficar sentado em um sofá, assistindo a um filme enquanto comia pipoca — algo que ele, aparentemente, não gostava muito.

Eu adorei o filme, mas o homem ao meu lado pareceu detestar cada segundo que passou em frente à televisão assistindo-o. Ele quase não riu e quando o fez, foi algo mais debochado, como se significasse o oposto de diversão.

— Esse filme é horrível — disse ele, assim que apareceram os créditos. — Os dois nem transaram e já estavam completamente apaixonados... Isso não existe. — Depois de rir de forma bem sarcástica, Erick completou: — Eu não acredito que perdi duas horas da minha vida vendo isso.

— Nem tudo gira em torno de sexo... — retrucou Caroline da outra ponta do sofá. — Infelizmente, não é todo mundo que tem bom gosto pra filmes.

— Nisso aí, nós dois concordamos... — respondeu Erick, fazendo-me lançar um olhar incrédulo em sua direção. — Não sobre a parte do sexo, claro.

Ele tinha proposto essa porcaria de encontro pra ficar implicando com a minha irmã? Eu não estava acreditando no que acontecia bem a minha frente.

Fixei os meus olhos em seu rosto e não consegui deixar de questionar: — Então, pra você, tudo gira em torno de sexo?

— Eu... eu não disse isso, Jéssica — defendeu-se ele, rindo do que pareceu ser puro nervosismo, outra coisa que eu não estava acostumada a presenciar. — Só que esses filmes são bobos demais, que não retratam a realidade.

— Eu deveria te expulsar da minha casa só pelo fato de você ter falado mal de “*Casa Comigo?*”, mas em respeito à minha irmã, eu não vou fazer isso — disse Caroline, aliviando o “climão” que se estabeleceu na sala. — Mas fique sabendo que você é um babaca... E também que tem um péssimo gosto pra filmes.

A menina ao meu lado estava rindo, mostrando-me que não falava sério. Erick retribuiu a risada e isso fez com que eu relaxasse um pouco, pois notei que eles não se odiavam de verdade, que estavam apenas implicando um com o outro de propósito.

Ou pelo menos, foi o que pareceu até a minha irmã tornar a abrir a boca.

— Por que você acha que a Jéssica deveria ter alguma coisa com você depois de tudo o que aconteceu? — questionou ela, fazendo o meu queixo cair.

— Até onde eu me lembro, você xingou a minha irmã de lixo, acusou-a de tentar te dar um golpe e, logo em seguida, você ainda passou a persegui-la... Não é um histórico muito bom, né?

Eu fiquei pálida.

E ao olhar para o lado, encarando o homem sentado próximo de mim, notei que não fui a única pessoa a ficar extremamente surpresa com aquela pergunta. O CEO também não estava esperando.

Marinho se virou, encarando a minha irmã e com uma expressão séria no rosto, respondeu à sua pergunta.

— Não, não é um bom histórico. Eu sei disso e sei também que não fui o homem que ela merecia que eu fosse e, por isso, eu a perdi... — Marinho disse, instantes antes de voltar o seu olhar em minha direção. — Então, desta vez, vou fazer as coisas da maneira certa... Desta vez, eu vou ser aquele cara que eu deveria ter sido. Sei o quanto foi doloroso assistir você partir e, por esse motivo, eu vou garantir que isso nunca mais aconteça.

Ele voltou o olhar para o relógio prateado em seu pulso e fez uma careta.

— Eu preciso ir. — Erick se levantou e voltou o olhar para Caroline. — Foi ótimo discordar sobre filmes com você... Da próxima vez, eu escolho... Aí vou te mostrar o que é filme bom de verdade.

Ela respondeu com um sorriso que parecia dizer um “*estou ansiosa por isso*”.

Levantei-me do sofá também.

— Eu te acompanho até a porta.

Fui até o portão de casa com ele. Erick estava em silêncio, agindo como se o nosso programa “familiar” tivesse sido um desastre, o que não foi o caso.

— Te vejo amanhã?

— Com certeza — respondi, inclinando-me para um beijo.

A minha ação o surpreendeu, arrancando-lhe um imenso sorriso.

Dei um “tchau” com a mão e o observei partir em seu conversível, antes de voltar para dentro da casa, onde encontrei uma Caroline com um sorrisinho nos lábios.

— Podia ter pegado mais leve com ele, né? — disse, sentando-me ao lado dela no sofá. — Se ele não estivesse ocupado com esse projeto, diria que foi embora por causa daquela sua pergunta.

— A mesma pergunta que fez com que ele ganhasse uns pontinhos com

você? — debochou ela sem me encarar. — Eu, praticamente, o estava ajudando, acredite em mim.

Antes que eu tivesse a chance de mudar de assunto, tentando descobrir o que estava acontecendo entre ela e Felipe — e de quebra me livrar daquela conversa sobre Erick —, a minha irmã tornou a falar.

— Antes de passar aquelas informações sobre você, eu fiz essa mesma pergunta a ele... — revelou-me Carol, roubando toda a minha atenção. — Foi essa resposta que me convenceu a ajudá-lo... E eu meio que queria que você também a ouvisse. — Ela riu enquanto balançava a cabeça. — Erick pode ter um gosto horrível pra filmes, mas eu acho que ele realmente gosta de você.

DIA 33

Como no dia anterior, eu levei Marinho para conhecer a minha casa — e passar um tempinho com a minha irmã —, ele retribuiu o convite e me levou para o hotel em que estava hospedado, um que eu ainda não havia visitado nesses mais de um mês desde que ele havia chegado à cidade.

A primeira coisa estranha que eu notei naquele lugar, foi a baixa — quase inexistente — movimentação. Por mais que estivéssemos em uma cidade pequena, o fato de não encontrar nenhuma alma viva circulando pelos corredores era, no mínimo, bem incomum. A segunda foi o baixíssimo número de funcionários presentes no local. Encontrei apenas um recepcionista, uma arrumadeira e um zelador, o que era muito pouco para um hotel daquele tamanho.

— Por favor, me diz que você não comprou este hotel... — disse a ele, assim que entramos em sua suíte.

— Eu não comprei este hotel — respondeu ele, não me convencendo nem um pouco. — Aluguei todos os quartos por três meses, mas não o comprei ainda. — Ele não me deixou dizer o que eu pensava sobre aquilo, dando-me uma espécie de argumento. — Você sabe que sou um homem que preza muito pela privacidade... Eu não ia querer mais ninguém por aqui.

Foi impossível não me lembrar do “Star Palace”, o hotel em que vivemos alguns dos nossos momentos mais quentes. Erick o havia comprado exclusivamente para usá-lo com acompanhantes de luxo, o enorme terceiro andar era exclusivamente para ele e a sua esposa, Victória.

Sentei-me em sua cama e voltei o meu olhar para ele.

— Faz muito tempo que não entramos em um quarto juntos, não é? — disse ao executivo, rindo daquele fato, que naquele instante pareceu-me engraçado. — Se alguém me dissesse que estaríamos juntos em um quarto de hotel há dois meses, eu não acreditaria...

— Eu também não. — ele concordou rindo. — Eu sou um cara bem confiante, admito isso... Mas eu não achei que você fosse concordar com os cem dias.

— Não foi como se eu tivesse uma opção, né? Pelo que eu me lembro, você me infernizou durante dez dias pra conseguir só uma conversa — comentei, deixando-o sem graça. — Fez até uma ameaça...

— Eu queria conversar com você e realmente não iria embora sem fazer isso, mas depois daquele dia na praça... Depois eu estava blefando — continuou Erick. — Se você tivesse dito não, eu teria ido embora, teria respeitado a sua decisão... Já ferrei demais com a sua vida, não faria mais mal a você.

Ele sentou-se ao meu lado e se aproximou para um beijo que eu não recusei.

Mas, como era de se esperar, não ficou apenas naquele beijo. As suas mãos passaram a explorar o meu corpo e eu me obriguei a me afastar dele, interrompendo todos os seus toques.

Não foi preciso muita coisa para que eu entendesse os planos dele para aquela noite.

— Eu detesto ser a estraga prazeres, mas... — Fitei aquelas lanternas esverdeadas. — Não vai rolar, Erick. Eu não vou transar com você hoje.

— Você, literalmente, estragou os meus prazeres, Jéssica Martins — respondeu-me ele, fazendo com que eu risse. — Mas eu não te trouxe aqui só pra isso.

— Ah, então não foi “só” pra isso? — debochei, não perdendo a oportunidade.

— Não, não foi.

Por sorte, não precisei insistir muito.

— Eu... eu tenho que te contar uma coisa... — disse ele, com um olhar que me deixou bem apreensiva. — E eu estou com medo de você me chutar, principalmente agora que eu revelei que não vou ficar no seu pé caso me diga um “não”.

Inúmeras coisas passaram pela minha mente. E eu fiquei assustada, pois não queria ganhar um bom motivo para expulsá-lo da minha vida — não agora que passei a me acostumar novamente com a ideia de tê-lo próximo de mim.

— Eu peguei várias informações suas com a sua irmã — revelou-me ele, pronunciando como se fosse uma coisa horrível. — Coisas como os seus horários de trabalho e atividades como a corrida matinal...

Ele voltou o seu olhar de cachorro sem dono em minha direção.

E tentei me manter o mais séria possível.

— Eu deveria ter contado naquele dia na praça, mas fiquei com medo de você desistir de me dar aquela chance... de achar que eu não mudei muito...

— Eu já sabia disso... — respondi, fazendo-o arregalar os olhos. — Caroline me contou.

— E?

— E você foi um babaca por ter conspirado pelas minhas costas, mas eu resolvi te dar um voto de confiança... E o fato de você estar me contando isso, significa que eu tomei a decisão certa — respondi, colocando uma expressão aliviada no rosto dele. — Estamos bem.

Erick era tão culpado quanto Caroline. E se a minha irmã não receberia uma espécie de punição, também não faria isso com o executivo.

— Mas já que você pegou algumas informações minhas, nada mais justo do que me dar algumas suas — completei com os meus olhos fixos em seu rosto. Ele balançou a cabeça, concordando com as minhas “condições”. — Eu não sei nada sobre a sua família... Com exceção de que você é filho único e de que o seu pai tem um probleminha com jogos.

Em contrapartida, Erick sabia muito sobre mim. Em nosso primeiro encontro, ele já descobriu sobre a tentativa de abuso do meu padrasto e sobre a indiferença da minha mãe. Ouviu-me contar sobre a morte do meu pai, do esforço que a minha mãe fez para conseguir cuidar de duas filhas e das asas e aureola que ela colocou em Leandro assim que ele entrou em sua vida. O CEO conhecia a minha irmã — e o motivo de ela ter ido morar comigo —, mesmo antes de eu ir embora da cidade.

— Não tem muita coisa pra saber sobre eles — respondeu ele, esquivando-se como de costume. — Eu poderia passar horas te contando sobre o meu casamento conturbado com a Victória, poderia contar sobre o fato de ela sair ganhando quando ele chegou ao fim... Mas sobre os meus pais? Não há nada para contar.

Depois de notar o meu olhar, que ilustrava bem o que se passava em minha mente, ele notou que eu não estava tão convencida assim e, principalmente, de que não abriria mão disso.

— Mesmo antes do meu casamento, eu nunca fui um filho muito presente — começou Erick, mostrando-me de que eu havia ganhado, que ele me contaria sobre a família dele. — Mas depois que eu me casei, as coisas ficaram ainda piores. Eu me certificava de que eles estavam bem, mas não era o tipo de filho que fazia visitas constantes e nem nada parecido com isso.

Nesse aspecto não éramos tão diferentes, mesmo que eu tivesse um bom motivo para não querer visitar a minha mãe.

— Eu só fui voltar a minha atenção pra eles há dois anos, quando descobri que a minha mãe não estava tão bem assim... — Ele ficou em silêncio por alguns segundos, deixando transparecer o quanto devia ser difícil estar falando sobre aquele assunto. — Mas foi tarde demais, eu descobri sobre o câncer três meses antes de ela morrer...

Erick me contou que, na época — quase dois anos depois de eu ter ido embora —, não estava em seus melhores dias. Tudo aconteceu justamente naquele período em que estava “perdido” — que ele comentou na praça no dia em que propôs os cem dias.

Como não visitava os pais há vários meses — ele nem mesmo conseguia contar nos dedos por quanto tempo ficou ausente —, se assustou ao se deparar com uma mãe com a aparência extremamente frágil. O homem sentado ao meu lado foi bem detalhista, destacando o cabelo artificial, que identificou como peruca no instante em que bateu os olhos. O seu corpo magro e a sua pele tão fina e pálida ao ponto de se parecer com um pedaço de papel.

E com todas essas descrições, eu me senti mal por ter tocado naquele assunto, que não estava cicatrizado. Eu praticamente o obriguei a falar sobre a família dele, mesmo sem saber se ele ainda possuía uma. Mas também não conseguia encontrar coragem para interrompê-lo, deixando claro que ele não precisava continuar se não quisesse.

Tudo o que eu consegui fazer foi ficar ali sentada, ouvindo atentamente a tudo o que deixava a sua boca.

— E nesses momentos você sempre joga a culpa pra frente... Gritei com o meu pai, acusando-o de não ter me avisado sobre a doença no momento em que a minha mãe foi diagnosticada — continuou ele, rindo de frustração. — E ele me disse que ligou dezenas de vezes, que me procurou em casa, no escritório... Mas que em todas essas ocasiões, eu o dispensei antes mesmo de

ouvir o que ele tinha para me contar.

O pai dele era viciado em jogos. Destruíu quase tudo o que tinham e isso obrigou Erick a “salvar a família”, casando-se com Victória. O dinheiro da família dela quitou todas as contas da de Marinho, a posição que ele assumiu fez com que os seus pais continuassem mantendo o alto padrão a que estavam acostumados.

No entanto, mesmo depois de estragar a vida do filho, obrigando-o a se casar com alguém que ele não amava, o pai de Marinho continuou jogando, queimando dinheiro em mesas de jogos e cassinos clandestinos. E isso fez com que Erick o interditasse, passando a controlar todo o patrimônio que eles possuíam. Como todas as despesas com casa, médico, alimentação eram supridas, o executivo passou a fornecer uma espécie de mesada para as coisas que não fossem essenciais.

E, ainda assim, o pai gastava tudo e sempre o procurava pedindo por mais. Com o tempo, ele deixou de dar atenção para os seus telefonemas, visitas e qualquer outra forma que o seu pai encontrava para tentar conseguir mais dinheiro para jogos.

— Você não tinha como saber que ele não estava querendo mais dinheiro pra jogo — disse a ele em uma falha tentativa de lhe transmitir algum conforto. — Até porque, pelo que você me contou, ele sempre começava a conversa com a questão “dinheiro”.

— Como eles possuíam um bom plano de saúde e tinham acesso ao dinheiro para qualquer tipo de medicamento, eu sei que não faltou nada — respondeu ele, ainda encarando o teto do quarto. — Mas se eu soubesse antes do que estava acontecendo, teria mais tempo com ela...

Enquanto encarava a expressão de seu rosto, que transparecia tudo o que ele estava sentindo, notei que essa era uma das poucas vezes em que ele estava sendo sincero comigo. Não tinha nenhuma armadura, nem mesmo aquela constituída pelo sarcasmo, do qual ele sempre recorria.

— Acho que voltei para a realidade depois que ela morreu, foi quando eu finalmente me encontrei e dei um novo rumo à minha vida — prosseguiu Erick, fazendo com que os elementos da nossa conversa na praça se encaixassem. — Só queria não ter precisado perdê-la pra isso.

Quando me pareceu que ele começaria a chorar — tive uma pequena impressão de que os seus olhos se encheram de lágrimas —, Erick deu outro de seus sorrisos frustrados.

— Mas o meu pai continua bem, ainda gasta toda a mesada dele com

jogos e, eventualmente, tenta me ligar pra tentar conseguir mais.

Levei a minha mão até a dele e forcei um sorriso.

— A gente vai ter que tirar na sorte pra descobrir quem de nós dois tem a família mais ferrada — disse, esforçando-me para tirar um sorriso verdadeiro daqueles lábios.

Eu perdi o meu pai, ele perdeu a mãe. A minha mãe ficou do lado de um cara escroto ao invés das próprias filhas, o pai dele o enxergava como um cofrinho, um simples meio de conseguir mais dinheiro.

— Essa é fácil, você ganha — respondeu ele, depois de um longo período em silêncio. — Eu não sei como sobreviveria se passasse por todas as coisas você enfrentou. Eu sempre tive tudo e acho que nunca valorizei o suficiente, você não tinha nada e, ainda assim, se saiu melhor do que eu...

— Eu meio que me tornei uma garota de programa, então não diria que isso é... — fiz aspas com os dedos — “se sair bem”.

Não lhe dei tempo para dizer mais nada, completando: — Eu sinto muito pela sua mãe e por... E por tudo o que aconteceu nesse tempo.

Ele riu e balançou a cabeça, dizendo: — Desculpe por despejar tudo isso em cima de você, mas lembre-se de que foi você quem pediu.

— Eu queria saber... Acho que serão conversas assim que vão diferenciar o tipo de relação que tínhamos com a que possuímos agora — respondi ainda segurando a mão dele. — Sempre que precisar conversar, eu estou aqui.

Capítulo 14 — Passeio Noturno

DIA 40

Quarenta dias com o bilionário.

O fato é de que eu nunca havia passado tanto tempo convivendo com Erick daquela forma — sem transar com ele. A nossa relação sempre foi muito mais carnal do que sentimental. E não havia como ter sido diferente, já que o sexo era uma parte — a principal — do serviço que eu “fornecia” a ele.

E por mais que os meus sentimentos já não fossem tão intensos quanto antes, o meu desejo continuava bem parecido — talvez até maior, devido a todo o tempo que passamos separados. Aquele pedaço de mau caminho ainda conseguia me desconcentrar com um simples sorriso sacana.

Eu já não estava mais conseguindo me conter.

Era como se o executivo estivesse a todo instante tentando me excitar, principalmente durante as nossas corridas matinais, quando ele tinha uma ótima desculpa para usar pouca roupa.

O moreno sempre aparecia com um short curto, mostrando bem as suas coxas grossas. Eu me controlava bastante para não as ficar encarando, observando os pelos e, principalmente, o volume formado em sua cueca, entretanto, isso nunca dava muito certo, era como se os meus olhos tivessem vida própria.

Quando ele usava regatas, os seus braços musculosos ficavam à mostra. E com isso, a minha imaginação corria solta, fantasiando cenas nas quais eu estava presa ao seu corpo, envolvida por aqueles mesmos braços.

Era impossível não apreciar a beleza dele.

E naquela manhã específica, ele tirou a regata, dificultando ainda mais as coisas. Os meus olhos — bem traidores, diga-se de passagem — voaram em direção ao seu corpo suado e eu fiquei salivando como um cão que observa um grande pedaço de carne. Os pelos em seu peito davam-lhe um toque viril, os músculos em seu abdome lhe acrescentavam imponência e todo aquele suor escorrendo — exalando testosterona — deixaram-me sedenta por aquilo que eu já não conseguia mais esconder que desejava.

— Quer um pouco? — disse ele, como se estivesse oferecendo o seu corpo pra mim. Erick estendeu o braço, oferecendo-me a garrafinha de água e

isso me trouxe de volta à realidade. — Vai te refrescar.

Recusei para, logo em seguida, vê-lo abrir a garrafa e despejar o restante do líquido em seu rosto.

Assistir à água gelada despencando sobre aquele corpo quente deixou-me tão molhada quanto os fios de cabelo em sua cabeça.

Foi como se ele estivesse fazendo aquilo de propósito, com o objetivo oculto de me excitar, de me fazer ceder. Se esse fosse mesmo o seu plano secreto, infelizmente estava dando muito certo, pois eu estava quase me jogando em cima dele.

Voltei o meu olhar para aquele seu rosto felino e, por um curto instante, foi como se ele estivesse me secando, prestes a pronunciar “*eu quero foder com você*”.

— O que você disse? — perguntei ao moreno, certa de que não tinha ouvido direito.

— Que eu gosto de correr com você — repetiu Marinho, mostrando-me que eu estava começando a enlouquecer, escutando coisas que não haviam sido pronunciadas. — Eu adoro as nossas corridas.

Balancei a minha cabeça, concordando com ele.

Também adorava as corridas — pelo menos, até que o simples fato de vê-lo correndo fosse o suficiente para me deixar excitada.

Voltei pra casa e fui direto para o banheiro. Precisava tomar um banho e livrar-me do suor, antes de iniciar o meu expediente na Lancaster. Nesse dia específico — diferentemente de todos os outros —, eu fiz questão de usar o meu dia de chegar mais tarde.

Entrei no chuveiro e fiquei lá, lembrando-me do quanto Erick estava lindo de short e regata. Enquanto recordava-me da imagem do peitoral gostoso dele — completamente suado —, eu levei os meus dedos até o meu sexo e suspirei, tornando a fantasiar.

Em poucos segundos, eu já estava imaginando o executivo me empalando com aquele seu caralho grande e grosso, sonhava acordada com uma cena de sexo bem selvagem. Mesmo depois de todos aqueles anos, eu ainda me lembrava do quanto era bom senti-lo me destruindo.

Mas, então, a minha consciência começou a pesar e, como de costume, eu me dei conta do quanto devia estar parecendo estúpida fazendo aquilo. E essa sensação era o suficiente para que eu interrompesse a minha “brincadeirinha” e voltasse a me concentrar no banho.

Depois de fechar a Lancaster, eu fui direto para a minha casa.

Ainda pela manhã, Erick tinha comentado que passaria a noite trabalhando — certamente naquele seu projeto misterioso, do qual eu, aparentemente, não podia ter conhecimento. Mas eu nem liguei muito, pois também estava bem cansada para sair de casa. A semana havia sido muito corrida, o que resultou em um enorme cansaço.

Fui dormir muito cedo, por volta das oito horas da noite. Eu estava tão destruída que só precisei me deitar na cama que o sono me encontrou naturalmente.

Acordei com o som do meu celular — gritava sem parar —, sem saber se era dia ou noite. Eu estava completamente perdida.

A primeira coisa que eu notei foi que não estávamos no meio da madrugada — e nem na manhã do dia seguinte —, como pensei no instante em que abri os meus olhos. Ainda eram dez horas da noite. Depois disso, a minha atenção se voltou para o nome que brilhava na tela do meu celular.

“Erick Marinho <3”.

Como esse novo Erick não tinha costume de me ligar à noite, eu optei por atender a ligação, pois poderia ser alguma coisa importante.

— Ei, eu terminei o trabalho mais cedo... — contou-me ele, mostrando-me que não era nada de muito importante como cheguei a pensar. — O que você acha de eu ir aí te buscar pra gente dar um passeio noturno?

Fiquei trinta segundos em silêncio, pensando se aceitaria aquele convite de última hora.

— Alô, Jéssica? — continuou ele, querendo saber se eu ainda estava na linha.

— Por mim tudo bem... Pode passar pra me pegar! — Depois de pronunciar o *“pra me pegar”* e notar o infeliz duplo sentido na frase, eu me corrigi. — Digo, vir aqui me buscar... Pode vir.

Estranhamente, ele não fez nenhuma piadinha sem graça com aquilo.

Assim que eu encerrei a ligação, fui me vestir. E não perdi muito tempo com isso — da forma que sempre costumava fazer quando envolvia o executivo —, simplesmente peguei algumas peças no meu guarda-roupa e as vesti.

Por mais que eu ainda estivesse cansada do dia — e semana tumultuada —, eu realmente queria sair com ele. Tornei a apreciar a companhia de Erick, gostava de estar ao lado dele tanto quanto antes, quando o meu coração acelerava sempre que o executivo aparecia.

Erick não demorou para aparecer, buzinando como um louco em frente à minha casa.

— Quer acordar todo mundo? — gritei, assim que me aproximei do portão.

— Relaxa, ainda são dez e meia da noite, não tem ninguém dormindo — rebateu ele, nem imaginando que havia me acordado com a sua ligação tardia.

O CEO abriu a porta do carro para mim e contornou o veículo, acomodando-se no banco do motorista.

Contrariando aquela história de “*passeio noturno*”, Marinho dirigiu até o “Hillston” — o hotel em que ele estava hospedado — e isso fez com que eu voltasse o meu olhar em direção ao rosto dele, sem disfarçar a minha expressão desconfiada.

— Essa é outra tentativa sua de fazer a gente transar, Erick Marinho?

— Um passeio com segundas intenções? Eu nunca faria isso, Jéssica Martins! — rebateu ele, de forma bem irônica. — Eu só preparei um jantarzinho especial... Mas se você quiser me recompensar com um pouco de sexo, eu não vou recusar.

Fiquei vermelha.

O cretino era bom em se livrar da culpa — uma de suas especialidades.

Assim que ele estacionou em frente ao hotel, eu desci do carro, nem o esperei abrir a porta. Erick fez parecer que eu era a única pessoa ali pensando em sexo, o que não devia ser verdade — mesmo eu querendo muito.

Ao chegarmos em sua suíte, eu descobri que ele não estava mentindo sobre a parte do “jantarzinho”, o que derrubava a minha teoria de que era apenas uma estratégia para me “*jantar*” em seu matadouro.

Como eu não queria destruir tudo com um “*eu não estou com muita fome*”, sentei-me na cama e peguei um dos pratos.

Voltei o meu olhar para a comida, algo envolvendo camarão e dei um sorriso amarelo, tentando pensar em qualquer outra coisa que não envolvesse “*sexo*” e “*Erick*” na mesma frase.

— O que foi? — questionou o moreno, notando que tinha algo de muito

errado comigo.

Eu coloquei o meu prato de volta no carrinho de serviço e optei por ser direta e dizer o que estava em minha mente.

— Eu... eu não estou com muita fome.

Ele fez uma careta e colocou o prato ao lado do meu, mostrando-me que não comeria também.

— Você sabe o quanto eu detesto comer sozinho, não é?

Antes que ele pudesse continuar com aquela chantagem barata, eu finalmente disse o que estava entalado em minha garganta desde que ele reapareceu em minha vida: — eu... eu quero, Erick...

Ele pegou o meu prato e estendeu em minha direção, com um sorriso vitorioso no rosto.

Não peguei a comida de sua mão e a minha balancei a cabeça, negando.

— Não o camarão... — continuei, deixando-o ainda mais confuso. Respirei fundo e prossegui, dizendo: — Eu quero transar com você.

Quando eu notei, aquela frase já tinha saído da minha boca, não tinha como colocá-la de volta. E depois do alívio por ter finalmente dito aquilo, eu nem sabia se queria mesmo tê-la deixado apenas em minha mente.

Após a minha frase, ele perdeu o interesse no prato de comida. Nem parecia o mesmo cara que estava usando chantagem emocional para me fazer comer.

— O que foi? Eu pensei que você estava com fome... — brinquei, não perdendo aquela oportunidade de caçoar da cara dele.

Os seus lábios se torceram em um sorriso sacana que me deixou úmida.

— E eu estou — respondeu ele com os olhos fixos em mim. — Mas comer boceta é bem melhor do que essa porcaria de camarão.

Joguei-me para trás, deitando-me sobre a cama. Voltei o meu olhar em direção a ele e sorri ao notar que o executivo também estava olhando para mim, encarando-me de uma forma que fez com que eu me lembrasse dos momentos quentes que havíamos compartilhado no passado.

— E está esperando o quê? — sussurrei, com os meus olhos castanhos fixos naquelas lanternas verdes. E da forma mais sexy que eu consegui naquele momento, completei: — Vem... vem me jantar.

Erick não perdeu tempo e aproximou-se de mim para um beijo impossível de resistir. E com o meu aval, as suas mãos começaram a me

explorar, enquanto as nossas línguas ainda estavam entrelaçadas.

Ainda aos beijos, liberei-me da minha blusinha. E no mesmo segundo, as mãos pesadas dele se fecharam em torno dos meus seios, por cima do sutiã, explorando-me daquela forma que eu tanto sentia falta — e que o safado dominava tão bem.

“Está acontecendo” era a única coisa que eu conseguia pensar.

O meu coração disparava, como se pudesse sair pela minha boca e a minha respiração estava tão ofegante que eu era capaz de ouvi-la.

Diferentemente de todas as outras vezes em que havíamos feito aquilo — algo que já havia sido extremamente natural para nós dois — foi muita afobação, como se Erick fosse um cliente inexperiente, que ansiava por sexo mais do que qualquer outra coisa.

Em poucos segundos, eu estava completamente nua. Marinho ainda segurava os meus seios com firmeza, entretanto, agora os seus lábios também me envolviam. Ele me chupava de forma intensa, enquanto continuava apertando-os com força, como uma criança malcriada, destruidora de brinquedos. Seus dentes mordiscavam os meus mamilos e o seu olhar e expressão sacana me tiravam do sério.

No momento em que ele estava prestes a tirar a cueca — revelando-me aquele caralho que já devia estar bem duro —, o sonho começou a se dissipar e eu finalmente acordei.

Olhei para os lados e constatei que estava em casa, deitada na minha cama, completamente vestida e sozinha — sem a presença do bilionário. Detestei constatar que tudo não havia passado de mais um sonho erótico idiota, que só servia para me deixar ainda mais surtada.

Capítulo 15 — Hesitação

DIA 50

Passaram-se mais dez dias daquela tortura, que, infelizmente, envolvia muitos pensamentos fantasiosos em nossas corridas, banhos quentes — quando a minha imaginação e alguns dedos também estavam presentes — e sonhos eróticos, depois dos quais eu acordava inconformada por não serem reais.

Mesmo me esforçando, eu já não conseguia mais disfarçar o meu desejo pelo CEO.

Estava ficando cada vez mais óbvio o que eu queria.

— De verdade, eu não sei por que você está enrolando tanto... Não é como se ele não fosse querer, Jéssica — comentou Caroline, após eu me abrir com ela a respeito do que estava sentindo e de como isso estava me afetando. — Ele deve estar tão ansioso por isso quanto você.

Conhecendo o executivo — que costumava sair com as mulheres mais bonitas —, eu não duvidava de que ele estivesse sedento por sexo — tão louco quanto eu —, ainda que, aparentemente, se controlasse melhor.

A única coisa que me impedia de “*consumar o ato*” era um medo bobo, que era forte o suficiente para me assustar.

Eu estava com receio do sexo porque eu sabia que isso seria uma confirmação para o executivo, o que faltava para que Erick percebesse que havia me ganhado, antes mesmo de chegarmos ao centésimo dia.

Por mais que a minha vontade de negar fosse grande, o desgraçado realmente havia me reconquistado.

Eu não sabia se estava perto de me apaixonar novamente, nem mesmo se um dia voltaria a me sentir daquela forma — quando ainda tínhamos um contrato —, mas de uma coisa eu tinha certeza, eu gostava de Marinho, gostava de estar com ele e isso já era mais do que o suficiente para lhe dar — ou melhor, para nos dar — uma nova chance.

— Eu... eu poderia ir dormir no Felipe... O que você acha? — propôs Carol, com um sorrisinho em seus lábios vermelhos.

Eu entendia exatamente o que ela estava tentando fazer e realmente agradecia a ajuda, mas ainda havia um probleminha — um que ela estava evitando falar.

— Mas vocês já estão bem?

Recordei-me do dia em que Felipe ficou de vir à nossa casa para assistir a um filme e não apareceu, com a desculpa de que tinha que montar um guarda-roupa para a mãe. E no trabalho eles já não pareciam tão próximos quanto costumavam ser. A minha irmã se esforçou muito para que eu não percebesse, mas acabei notando que eles ainda estavam estranhos.

Como Caroline ficou em silêncio, eu completei, dizendo: — É que, da última vez que eu notei, vocês dois não pareciam muito bem.

Ela fez uma careta e revirou os olhos. E então a hesitação tomou conta de sua face, mostrando-me de que realmente existia um problema.

— Ele... O Felipe me pediu em casamento — revelou-me ela instantes antes de desviar o olhar, como se quisesse fugir dos meus olhos.

— Ele o quê? — questionei enquanto tapava a minha boca com a mão, como se quisesse me impedir de começar a gritar.

Eu fiquei eufórica com aquela informação, bem mais do que a pessoa que recebeu a proposta, aparentemente. Afinal, não era uma coisa qualquer, era um pedido de casamento.

— Já faz um tempinho... — Ela voltou o olhar em minha direção. — Desculpe por esconder isso de você, é que eu não queria te contar até ter certeza da minha decisão.

E como eu praticamente forcei Caroline a falar sobre aquele assunto, significava que ela ainda não tinha a certeza que tanto buscava.

— Foi no dia anterior ao que Erick veio passar a tarde aqui com a gente. — Ela sorriu de forma estranha e fechou os olhos, como se estivesse buscando por uma forma de me explicar o que se passava em sua mente. — Eu... eu amo aquele idiota, mas não sei se estou pronta para dar esse passo tão grande... Pra começar uma nova família.

Eu entendia toda a insegurança que ela estava sentindo e sabia que isso era fruto de tudo o que tínhamos passado com a nossa mãe e Leandro. Não era fácil permitir-se sonhar com uma família depois de viver o que nós duas fomos obrigadas a passar dentro daquela casa — convivendo com um cara que deveria nos fornecer segurança, carinho e mais nada além disso —, com alguém passou a nos assediar constantemente.

Não era tão fácil confiar depois de algo assim.

Não era fácil permitir-nos ser felizes, pois estávamos constantemente colocando uma barreira entre nós e o restante do mundo. E por mais que fosse

mais seguro viver dessa forma, também era extremamente solitário.

Eu sabia que Felipe era um homem bom — de longe o melhor namorado que ela já teve — e também tinha certeza de que ela o amava, não queria ver aquele relacionamento destruído por uma hesitação boba.

— Você está certa, é um passo muito grande... Mas só se você estiver caminhando sozinha, o que sabemos não ser o caso — respondi, forçando um sorriso. Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, eu concluí, dizendo: — Se existe algo que eu aprendi nesses últimos anos, é que a única coisa que não podemos ter de volta é o tempo... Então, não o desperdice.

Ela retribuiu o sorriso e notei que a minha frase a fez refletir.

— Eu acho que você devia aproveitar o seu próprio conselho — disse Caroline, fazendo-me revirar os olhos. Aparentemente, eu estava sendo presa na minha própria armadilha. — Deixa de perder tempo com o Erick... Nós sabemos que ele não virá atrás de você outra vez.

Capítulo 16 — Desejo

DIA 50

Inspirada pela nossa conversa, a minha irmã decidiu que dormiria na casa do namorado — muito provavelmente, o seu futuro noivo. Ela também me deu a ideia de convidar o CEO para um jantarzinho.

“*Vocês comem o jantar e depois se comem, simples assim!*” argumentou ela, tentando me mostrar o quanto o seu plano era “*infalível*”.

— E relaxe um pouco, mulher! — prosseguiu Caroline, antes de sair de casa. — Você sabe que o sexo costumava ser parte do seu trabalho, não é?

Abandonei todos os pensamentos que me deixavam hesitante em relação ao sexo e, seguindo o conselho de Carol, liguei para Erick e marquei com ele um encontro na minha casa.

Eu, obviamente, não contei sobre os meus planos — que envolviam bem mais do que comida e conversa.

Carol cumpriu com a parte dela, deixando a casa só para mim e o executivo.

E eu não amarelei.

Na verdade, eu optei por usar a mesma estratégia que Marinho havia usado naquele meu sonho — o do “*passeio noturno*”. Basicamente, um jantar cujo prato principal seriam as minhas segundas intenções.

Fiz um espaguete com almôndegas — sim, serviria para o CEO um prato com macarrão e carne moída. E, estranhamente, não fiquei me pilhando com o “*será que ele vai gostar de comer isso?*” e “*é o tipo de comida à altura de um homem como ele?*”, até porque eu tinha certeza de que ele aprovaria a sobremesa.

E, com isso em mente, coloquei a minha melhor lingerie, já pensando no momento em que ele a arrancaria do meu corpo. Ela não era tão bonita ou sexy quanto as que eu havia deixado para trás no meu antigo apartamento, mas sabia que daria conta do recado, me embrulharia direitinho.

Ele, como de costume, foi bem pontual.

Eu fui recepcioná-lo no portão.

O moreno estava diferente, mas não menos atraente. Usava uma camisa

branca de botões azulados. E assim como no dia em que ele apareceu na cidade, os dois primeiros botões estavam abertos, mostrando-me alguns dos pelos em seu peito. O seu cabelo preto estava molhado e penteado para o lado. Erick usava, pela primeira vez, uma bermuda jeans e isso transmitiu um ar de informalidade — perfeito para a ocasião. Foi como se ele estivesse se vestindo para um passeio na praia — mesmo que na cidade só tivesse a lagoa do parque.

— É impressão minha ou você está ficando mais bonita a cada dia? — elogiou-me ele enquanto eu abria o portão. — Não, não é impressão.

Como eu abandonei o meu trabalho de acompanhante de luxo, esses elogios deixaram de ser frequentes. E com isso, eu já não sabia mais como reagir a eles.

Voltei o meu olhar em direção a ele, sem saber o que dizer.

— E você está de bermuda! — observei o detalhe em voz alta, rindo, mesmo sem o fato ter graça. — Eu... eu gostei.

Antes que o homem à minha frente pudesse tornar a me elogiar, eu o levei para dentro de casa.

— Eu meio que sonhei com você ontem à noite — comentei, assim que cruzamos a porta. Por algum motivo, revelei detalhes sobre esse mesmo sonho. — Foi bem quente...

— Então a gente transou? — Adivinhou, lançando-me um olhar que fez com que eu me arrependesse de ter começado aquele assunto.

Neguei com um aceno de cabeça.

— Na verdade, não... Você meio que acabou brochando na hora “H” — não me contendo, menti para o executivo.

— Então você não deve ter sonhado comigo. Eu não brocho, Jéssica... Nunca! — respondeu ele de forma confiante, encarando-me com um olhar que me deixou arrepiada. — Mas não se preocupe com isso, eu vou te recompensar pelo trabalho malfeito desse impostor.

“*E eu vou adorar*”, pensei enquanto continuava a encará-lo com um olhar intenso.

— O jantar já está pronto! — respondi à sua provocação, desconversando. — Você gosta de espaguete com almôndega?

— Não muito...

Eu voltei o meu olhar em direção a Marinho, ainda não acreditando que ele havia acabado de responder à minha pergunta com um “*não muito*”.

O cretino podia, pelo menos, fingir que gostava do prato que eu estava prestes a servir.

— Mas eu tenho certeza que vou adorar o seu.

Erick sentou-se no lugar que preparei, e eu servi a comida antes de me colocar ao seu lado.

Depois disso, nós começamos a comer.

E essa foi, muito provavelmente, a refeição mais desconfortável que eu já tive em toda a minha vida.

Ele não desgrudava os seus olhos verdes de mim e eu era incapaz de não retribuir cada um deles, queimando-o com os meus castanhos. E sempre que eu levava o garfo até os lábios, ele tornava a me secar, como se eu fosse a comida dentro do seu prato.

Nós não tínhamos um assunto, então permanecemos em silêncio.

“Eu só te convidei pra jantar porque quero transar com você” pensei ainda buscando uma maneira sutil de introduzir o assunto *“sexo”*.

E isso era ridículo, pois, como Carol havia me lembrado, eu não era uma garotinha virgem com vontade de trepar com o gostosão da vizinhança. Eu costumava ser uma garota de programa — uma bem competente, diga-se de passagem —, alguém que sabia mais sobre sexo do que qualquer outra coisa.

— O que você acha da gente transar? — perguntei, optando por ser direta e objetiva.

O homem à minha frente se engasgou com o pedaço de almôndega, antes de começar a tossir de forma descontrolada. Erick tomou o copo de água ao lado do prato em um único gole e, então, trouxe a sua atenção para mim.

— Você está falando sério mesmo ou isso é algum tipo de teste em que eu vou, muito provavelmente, falhar? — ele questionou, arrancando-me um sorriso.

— Eu quero muito, talvez desde o momento em que eu te vi pela câmera da Lancaster — pensei em voz alta, roubando todas as palavras da boca de Marinho.

No mesmo segundo, ele se levantou da mesa e veio em minha direção com uma expressão séria no rosto. Eu não tive nem tempo de dizer que podíamos terminar o jantar, pois ele me arrancou da cadeira e me pegou no colo, como um anjo prestes a alçar voo.

Nossos rostos estavam bem próximos, mas ele não me beijou.

— Onde é que fica o seu quarto?

Fiquei em silêncio, aproveitando aquele momento para irritá-lo, entretanto eu acabei me esquecendo de que ele era um mestre nessa arte.

— Se você não me falar logo, eu vou te comer ali, naquele sofá — completou Marinho, sem saber que aquilo, ser “comida” por ele, era tudo o que eu mais queria.

Como eu não disse nada, Erick nos levou para a sala e me colocou em cima do móvel, que não era dos mais confortáveis — pelo menos, não antes de eu estar em seus braços.

A primeira coisa que eu fiz, foi desabotoar o restante dos botões daquela camisa branca. Fiz isso sem tirar o meu olhar de seu rosto, que não conseguia disfarçar a animação para o ato que estávamos prestes a “performar”.

Depois de arrancar aquela camisa, eu finalmente coloquei as minhas mãos naquele seu peitoral gostoso, que já me fez salivar muito durante as nossas corridas matinais, sempre que ele decidia arrancar a regata — um truque barato que nunca falhava.

Sem perder mais tempo — até porque, isso era o que nós dois mais havíamos perdido —, eu, literalmente, caí de boca em cima dele, sentindo a sua pele com a minha língua. Chupei o seu abdome todo, antes de subir para o seu peito, onde mordisquei aqueles mamilos deliciosos.

Com a ajuda dele, eu me livreí da minha blusinha — um obstáculo bobo para Erick. E assim como aconteceu naquele meu sonho erótico, as mãos do executivo foram direto em meu sutiã, apertando os meus seios por cima do fino tecido.

Foi como se ele estivesse se certificando de que eu era real, de que estava mesmo ali, entregando-me tão facilmente para aquelas suas mãos grandes me destruírem.

Em questão de segundos, aquela minha peça de roupa caiu sobre o sofá, deixando-me nua da cintura pra cima.

Erick me chupou de forma intensa, como se quisesse me sugar. Foi bom e, ao mesmo tempo, bem doloroso — exatamente como a nossa relação havia sido. Senti as suas mãos geladas em meu corpo quente, a sua saliva me purificando e os seus olhos mirando o meu rosto, que já começava a apresentar os primeiros sintomas do prazer que eu estava sentindo.

Mas o executivo não demorou muito tempo ali. Estávamos ansiando por um momento como aquele por anos, não perderíamos mais tempo com

preliminares. Queríamos, desesperadamente, nos completar, nos tornarmos um só outra vez.

Ele tirou a bermuda jeans, junto com a cueca — uma da qual nem mesmo a cor eu consegui identificar —, revelando aquele seu caralho grande, que já estava bem duro, pronto para ser usado em mim — que era, provavelmente, a sua maior fã.

Facilitei as coisas para o moreno, ficando completamente pelada, vestida apenas pelas mãos dele, que continuavam em meus seios.

Deitei-me sobre o sofá e deixei que o corpo dele se encaixasse ao meu. Mantive o meu olhar para cima, pegando boa parte de seu rosto. Aqueles olhos esmeralda despencaram sobre mim, no mesmo instante em que o seu pau afundou em meu sexo.

Erick assistia ao prazer tomando conta da minha face. Orgulhoso e narcisista, ele constatava uma vez mais o quanto era capaz de me proporcionar aquela sensação — a mesma que eu costumava cobrar para transmitir.

— Quer que eu pare de meter, Jéssica? — brincou ele, ameaçando tirar o seu membro de dentro de mim.

Balancei a minha cabeça, negando. Mas, como eu já suspeitava, aquilo — um simples aceno de cabeça — não foi o suficiente para ele. O moreno tirou o cacete de mim e, provocando-me, passou a roçá-lo nos lábios da minha gruta, que ele cultuava como se fosse sagrada.

Marinho queria me ouvir dizer em voz alta, enquanto olhava na sua direção. Ele queria que eu implorasse para ser metralhada por aquela barra de ferro grossa.

— Coloca de volta e me destrói — implorei, inclinando-me para um beijo, que era basicamente a maneira mais prazerosa de fazê-lo calar a boca e tornar a me foder.

Enquanto deixava a língua dele me explorar com aquele beijo quente — e bem molhado —, o seu quadril começou a se movimentar, trazendo-me de volta aquela sensação gostosa de tê-lo dentro de mim.

O cachorro era bom, sabia exatamente como foder uma mulher.

A pegada dele continuava tão gostosa quanto antes.

Enfiei a minha mão por baixo de sua barriga, encostando os meus dedos em minha boceta, só para sentir os pentelhos do pau dele, que continuava a me empalar. Erick afastou a minha mão, arrancando-me o controle e voltou a me foder com força — exatamente da maneira que eu desejava.

Quando os nossos rostos se afastaram, ele afundou a sua cabeça em mim, buscando uma vez mais pelos meus seios, que adoravam receber o toque daquela língua quente. A sensação de tê-lo me dominando daquela forma possessiva não tinha preço, o seu toque e, principalmente, o que eu sentia ao recebê-lo dentro de mim não cabiam em meras descrições.

Eu estava quase gozando e Erick, basicamente, havia acabado de enfiar o pau dele em mim. Mas, assim como os gemidos que escapavam constantemente por entre os meus lábios, não era algo que eu podia controlar, tampouco retardar.

— Ah, Caralho! Você nem imagina o quanto o meu pau sentiu falta dessa bocetinha apertada — sussurrou ele, entre suspiros, antes de tornar a morder o meu mamilo esquerdo. — E pelo jeito, ela também sentiu falta dele.

Ignorei o fato de ele estar falando sobre o pau dele — e da minha vagina — em terceira pessoa e gemi alto, aproveitando aquela sensação maravilhosa.

Por mais que eu não fosse admitir em voz alta, o que ele havia acabado de me dizer não era uma mentira. Eu realmente senti muita saudade daquele seu membro e, principalmente, da sensação que ele sempre me proporcionava. A verdade era que, desde que nos separamos, nenhum outro homem conseguiu me arrancar tantos gemidos.

Em quanto continuávamos naquela dança prazerosa, eu notei que uma coisa havia mudado.

— O que aconteceu? — indaguei, sentindo falta das sacanagens que ele sempre falava durante o sexo. — Não vai mais me chamar de puta, Erick?

Ele deixou de chupar os meus seios e levantou o pescoço, encarando o meu rosto.

— Por que, você quer que eu te chame de puta, sua safada? — sussurrou ele, rindo, antes de aumentar a velocidade das metidas.

Mesmo completamente envergonhada com aquela pergunta, eu confirmei com um aceno de cabeça.

Eu realmente queria que ele me chamasse daquelas coisas “*sujas*”. Eu queria ter de volta o mesmo “*Senhor Marinho*” que me fodia há quatro anos, queria ter aquele executivo safado que me comeu dentro daquele banheiro masculino enquanto outro cara mijava próximo da cabine em que estávamos “*engatados*”. Eu queria ser destroçada pelo cretino que meteu em mim na sala da casa dele, ignorando o fato de que a mesma estava cheia de funcionários. Eu queria o meu cliente dos “*métodos estranhos*”, do qual Márcia me alertara, antes de intermediar o programa que deu início à nossa relação.

— Eu posso até te chamar de todas essas coisas, Jéssica... Mas que fique bem claro que, agora, você é a minha mulher e não uma puta qualquer — respondeu ele em um tom bem sério que me arrepiou toda.

— A sua mulher?

Ele balançou a cabeça confirmando.

— Isso mesmo, puta. — Erick afundou o pau dele em minhas entranhas e me fez ver maravilhosas estrelas em meu teto branco manchado. — A minha mulher.

Eu não desgostava nem um pouco da ideia de ser a mulher dele. Aquela simples ideia me fez sorrir como uma adolescente boba, encantada com o primeiro namorado, que, muito provavelmente, destroçaria o seu coração.

O safado arrancou o cacete de mim e fez com que eu me sentisse vazia — de alguma forma, incompleta. Ele sentou-se no sofá com as penas abertas e voltou o seu olhar para mim. Não precisou de uma só palavra dele para que eu soubesse exatamente o que tinha que fazer.

Sentei-me naquele cacete grosso e comecei a quicar, fodendo-me como uma masoquista. O CEO jogou a cabeça pra trás e me colocou para trabalhar em cima de sua pica, como um chefe bem exigente.

— Senta nesse caralho, senta! — pediu ele com aquela voz grave, motivando-me a me destruir com ainda mais intensidade. — Fode essa boceta no pau do teu macho, fode?

Não aguentei, rebolei gostoso naquela tora, arrancando alguns gemidos contidos da boca dele — do “*meu macho*”, como havia destacado.

Marinho me deixou brincar assim por alguns minutos e, em seguida, retomou o controle, iniciando os seus movimentos, que pareciam ter o propósito de estourar a minha boceta. Sentia o seu pau entrar e sair, eu conseguia ouvir até mesmo o barulho da colisão entre os nossos corpos.

— Têm uns dois meses de porra acumulada nas minhas bolas... — sussurrou ele, enquanto continuava a me empalar com força. — E eu guardei tudo isso só pra você.

— Até parece que você passou todo esse tempo sem gozar... — rebati, entre os gemidos.

Ele sorriu de forma sacana, antes de responder: — Punheta não conta.

Em cima do corpo dele, eu queria ser safada. Eu queria me sentir como a Sabrina Lancaster costumava se sentir enquanto abria as pernas para os clientes. Talvez esse meu *alter ego* já estivesse há muito tempo dormindo e agora queria

acordar com força total, sentada em cima daquela rola gostosa.

Ele segurou-me pelas pernas e se levantou, pegando-me no colo. Rapidamente, eu levei as minhas mãos até o seu pescoço e me apoiei, antes de ligar os nossos olhares.

— Eu estava quase enlouquecendo por você, sabia? — confessou ele, ofegante, mostrando-me que eu realmente não era a única que ansiava pelo sexo, o que também não era uma grande surpresa. — Só de me imaginar te comendo assim... Só isso já era o suficiente pra me fazer gozar.

Ainda com os olhos fixos naquela sua expressão sacana, sussurrei: — então aquelas punhetas eram pra mim?

Ele esticou os lábios em um sorriso bem safado.

— Cada uma delas, amor... — respondeu ele, mordendo o lábio inferior. — As punhetas, o meu pau... É tudo é seu, Jéssica!

Queria dizer que o meu corpo também era dele, mas, por algum motivo, continuei em silêncio, abrindo a minha boca apenas para gemer.

O executivo não interrompeu os seus movimentos, metendo de forma ainda mais intensa. Erick passava-me a sensação de que o meu corpo era extremamente leve ou, pelo menos, o suficiente para que ele me jogasse para cima, instantes antes de me fazer cair com força em seu caralho.

Depois de mais alguns minutos metendo em pé, o safado me colocou novamente no sofá e tornou a me empalar, com ainda mais força do que antes. E com aquele mastro em minha boceta, eu cheguei ao êxtase pela segunda vez.

Não precisei nem lhe perguntar, senti que Erick também estava perto de atingir o orgasmo.

Conseguia ver o suor escorrendo por sua testa, enquanto o sorriso travesso permanecia em seus lábios. Conseguia ouvir a sua respiração, cada vez mais ofegante. E no momento em que os seus movimentos aumentaram, que o prazer em seu rosto parecia estar saindo de controle, eu soube que ele havia “*chegado lá*”.

— Mas já cansou? — eu provoquei, rindo com um pouco esforço.

Erick havia acabado comigo.

O executivo voltou o olhar em minha direção e riu, mostrando-me que, assim como eu, também estava cansado, por mais que não admitisse em voz alta.

— Deixa só eu respirar mais um pouquinho e já eu volto aí pra te mostrar quem é que está cansado — ameaçou-me ele, arrancando mais um sorriso meu.

— Eu ainda vou dar muito trabalho pra essa boceta.

Capítulo 17 — Chuveirada

DIA 50

Abaixei o meu olhar e encarei o caralho dele, todo melecado com a camisinha. Notei também que o preservativo — repleto de porra — estava quase caindo em cima do meu tapete.

Antes que isso pudesse acontecer, eu levei a minha mão até o pau dele e apertei, segurando-o com força, prevenindo-me de uma mancha horrível.

Erick voltou o seu olhar para mim, tentando entender o que eu estava fazendo.

No entanto, antes que ele pudesse chegar a uma conclusão, eu me levantei do sofá e não soltei o membro dele. Dei dois puxões de leve, que mostraram a ele o que eu planejava, e o executivo me seguiu até o banheiro. Eu só fui soltar o seu cacete quando cruzamos a porta. E, no instante em que eu fiz isso, um jato de porra caiu no chão, mostrando-me que eu havia sido muito esperta.

Joguei a camisinha usada no lixo e entrei no BOX.

Como Erick não era bobo, não demorou muito para que me seguisse até lá.

Eu abri o chuveiro e entrei embaixo dele, deixando a água levar o resto da porra que estava em minha mão.

Posicionei-me em frente a ele, mas Marinho me virou, jogando-me contra a parede. Senti os seus lábios em meu pescoço, as suas mãos pesadas em minha bunda e o seu hálito quente, que me mostrou que a nossa “brincadeira” estava longe de terminar.

O executivo iniciou uma trilha de beijos que foi do meu pescoço à minha orelha, que ele mordiscou levemente. Erick também deu um tapa na minha bunda, fazendo com que os meus olhos castanhos buscassem pelos dele.

— O que você acha de me deixar meter nesse rabão? — sussurrou ele, ao pé do meu ouvido. Eu senti o pau dele, que já estava meia bomba, encostando na minha bunda.

Eu me virei, encarei aquela expressão sacana no rosto dele e notei que tinha me esquecido de fazer algo enquanto estávamos lá na sala.

— Não... Eu meio que quero fazer outra coisa — respondi, abaixando-me

e ficando de frente para a tromba dele.

Desde o primeiro momento em que avistei o caralho de Erick, a minha boca se encheu de água, como se fosse um doce do qual eu estava há anos sem comer. Eu estava com muita vontade chupá-lo, de sentir aquele mastro duro em minha boca, enquanto a minha mão o apertava com força, sentindo as suas veias pulsarem.

Não esperei por nenhum tipo de aprovação: simplesmente, levei a minha mão até o sexo dele e o segurei outra vez. Agora, conforme ele ia endurecendo na minha mão, eu finalmente sentia as veias das quais havia sido privada por tanto tempo.

Puxei o excesso de pele pra baixo e limpei o restinho de porra da cabeça rosada com o meu polegar. Ao fazer isso, olhei para cima, encarando as suas esferas esmeraldas, que também me fitavam.

Comecei chupando a cabeçona dele. Lambi com bastante calma, aproveitando cada pedacinho daquele mastro suculento. Passei a minha língua em toda a sua extensão, esforçando-me para não deixar nenhum pedaço escapar. E, então, eu o abocanhei com vontade, engasgando-me naquela pica gostosa.

Fiz movimentos de vai e vem, masturbando-o enquanto continuava mantendo-o em minha boca.

O executivo não se controlou e, segurando-me pelo cabelo, pressionava-me contra o seu pau. Era como se ele estivesse testando o meu limite, tentando descobrir o quanto do seu pau eu ainda era capaz de engolir.

Fiz questão de me engasgar e aguentar bastante, provando que eu continuava tão boa quanto antes — uma verdadeira profissional do sexo.

Mas, diferentemente de como costumava acontecer, eu não o deixei continuar com o controle por muito tempo. Erick entendeu o recado e soltou o meu cabelo, deixando-me conduzir aquele boquete, que só estava acontecendo por uma iniciativa minha.

Depois de dar mais um pouco de atenção à cabeça, que não parava de babar, eu desci para as bolas dele — que, de acordo com o moreno, acumulavam meses de porra.

Chuei aqueles bagos com vontade, enfiando-os um de cada vez em minha boca. Estavam com mais pentelhos do que a última vez que eu me lembrava, mas, felizmente, não era algo que me incomodava.

Como já tinha trabalhado com sexo, certas coisas — em parte, “frescurinhas” — deixaram de me incomodar. Contanto que as bolas peludas

estivessem bem limpinhas — o que, definitivamente, era o caso —, eu chuparia até me acabar.

Tornei a masturbar o caralho dele enquanto continuava com o seu saco na minha boca. Foi maravilhoso sentir aquelas bolas baterem em meu rosto, enquanto a minha mão continuava a trabalhar em seu mastro. O peso daqueles bagos sobre a minha cara e mão, que já estava toda melecada com a porra que ia sendo expelida daquela cabeçona, deixaram-me extremamente excitada.

Mas Erick interrompeu os meus movimentos com a mão esquerda, impedindo-me de continuar brincando com o caralhão dele.

— Eu estou quase gozando — sussurrou ele, olhando para baixo.

Com aquele olhar pidão, eu soube exatamente onde ele queria gozar.

Não consegui dizer um “*não*” para aquela carinha safada — talvez porque eu também queria, por mais que não fosse admitir isso em voz alta, dando a vitória a ele.

— Se você me machucar, eu vou quebrar o seu pinto no meio — avisei, levantando-me.

A sua resposta foi me virar, colocando-me contra a parede outra vez. O safado roçou o pau em minha bunda uma vez mais, provocando-me e provavelmente esperando que eu pronunciasse um “*fode o meu rabo*” — o que certamente aconteceria.

Os seus lábios tornaram a beijar o meu pescoço e a sua mão direita buscou pelo meu sexo, que mesmo após ter sido destruído, já estava sentindo falta dele.

Senti os seus dedos me invadindo e, logo em seguida, Erick usou a mão esquerda para inserir o caralho na minha bunda.

Ele foi bem cuidadoso e se esforçou para me dar prazer. Beijava o meu pescoço, vibrava os seus dedos em minha boceta e metia o pau bem devagarzinho na minha porta dos fundos. Mas nem mesmo isso fez com que ardesse menos. Aquela barra de ferro entrou queimando, rasgando-me todinha, o que me rendeu alguns gritos.

Como já fazia bastante tempo que não praticava anal, o meu corpo não recebeu tão facilmente o cacete dele.

— Tá gostando, vadia? — sussurrava ele ao pé do meu ouvido, tentando me colocar no clima com as palavras sujas que há pouco eu mesma havia pedido. — Tá gostando de ter o rabo cheio pelo meu pau?

As sacanagens dele ajudaram bastante. Eu queria me sentir safada com

ele e nada melhor do que estar com a minha bunda recheada por aquela rola grossa.

— Fode — pedi, assim que o prazer finalmente cresceu em mim. — Fode o meu rabo!

Ele não perdeu tempo e aumentou o ritmo das estocadas.

Era um misto gigante de dor e prazer. Estava com um pé no paraíso e outro no inferno. Era refrescante e escaldante, como se fosse um grande reflexo do que a nossa relação havia sido no passado.

Quando ele aumentou o movimento dos dedos da mão direita — proporcionando-me a sensação de ser fodida de duas formas —, eu gozei pela terceira vez naquela noite.

As estocadas dele também se intensificaram a ponto de eu conseguir ouvir o seu caralho me encaçapando. Sentia aquelas bolas batendo na minha bunda com força. Sentia o seu hálito quente em meu pescoço, assim como a brutalidade de seus dedos em meu sexo, como se ele estivesse tentando rasgar a minha boceta.

Demorou bem mais do que pensei para que ele atingisse o êxtase. Mas assim que aconteceu, o executivo gemeu alto e gozou dentro de mim. Foi como se o seu pau estivesse crescendo — explodindo em jatos —, enchendo ainda mais a minha bunda.

Assim que ele tirou o caralho de mim, eu senti um enorme vazio, como se ele estivesse me arrombado — o que, muito provavelmente, havia acontecido. Senti a porra escorrendo, deixando o meu corpo.

Então eu me virei, encarando aquele safado, instantes antes de beijá-lo, roubando mais um pouco dos seus lábios apetitosos.

Quando os nossos rostos se afastaram, eu peguei o sabonete e comecei a me ensaboar, como se não tivéssemos acabado de transar.

— E aí, gostou? — questionei enquanto continuava a passar o sabonete pelo meu corpo.

— Você continua uma profissional — elogiou-me ele, abraçando-me por trás.

Eu escapei de seus braços e passei o sabonete em seu corpo, deixando alguns dos seus pelos em seu peito brancos.

— Você também não foi nada mal... — admiti, sentindo o meu rosto corar com o olhar dele. — Mas, como você devia estar comendo várias putas antes de chegar aqui na cidade, não fez mais que a sua obrigação, seu cachorro.

— Tá com ciúmes, Jéssica Martins?

Diferentemente de como costumava acontecer quando eu ainda vivia sob o pseudônimo “Sabrina Lancaster”, adorava ouvi-lo pronunciar o meu nome. Mas talvez tudo ficasse bem melhor, saindo daqueles lábios maravilhosos.

— Talvez eu esteja, Erick Marinho — respondi instantes antes de me inclinar para um novo beijo.

DIA 51

Assim que despertei, eu cheguei à conclusão de que uma coisa tão boa quanto o próprio sexo, era acordar na manhã seguinte ao lado de quem gostamos. E, no meu caso — que já fui assombrada por sonhos eróticos —, foi maravilhoso abrir os meus olhos e constatar o quanto tudo aquilo havia sido real, que o moreno realmente estava deitado ao meu lado.

Foi incrível olhar para o homem desacordado e notar, através de seu cabelo bagunçado, o quanto eu queria aquilo. Foi incrível aproximar a minha cabeça, apoiando-a em cima de seu peito, onde eu podia sentir o coração dele batendo, assim como ouvir o som da sua respiração. Foi incrível constatar que, naquele curto momento, Erick Marinho era só meu.

Outra coisa que percebi — uma bem estranha por sinal — era que se tratava da segunda vez em que eu acordava ao lado dele.

Erick, pelo que eu conseguia me lembrar, não gostava muito de dormir comigo, ele não se dava ao luxo de acordar ao meu lado. Nós simplesmente transávamos e, então, ele sempre me despachava para um dos quartos de hóspedes ou para qualquer outro lugar que não fosse a sua cama.

Talvez, naquele tempo, ele estivesse com medo de acordar antes de mim e se deparar com a mesma cena que os meus olhos observavam agora. Talvez, durante todos aqueles dias tempestuosos, ele fosse aterrorizado pela ideia de descobrir que me amava.

E isso, obviamente, fez com que algumas questões surgissem em minha mente.

Será que, se ele soubesse onde terminaríamos no futuro — dividindo uma mesma cama —, as coisas teriam sido diferentes?

Se ele soubesse que em quatro anos estaria aqui minha cidade — implorando por uma segunda chance —, teria me levado mais vezes para o seu quarto?

Eu nunca saberia a resposta para nenhuma dessas perguntas.

Mas, felizmente, eu também não precisava disso.

Vê-lo ali daquela forma tão serena, mostrou-me que talvez eu quisesse aquilo; que talvez eu quisesse acordar mais vezes ao lado dele.

Erick abriu os olhos e sorriu ao me avistar ali, tão concentrada em seu rosto. Isso fez com que todos aqueles pensamentos reflexivos deixassem a minha mente.

— Bom dia — sussurrou ele instantes antes de bocejar, levando a mão até a boca. O moreno franziu a testa, provavelmente estranhando o meu olhar. — O que foi?

— Nada... É que... — travei, sem saber se devia ou não dizer o que estava em minha mente há poucos minutos. Mas como eu já tinha começado e Erick estava evidentemente esperando, eu continuei: — Nós não dormíamos juntos. — Não dei a chance para que ele tentasse se justificar. — Aconteceu apenas uma vez, na noite em que voltei completamente bêbada daquela balada.

— Eu me lembro bem... Depois que eu te dei um banho, você desmaiou em cima da minha cama e eu não quis te acordar — recordou-se ele, encarando a colcha clara da minha cama.

Enfiei-me embaixo dos cobertores e, após me virar na direção dele, encarei-o.

— O que eu estava tentando dizer é que... Nós nunca tivemos isso antes — disse ao executivo, olhando fixamente aquelas esferas esverdeadas. — Será que daria certo?

Ele balançou a cabeça e franziu a testa, como se achasse a minha pergunta estúpida demais para responder.

— Já deu certo, Jéssica! — afirmou ele e, aproximando-se de mim, deixou os nossos rostos a centímetros de distância. — Estou aqui há quase dois meses... E, desde então, nós estamos saindo pra jantares e bailes, para correr e eu sempre te visito no trabalho... Eu até passei uma tarde com a sua irmã. — Erick avançou, tomando os meus lábios para ele e me dando um pouquinho dos seus. Depois de roubar o restante do meu fôlego, ele prosseguiu: — Se isso não é um namoro, eu não sei o que é.

Capítulo 18 — Namoro

DIA 64

Estar com Erick Marinho era como dançar na ponta de um grande penhasco. Por mais que você estivesse se divertindo muito, a sua mente sempre te lembrava do risco de tropeçar e cair para uma morte horrível.

E eu não sabia se sobreviveria a outra queda.

Contudo, depois daquela noite maravilhosa que compartilhamos, eu encontrei coragem para me entregar, sem medo de cair. Aceitei o namoro e me apeguei ao fato de que ainda me restavam alguns dias. Se não fosse da forma como eu queria — um relacionamento saudável, da maneira como o estávamos construindo —, ainda poderia chutá-lo no centésimo e sem nem precisar explicar o motivo.

Para a minha surpresa, entretanto, tudo continuou muito bem, exatamente da forma que estava antes. Saíamos para jantar nos restaurantes da pequena cidade em que eu vivia, corríamos juntos algumas vezes na semana e ele passava na Lancaster para me ver. Além de beber o seu costumeiro café preto, o executivo sempre me beijava e isso me obrigou a contar para os meus funcionários que eu estava em uma relação. Tudo se tornou público e eu gostei, pois me orgulhava de dizer que aquele homem era o meu novo namorado.

Talvez a única diferença fosse que, eventualmente, dávamos um jeitinho de nos encontrar para transar. E como eu morava com a minha irmã, não gostava muito de fazer isso em casa — ainda que Caroline não fosse uma criança e fizesse isso tanto quanto eu.

O local mais apropriado era no hotel em que ele estava hospedado. Estávamos sozinhos e livres para fazer o que quiséssemos, não havia riscos de alguém ouvir os nossos gritos — uma vez que ele alugou todos os quartos. Então, eu comecei a frequentá-lo mais, a ponto de passar a conhecer os poucos funcionários que trabalhavam lá.

E eu não era a única feliz em um relacionamento.

Carol abandonou todas aquelas dúvidas bobas e aceitou o pedido de casamento de Felipe. Eles ainda não sabiam quando o casamento aconteceria — principalmente ela, que parecia estar disposta a passar bastante tempo em um noivado —, mas já era um bom começo.

E com tudo isso acontecendo, foi impossível não me imaginar casando também. Diferentemente de como a nossa relação costumava ser, agora eu tinha certa liberdade para fantasiar coisas assim. E a verdade era que esses pensamentos não me desagradavam nem um pouco.

No entanto, estar com ele na minha cidade — no meu território — era muito fácil, mas eu não tinha ideia de como seria depois que os cem dias chegassem ao fim e ele precisasse voltar para o trabalho, casa e amigos. Eu não poderia ir com ele, pela minha lanchonete e porque eu também não sabia se queria voltar para aquela cidade depois de, com ótimos motivos, tê-la abandonado.

Por mais que a minha mente estivesse constantemente sendo invadida por todas essas questões envolvendo futuro e dramas do passado, quando o executivo aparecia, tudo se dissipava em um passe de mágica.

E talvez isso fosse um sinal.

Um sinal de que não éramos mais um casal fadado ao fracasso.

— Jéssica?

Voltei o meu olhar em direção à voz de Caroline, finalmente voltando à realidade.

E assim que eu o fiz, a minha irmã apontou com a cabeça em direção a uma das mesas do salão. E, lá no fundo, notei o que ela queria me mostrar.

Erick estava ali.

— Eu cuido das coisas por aqui... Aproveite a tarde com o seu namorado — disse ela, dando um destaque à palavra “*namorado*”.

Dessa vez, eu não tentei argumentar, dizendo-lhe que tinha muito trabalho na salinha. Eu simplesmente caminhei em direção a ele e o beijei com vontade.

— Aconteceu algo que eu não saiba? — indagou o executivo, estranhando o que eu havia acabado de fazer.

— Nada importante... Acho que só resolvi dar uma chance para um idiota — respondi, puxando-o pela mão. — O que você acha de irmos àquela sorveteria incrível que você descobriu ontem?

Capítulo 19 — Salinha

DIA 69

Como eu não estava mais madrugando e amanhecendo na lanchonete — enfiada dentro da minha salinha nos fundos —, algumas coisas começaram a fugir ao meu controle, entretanto eu não me arrependia de estar tirando esse tempo pra mim, pois estava me fazendo muito bem.

Porém, como consequência, o trabalho apertava um pouquinho mais, mas nada que eu não fosse capaz de dar conta.

Concentrei-me nos papéis que estavam lotando a minha mesa, que já não era muito grande. E passei a maior parte da tarde ali dentro, consertando todos aqueles problemas.

Eu só parei de analisar a papelada quando ouvi batidas na porta.

— Pode entrar — disse, sem nem voltar o meu olhar para a pessoa que entrou.

Diferentemente do que eu pensei, não se tratava de Karine e nem de Caroline. Estranhamente, foi Erick — o meu mais novo namorado — quem cruzou a porta, aproximando-se de onde eu estava sentada.

Ele notou o olhar que eu lhe lancei.

— Eu passei do limite entrando aqui? — questionou ele, fazendo uma carinha de cachorro sem dono, impossível de se odiar. Balancei a cabeça, negando, mesmo achando que ele tinha, sim, invadido o meu espaço de trabalho. — É que eu queria muito te ver...

Eu me levantei da cadeira, dei uma voltinha e parei, com os olhos fixos no rosto dele.

— Pronto, você já me viu — respondi, fazendo-o revirar os olhos. — Agora você já pode ir embora.

Ele se aproximou, pegou a minha mão e me puxou, colando-me ao seu corpo.

— Mas eu quero te ver de outra forma... — sussurrou ele, enquanto beijava o meu pescoço. — E, de preferência, sem toda essa roupa.

Nesse instante, eu entendi exatamente o que o executivo queria comigo.

E nem perdi tempo: empurrando-o para longe, interrompi o que não

deveria acontecer — pelo menos não dentro daquela salinha.

— Caso você ainda não tenha percebido, eu estou trabalhando, Erick.

Ele fez uma expressão ofendida no momento em que me ouviu expulsá-lo por tabela da minha sala.

— Então você pode atrapalhar o meu trabalho, mas eu não posso aparecer de surpresa no meio do seu. É isso mesmo? — questionou ele, revertendo à situação a seu favor, porque uma vez eu pedi para ele abandonar o que estava fazendo e vir me encontrar. — Cadê os direitos iguais, hein, mocinha?

Eu poderia tentar expulsá-lo da minha sala de forma mais efetiva.

Mas eu não queria.

— Você tem uns dez minutos — comentei, aproximando-me de onde ele estava parado. Ele sorriu, encarando-me com um olhar sacana, repleto de desejo. — Talvez uns quinze se você me chupar com muita vontade.

Ele me pegou pelo braço, trazendo-me para mais perto dele. Sua mão agarrou a minha bunda, apertando-a com força. E em poucos segundos, estávamos nos beijando, indo na direção à minha mesa lotada de papéis.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele já tinha me jogado em cima da mesa, derrubando metade das coisas que estavam em cima dela.

— A porta... — adverti antes que ele tirasse a minha calça. — Tranque a porta!

Mas ele continuou parado à minha frente, como se não se importasse.

Entendia exatamente o que ele queria.

E mesmo morrendo de medo do possível flagra, gostei da ideia.

Lembrou-me das loucas vezes em que transamos no passado, no banheiro daquele restaurante chique e na sala da casa dele — onde realmente fomos “flagrados” pela empregada.

Erick tirou a minha calça e, logo em seguida, a minha calcinha.

Deitei-me sobre a mesa e esperei pela língua gulosa dele, que não demorou muito para me tocar, arrepiando todos os pelos do meu corpo.

Ele segurou as minhas pernas e afundou a sua cabeça em meu sexo, que parecia implorar pelo seu toque quente e intenso. Eu conseguia sentir perfeitamente a textura de sua língua, que continuava a me provar com voracidade.

Erick constantemente levantava a cabeça para encarar a minha expressão

dominada por prazer. E em todas essas vezes, a sua barba por fazer raspou em minha boceta, arrepiando-me ainda mais.

O desgraçado sabia como chupar.

Era como se ele fosse — literalmente — me comer, como um animal carnívoro que há dias não via carne fresca.

Não demorou muito para que ele inserisse dois dedos, fazendo com que os gemidos escapassem da minha boca com mais frequência.

Estava me esforçando muito para não emitir nenhum barulho. Por mais que as chances da minha irmã e de um dos meus outros funcionários nos flagrar fosse bem baixa — já que eles dificilmente entravam na sala durante essa faixa de horário —, eu não queria correr esse risco — ou queria, já que estava com as pernas abertas, permitindo com que ele continuasse com o sexo oral.

Ele voltou o olhar para o relógio prateado em seu pulso esquerdo.

— Eu tenho mais dez minutos.

Ele puxou as minhas pernas, trazendo-me para o canto da mesa e me posicionou. Depois disso, eu notei que Erick estava abrindo a braguilha da calça social.

Vi quando ele tirou uma camisinha da carteira, mas não o vi colocá-la em seu caralho; também não demorou muito pra que o sentisse entrando em mim.

Ele começou a meter com força e a mesa rangeu demais, deixando-me completamente assustada. Eu não sabia do que tinha mais medo; de atrair alguém com todo aquele barulho ou de a mesa quebrar comigo em cima dela — o que, provavelmente, também traria pessoas para a minha sala.

Mas, visivelmente, o moreno não nutria o mesmo medo, já que continuou metendo com a mesma intensidade.

— Essa mesa vai acabar quebrando...

— Será? — debochou ele, não disfarçando que se divertia com o medo expresso em meu rosto. — Nós vamos descobrir!

Ele socou com ainda mais força, balançando a porcaria da mesa e provando que ainda continuava o mesmo menino mal de sempre.

Depois de notar que eu não estava gostando da brincadeira, ele diminuiu o ritmo, até parar totalmente os seus movimentos. Pensei que ele fosse se afastar, mas ele me puxou, colocando-me em seu colo.

Não demorou muito para que o safado encaixasse o seu pau em mim e tornasse a me comer, dessa vez, comigo em seu colo, como já havia acontecido

na sala da minha casa, na noite em que transamos pela primeira vez desde que ele voltou para a minha vida.

Erick me carregou até a porta da salinha, encostou as minhas costas sobre ela e aumentou o ritmo das metidas. Virei o meu pescoço e empurrei parte da cortina para o lado, observando o salão da Lancaster através do pequeno pedaço do vidro.

As mesas estavam praticamente lotadas e, enquanto isso, eu estava transando com Erick na salinha, que não ficava a muitos metros de distância de toda aquela gente.

— Tá gostando, safada? — questionou-me ele, trazendo os meus olhos de volta para o seu rosto.

Eu não respondi.

Simplesmente, fechei os meus olhos e tornei a curtir a sensação de ser empalada por aquele seu caralho grande, que judiava do meu corpo em uma tortura deliciosa.

Era extremamente prazeroso — e, de certa forma, insano — imaginar que todas as outras pessoas estavam trabalhando ou seguindo com o seu dia enquanto eu continuava ali, transando com aquele safado.

O risco de alguém aparecer a qualquer momento aumentava ainda mais o meu tesão — aparentemente, assim como o de Marinho.

Continuamos com o sexo por mais alguns minutos, até que Erick gozou e me colocou no chão, permitindo que eu me vestisse e finalmente pegasse todos os papéis que ele tinha derrubado no chão no momento em que me jogou em cima da mesa, instantes antes de meter em mim de forma selvagem.

Capítulo 20 — A Dama de Vermelho

DIA 84

Voltei o meu olhar em direção ao celular em cima da mesa, certificando-me de que Marinho não havia me mandado alguma mensagem.

Ele tinha faltado à nossa corrida matinal e também não apareceu na lanchonete no período da manhã. E, somado ao fato de que eu não havia recebido nenhuma mensagem dele, isso não era muito normal — ou pelo menos, estranho o suficiente para que eu questionasse o que ele estaria fazendo.

— É impressão minha ou o Erick ainda não pareceu por aqui hoje? — perguntou-me Carol, após entrar na minha salinha sem nem sequer bater.

Por mais que eu não estivesse fazendo nada demais, detestava que entrassem sem avisar. Até porque não fazia muito tempo que eu e Erick havíamos transado ali dentro e só o pensamento de ser flagrada por ela me deixava extremamente constrangida.

— Você não sabe bater, não?

— Meu Deus, deixa de ser chata... — respondeu ela, aproximando-se da minha mesa. Carol sentou-se em uma cadeira à minha frente e me lançou um olhar sério, antes de continuar, dizendo: — Por favor, me diz que você não chutou ele...

Balancei a minha cabeça, negando aquela acusação sem sentido.

— Não, é claro que não! Ele só não veio aqui hoje — respondi tentando convencê-la de que não existia um problema, quando nem mesmo eu sabia se isso era verdade. — Erick deve estar focado naquele projeto misterioso dele.

Coloquei um sorriso no meu rosto e completei: — Mas depois que eu terminar as coisas por aqui, eu vou passar no hotel e fazer uma surpresinha pra ele.

A minha irmã me lançou um olhar que gritava “*não faça isso!*” e começou a rir.

Eu não entendi o porquê da graça.

— Essas surpresinhas nunca dão certo... Você não assiste novela, não? — continuou ela, não controlando a risada. — Vai que você o flagra com alguém? — Carol não me deu tempo para responder sobre o quanto tudo aquilo era ridículo. — Relaxa, eu estou só brincando, sua boba... Ele não ia ser tão burro a

ponto de te trair.

Depois que Caroline finalmente deixou a minha sala, foi impossível não ficar pensando naquilo, em tudo o que ela havia me dito, mesmo que em tom de brincadeira.

Obviamente, eu não achava que o CEO estava me traindo com alguém e nem nada do tipo, mas queria muito saber o motivo de ele ter desaparecido durante todo o dia. E talvez — ao fazer a minha “surpresinha” — eu finalmente descobrisse o que era o projeto secreto no qual ele tanto se empenhava.

Quando eu terminei as minhas coisas na Lancaster, segui para o Hillston, o hotel em que ele estava hospedado. Levei até alguns sanduíches da lanchonete para ter uma desculpa minimamente aceitável para estar ali sem avisá-lo. Poderia dizer algo como “*queria tomar café com você... Eu trouxe até sanduíches*”.

Como o Norberto — o recepcionista — já me conhecia, ele não me barrou na entrada e nem mesmo telefonou para avisar sobre a minha chegada.

Então, sem nenhum impedimento, eu caminhei para as escadas e subi até o segundo andar do prédio, rumando em direção ao quarto vinte e cinco.

Depois de me colocar na frente da porta escura, eu peguei o péssimo exemplo de Caroline, o mesmo que eu havia repreendido mais cedo, e nem mesmo bati, só empurrei a porta e entrei no quarto.

E, no instante em que fiz isso, eu me arrependi, pois, para a minha surpresa, Erick não estava sozinho.

Não tinha ideia se aquela porta destrancada foi sorte ou azar.

Eu consegui ouvir a voz da minha irmã, ecoando pela minha mente com um “*eu te avisei... Essas surpresinhas nunca dão certo!*”.

No entanto, a única coisa em que os meus olhos conseguiam focar era na mulher de costas. Ela era bem alta, possuía cabelos vermelhos e estava bem próxima dele, gesticulava como se tivesse muita intimidade. De outro lado, o executivo a secava com os seus olhos esmeralda enquanto dizia algo que não conseguia compreender.

Com o barulho da porta atrás de mim, Marinho e a “acompanhante” parada ao lado dele se viraram, voltando os seus respectivos olhares em minha direção.

E, no mesmo segundo, eu soube de quem se tratava.

Reconheceria aqueles olhos cinzentos em qualquer lugar.

Eu não encarava uma pessoa qualquer e, sim, ninguém menos que

Victória Marinho — ou, em outras palavras, a mulher que costumava ser a esposa dele.

— Sabrina Lancaster? — disse a ruiva quando finalmente pareceu me reconhecer. Ela se aproximou de mim, como se quisesse me olhar mais de perto, constatar que a mulher diante dela, de fato, se tratava de mim. — Olhe só pra você... — Seus olhos me analisaram da cabeça aos pés, de uma forma nada discreta, que fez com que eu ficasse envergonhada. — Você está tão... tão estranha... — Ela não demorou a se corrigir: — Mas de uma forma boa.

Estranho mesmo era ouvir alguém me chamar de “*Sabrina Lancaster*”. Não era algo que me irritava — e nem nada parecido com isso —, mas simplesmente não parecia ser comigo, era como se ela estivesse se referindo a outra pessoa.

Eu fui surpreendida com um abraço bem apertado. Uma cena que nunca passou pela minha cabeça — nem nas minhas maiores fantasias — que eu vivenciaria.

Quando Victória se afastou, ela voltou os seus olhos penetrantes para o homem que continuava parado no mesmo lugar, observando nós duas.

— Eu sabia que havia mais alguma coisa nessa história... — disse a mulher ao meu lado, balançando a cabeça, de forma incrédula. — Até porque, convenhamos, você nunca fez o tipo sentimental.

O moreno lançou um olhar sério em direção a ela, como se quisesse silenciá-la.

— Depois de todas as coisas que você arrancou de mim, isso era o mínimo que você podia fazer — respondeu Erick caminhando na direção da porta. Ele a abriu e voltou o olhar para a ruiva, que parecia não estar acreditando na cena. — Eu adoraria dizer que foi um grande prazer te reencontrar, mas não foi.

Victória sorriu, mostrando-me que estava se divertindo com o fato de estar sendo praticamente expulsa daquele quarto de hotel.

— Boa sorte, parceiro. Eu estou torcendo pra você não ferrar com tudo de novo... — disse ela com os olhos colados nele. Então aquelas lanternas cinzentas voaram em minha direção. — Foi muito bom te ver, Sabrina.

E, então, a ruiva simplesmente saiu do quarto, deixando-me ali com o executivo — e com a minha mente, que possuía centenas de perguntas.

Eu tinha inúmeros questionamentos pipocando em minha cabeça, mas um tomou a frente de todos os outros.

— O que ela estava fazendo aqui, Erick?

A frase escapou da minha boca de forma completamente errada, como se eu tivesse cobrando alguma coisa dele — ou desconfiando de algo —, o que não era o caso, principalmente porque a mulher se tratava de Victória.

— É impressão minha ou você está mesmo com ciúmes? — questionou o meu novo namorado, aproximando-se de onde eu estava parada.

Eu estava com ciúmes?

Sim, antes de descobrir que se tratava da ex-mulher dele, eu realmente senti ciúmes.

— Eu... eu acho que sim, estou — confessei, antes de começar a rir.

Aquele era um sentimento tão estranho de se admitir.

No passado — quando ainda era acompanhante de luxo —, eu não podia sentir ciúmes dele, pois Erick não era “meu”. Eu estava apenas prestando um serviço em troca de dinheiro — ou pelo menos, era o que aquilo deveria ter sido. Mas agora tudo era completamente diferente, eu estava livre para ter esse tipo de sentimento.

— Não precisa se preocupar. A Victória é, basicamente, a última pessoa na face da terra com quem eu teria alguma coisa — respondeu-me ele, inclinando-se para um beijo que eu não recusei. Quando os nossos rostos se afastaram, ele sorriu. — Ela só veio me trazer uma coisa.

Eu queria muito questionar sobre essa determinada “coisa” que a ruiva trouxe para ele — inclusive, se isso estava relacionado com o projeto misterioso —, mas eu não queria ser aquela pessoa chata e insegura que fica fazendo inúmeras perguntas.

— Ela... A Victória... estava tão bem — disse a ele, lembrando-me da imagem do rosto dela, do quanto ela estava bonita. — Parecia feliz.

A antiga esposa de Erick nunca foi feia — muito longe disso. Ela estava sempre bem vestida, coberta por roupas de grifes, usando o que existia de melhor — e de mais caro — no mercado. Mas parecia que o tempo só havia acrescentado para a beleza dela, como uma espécie de vinho. E, diferentemente de todas as vezes em que a encontrei, era como se ela tivesse um brilho no olhar, algo que talvez a relação com Erick sempre destruía.

— E ela tem que estar mesmo, depois de levar quase metade das coisas que eu tenho com aquela porcaria de divórcio — reclamou o executivo, roubando-me um sorriso.

Por algum motivo, era engraçado vê-lo “falando mal” dela,

principalmente quando se referia ao dinheiro — um que sempre pertenceu à família dela, diga-se de passagem.

— Se levarmos em conta que você construiu o seu império nas costas da família dela, metade do que você possuía nem é muita coisa, Erick — respondi sem me importar com o que ele poderia pensar. Eu já tinha passado do tempo de dizer apenas coisas bonitinhas, que seriam bem recebidas pelo executivo.

Pela expressão que surgiu em seu rosto, ele não estava esperando por uma resposta como aquela.

Ainda que eu não me arrependesse do que havia acabado de pronunciar, não queria ficar em um clima estranho com ele, então puxei um outro assunto do meu interesse.

— E como foi o seu divórcio com ela? — indaguei realmente curiosa a respeito. — Você só me disse que se separou e que ela levou muita coisa, mas nunca me deu nenhum detalhe.

Ele revirou os olhos, mostrando-me que aquele não era um assunto do qual gostava de falar. Marinho caminhou em direção à cama e se jogou em cima dela, antes de bater em cima do espaço vago, convidando-me para me acomodar ao lado dele.

Aproximei-me da cama e me sentei ali.

Observei o rosto dele, esperando ele começar a me contar, mas Erick continuou em silêncio, encarando o meu rosto.

Quando pensei que seria obrigada a cobrá-lo, ele se inclinou para me beijar. Os beijos foram se intensificando e, em poucos segundos, estávamos deitados sobre a cama. Ele estava em cima de mim como um animal prestes a abater a presa e eu sabia que, se não escapasse de suas garras naquele momento, não conseguiria escapar mais.

— No lugar de ficar falando sobre a Victória, a gente podia foder... — sugeriu ele, com um sorrisinho sacana. Mais ninguém conseguiria pronunciar a palavra “*foder*” de forma tão natural. — Será bem mais gostoso, eu te garanto.

Eu o empurrei para o lado, tirando-o de cima de mim. Ainda que eu quisesse o sexo, não abriria mão daquela pergunta que havia feito.

— Se você não me contar sobre isso, nunca mais vai chegar perto desse corpinho aqui — rebati, arrancando o sorrisinho bobo de seus lábios. — Então, o que vai ser?

Ele balançou a cabeça, aceitando o meu “acordo”.

— Foi um verdadeiro inferno — ele começou a dizer, deixando-me

apreensiva. — Eu não queria abrir mão do que Victória estava exigindo e ela também não daria o braço a torcer.

De acordo com Erick, toda aquela história poderia ser facilmente resumida em uma única frase: “*eu sendo feito de idiota*”. Ele subestimou demais a ruiva e acabou pagando um preço bem alto por isso.

— Ela tinha fotos de nós dois transando na sala lá de casa — revelou-me o executivo, deixando-me chocada. — Eu não sei como ela conseguiu isso... Talvez foram os empregados, talvez ela mesma... Eu só sei que ela planejou tudo muito bem e pagou de vítima que não sabia da traição.

Eu fiquei completamente arrepiada só de imaginar que existiam fotos minhas com Erick, ainda mais que essas mesmas imagens — bem explícitas, diga-se de passagem — foram usadas em um tribunal.

— E essa não é nem a pior parte — completou ele, deixando-me mais assustada. — Lembra daquele cara com quem ela estava saindo?

Eu balancei a cabeça, negando.

— O barman — acrescentou ele, ajudando-me a recordar.

— Gustavo — respondi, recordando-me da noite em que fomos para uma balada, a “*Cat’s Club*” onde ela o conheceu. — O cara que você pagou para se afastar dela.

Lembrava perfeitamente.

Essa ação de Erick foi o estopim que culminou em nosso “rompimento” — ou melhor, na quebra do contrato. Ele usou as informações que eu passei de forma inocente para destruir a relação da sua, até então, mulher e isso me tirou do sério, pois ele não tinha esse direito — não quando também a estava traindo comigo.

— Ele não aceitou o dinheiro pra se afastar dela... O desgraçado pegou toda aquela quantia e entregou para Victória e ela, é claro, usou isso pra pagar pelos advogados que me destruíram no tribunal.

Marinho contou-me que, ao que tudo indicava, nem mesmo a ruiva sabia das intenções de Gustavo no momento em que ele aceitou aquele cheque, o que me mostrou que ela não me enganou em nenhum momento. Aparentemente, Victória só descobriu que ele aceitou o dinheiro para ajudá-la quando ele tornou a procurar por ela, tentando se explicar.

— Então, com várias fotos provando que eu era uma porcaria de marido, ela ganhou e levou tudo o que queria — finalizou ele, como se ainda não tivesse se conformado. — E agora ela está curtindo o final feliz dela com o barman...

Então, respondendo àquela sua pergunta, sim, ela está muito bem.

Capítulo 21 — Projeto Misterioso

DIA 92

“Eu quero te mostrar uma coisa”, enviou-me Erick pela manhã.

Como sou uma pessoa muito curiosa, tentei fazer com que ele me contasse por mensagem mesmo, mas o executivo optou por manter o segredo por mais algumas horas. No entanto, ele acabou revelando que o que ele me mostraria estava ligado ao projeto misterioso em que vinha trabalhando.

Erick ficou de me buscar assim que o meu expediente na Lancaster chegasse ao fim.

Com isso em mente, eu me esforcei para terminar tudo no horário, pois detestava ir embora, deixando trabalho para trás. Quando acontecia, no dia seguinte eu já começava o expediente com um péssimo humor.

Por sorte, eu consegui finalizar tudo.

Diferente de todas as outras vezes em que marcamos de sair, Erick se atrasou por alguns minutos. Quando ele finalmente apareceu para me buscar, eu notei que o moreno parecia bem nervoso, o que não era muito comum.

— Está tudo bem? — perguntei, notando que havia algo de errado em sua expressão facial. Eu não conseguia identificar o que era, mas sabia que alguma coisa o incomodava.

Ele forçou um sorriso e balançou a cabeça negando.

— Eu só estou ansioso para te mostrar no que venho trabalhando.

Optei por não insistir nisso, até porque em muito pouco tempo, descobriria exatamente o que era esse trabalho e, principalmente, o porquê de todo aquele mistério e nervosismo.

Eu coloquei o cinto de segurança e voltei o meu olhar para ele.

— Eu só espero que você não me leve pra um porão escuro e revele, com uma voz assustadora, que é um psicopata.

— Sem promessas — brincou ele antes de dar partida e nos tirar da frente da Lancaster.

Nós não ficamos muito tempo dentro do carro. Em menos de cinco minutos, Erick já estava estacionando em frente a um barracão, que me deixou ainda mais desconfiada.

— Eu tenho certeza de que você vai adorar — comentou ele, esforçando-se para passar confiança em seu tom de voz, uma confiança que eu mesma não consegui comprar. — Acho que é uma das melhores coisas que eu já planejei.

Com tudo isso, era difícil manter a minha curiosidade controlada. Felizmente, não demorou muito para que ele me levasse pra dentro do barracão.

Entramos e, com a luz apagada, parecia uma espécie de depósito. Eu conseguia enxergar apenas as sombras de alguns móveis, mas não era capaz de identificar nada, com exceção de uma coisa azulada, presa à parede, que parecia uma espécie de letreiro em neon.

No entanto, quando Erick acendeu a luz, eu finalmente descobri de que se tratava e fiquei ainda mais confusa do que quando entrei ali dentro.

— E aí, o que achou?

Aquela visão me lembrou do exato momento em que ele tinha me enviado todas aquelas flores, do que senti ao receber o seu presente exagerado. Quando eu liguei para discutir — buscar uma satisfação e solução para as outras que não paravam de chegar —, ele agiu como se aquilo fosse uma ótima ideia, mesmo obviamente não sendo. E, aparentemente, eu estava de volta a uma situação como aquela.

Voltei o meu olhar para o salão.

Era uma lanchonete incrível — mil vezes melhor do que a minha —, capaz de encantar os olhos de qualquer pessoa. As mesas azuis estavam todas organizadas, os bancos de cor preta beiravam a perfeição, deixando as cadeiras da Lancaster no chinelo. Os balcões eram grandes e pareciam abrigar meio mundo de comida, assim como os freezers, que se amontoavam no canto. E toda a decoração azul e lilás — com letreiros em forma de neon — trazia uma pegada retro, bem anos oitenta.

— Fala alguma coisa — insistiu ele, aproximando-se de mim.

Erick colocou a mão sobre o meu ombro, levando os meus olhos de volta ao seu rosto.

— O que é isso? — Essa foi a única coisa que eu consegui pronunciar naquele instante, enquanto a minha mente era bombardeada por inúmeros pensamentos.

— Uma lanchonete — respondeu ele, rindo.

Por mais que eu tivesse visto uma placa com o nome “*Lancaster*”, indicando-me de que aquilo era uma espécie de “upgrade” do meu local de trabalho, eu queria muito ouvir da boca dele.

— Não banque o engraçadinho, Erick... Por favor!

Ele sentou-se em uma das mesas e me chamou para me juntar a ele.

E assim que eu o fiz, a sua resposta veio.

— A sua lanchonete não é ruim, mas ela pode ser muito melhor, em vários aspectos... — começou ele, deixando-me sem reação. — Eu meio que a reestruturei, corrigindo todos esses erros e acrescentei um novo visual...

— Eu não me lembro de ter pedido pra você fazer isso — eu o interrompi, não querendo ouvi-lo falar sobre as “falhas” que a Lancaster possuía. — Eu não pedi a sua ajuda, Erick.

E, pela expressão de seu rosto, constatei que ele finalmente havia notado o que tinha acabado de fazer. Basicamente, passado por cima de duas das minhas únicas regras para a nossa relação. Não invadir o meu local de trabalho e não tentar me comprar novamente.

— Eu só quis te ajudar... Eu tive essa ideia logo quando comecei a te visitar na lanchonete — ele tentou se explicar, mas a verdade era que eu não queria ouvi-lo mais. — E eu acho que isso tem um potencial enorme, que pode ser uma grande franquia se eu investir um pouc...

— Eu não pedi a sua ajuda e nem o seu dinheiro — repeti cansada de dizer essas mesmas palavras. — Você não tinha o direito de fazer isso pelas minhas costas. — Antes que ele pudesse tornar a se explicar, completei: — Eu pensei que tivesse deixado bem claro que não queria ser comprada.

Ele começou a rir, de forma bem debochada, lembrando-me do antigo Erick — e do quanto aquilo ainda estava vivo dentro dele.

— Eu não estou tentando te comprar, Jéssica — respondeu Marinho, com os olhos queimando o meu rosto. — Não me leve a mal, mas eu sou um cara estudado, tenho muita experiência com negócios, já investi em restaurantes grandes e...

— Eu não pedi a sua ajuda.

— Dá pra parar de repetir isso, porra? — Ele gritou comigo, surpreendendo-me pelo tom de voz acima do normal.

Pela primeira vez desde que Erick chegou à cidade, notei que ele estava se alterando. Toda aquela sua postura calma e confiante estava se dissipando aos poucos ou talvez fosse apenas a sua máscara caindo.

— Quando conversamos sobre o passado, você mesma me contou que o Alexandre te ajudou com a administração... Então porque você está com tanta raiva por eu tentar fazer o mesmo?

— Alexandre nunca saiu da minha vida e ele tinha permissão... Você voltou a fazer parte dela agora e eu não me lembro de autorizar algo assim — respondi, tentando fazê-lo enxergar o quanto aquilo era óbvio. — Eu não quero um novo contrato com você.

— Eu não estou acreditando nisso...

— Eu é que não estou — disse, cansada de vê-lo tentando reverter à situação. — Eu nunca invadi o seu trabalho, custava fazer o mesmo por mim?

— Desde o primeiro dia, tudo o que eu faço é por você, Jéssica... — Ele me fuzilou com o olhar, queimando o meu rosto. — Eu vim pra esse fim de mundo por você. Eu estou me arrastando há quase três meses por você. Eu comi aquele monte de lixo que sempre jantávamos por você.

Por algum motivo, a primeira coisa que captou a minha atenção foi a sua última frase. Talvez porque a palavra “lixo” tinha um péssimo histórico em nosso conturbado relacionamento.

— Que monte de lixo?

— Todas aquelas comidas que você me forçou a comer. Strogonoff, a porcaria do espaguete e todas essas outras coisas gordurosas nojentas — respondeu ele, deixando-me chocada pela cara de pau e falta de noção.

Eu não estava acreditando.

— Você me disse que gostava.

— Eu menti!

Revirei os meus olhos e me detestei por estar ali, em uma discussão idiota com Erick, que era alguém ainda mais idiota. Eu me detestei por ter dado uma chance a ele e, principalmente, por ter dado uma chance a mim mesma ao acreditar que, dessa vez, poderia dar certo.

— Fim de mundo e se arrastar atrás de mim? É... Parece que você não mentiu só na parte da comida, não é? — continuei com o meu rosto vermelho de raiva. — Você não mudou nada, continua o mesmo babaca egocêntrico de sempre. Mas, felizmente, a sua máscara caiu antes desses cem dias chegarem ao fim.

— É aí que você se engana, a única babaca egocêntrica aqui é você, Jéssica! — respondeu ele, novamente tentando inverter a situação a seu favor. — Você não conseguiu nem aceitar uma porcaria de flor sem me dar um sermão. Agora está fazendo um drama desnecessário em cima de algo que foi feito com o único objetivo de te ajudar. — Ele desviou o olhar, voltando aquelas esferas para o piso. — Eu não me arrependo de nada do que fiz nesses últimos meses. Eu só

queria que você enxergasse que, diferente daquilo que deve pensar, você não é a única pessoa se sacrificando por esse relacionamento.

Eu não conseguia nem processar tudo o que estava acontecendo. Mas, ainda assim, reconhecia aquela conversa barata de longe.

Que sacrifício ele tinha feito?

Sair comigo por alguns meses?

Conhecer a minha irmã?

Comer comidas que não estavam em um cardápio de um restaurante luxuoso?

Para mim, essas coisas não eram sacrifícios. E se eram para ele, nós dois, definitivamente, não devíamos continuar juntos.

— Eu... eu acho melhor a gente terminar isso aqui — disse sem nem encará-lo, pois não queria me torturar ainda mais. — Não precisa ficar por mais esses últimos dias, porque no centésimo eu não vou estar naquela praça.

Ele tornou a rir, fazendo com que a raiva crescesse mais em mim. Sentia que ele enxergava tudo como uma grande piada, o que, automaticamente, me tornava a palhaça daquela história, uma que eu já estava cansando de fazer parte.

— Admite que você passou esses mais de noventa dias só procurando por um motivo pra me chutar... — Ele tornou a gritar, mas, dessa vez, com algumas verdades. — Admita!

Eu reconhecia todas as minhas inseguranças em relação ao que tínhamos e eu nunca escondi isso, tanto que demorei muito tempo para realmente me jogar de cabeça naquele *comeback*.

Depois que ele destróçou o meu coração há cerca de quatro anos, eu nunca mais fui a mesma. Consegui me recuperar da queda, mas ainda possuía algumas cicatrizes e era extremamente difícil me permitir sorrir ao lado dele sem me lembrar da dor que já havia sentido, sem olhar para as marcas que eu ainda possuía.

— Eu admito sim... — respondi, sentindo as lágrimas em meus olhos. — E a parte mais triste, Erick... É que você me deu a porcaria dos motivos.

Após pronunciar aquilo, eu não aguentei ficar mais ali, com aquele clima horrível pairando sobre nós dois. Eu estava prestes a chorar e não queria fazer isso na frente dele, não queria ser vista como fraca.

Sem encará-lo, eu me afastei da mesa em que estávamos sentados e comecei a caminhar na direção da porta. Mas, antes que eu pudesse chegar até

ela, Erick fez com que eu interrompesse os meus passos.

— Eu te levo — disse o executivo, vindo atrás de mim.

Eu me virei, colocando toda a minha atenção em sua face.

— Não... Eu não quero uma carona e mais nada que venha de você. — Antes de tornar a me virar e refazer os meus passos, eu completei, dizendo: — E eu espero que você honre com a sua palavra e me deixe em paz.

— Vou honrar... — Marinho respondeu, dando alguns passos em minha direção, aproximando ainda mais os nossos corpos. — Mas só depois do centésimo dia. Até lá, entra na porcaria do carro, porque eu já disse que te levo.

Eu sabia que se não entrasse, o executivo me seguiria até a minha casa, tornando os cinco minutos ao lado dele em uma longa caminhada desnecessária.

Então — ansiosa para colocar um fim em tudo aquilo —, eu aceitei a carona, deixando-o me levar e, conseqüentemente, cumprindo com o seu papel de bom moço.

Assim que ele estacionou o carro, eu abri a porta e me preparei para deixar o seu conversível. Mas a sua mão agarrou o meu braço, impedindo-me de sair.

— As coisas não precisam ser as...

— Não... Eu não quero ouvir mais nada, O.K.? — respondi, puxando o meu braço de sua mão e saindo do veículo.

Fechei a porta, não querendo correr o risco de ouvir a voz dele outra vez.

Sem olhar para trás, eu entrei em minha casa, deixando-o para o lado de fora. E assim que fechei a porta, soube que também estava colocando fim em uma parte importante da minha vida — aquela que envolvia Erick — e que, dessa vez, não teria mais volta e segundas chances.

Eu já tinha tomado a minha decisão.

E não voltaria atrás — até porque, já tinha aprendido a minha lição.

Capítulo 22 — Fim de Caso

DIA 95

Uma das piores partes de terminar um relacionamento é ter que contar para todas as pessoas ao seu redor que aquele determinado indivíduo — alguém que você pensou se tratar do seu grande amor — já não faz mais parte da sua vida.

Nossos familiares, amigos e até mesmo colegas de trabalho nutrem certa expectativa em cima de nossos relacionamentos. Então não é tão fácil — principalmente no caso da família, que acaba se apegando mais — chegar e dizer que simplesmente “*acabou*”.

No meu caso, tudo se tornava ainda mais complicado, pois não se tratava de um cara qualquer, mas de Erick Marinho, o homem que todas as pessoas à minha volta consideravam “perfeito” para mim — ou pelo menos, bem próximo disso. Até mesmo Caroline, que costumava detestá-lo, o aprovou como meu namorado.

Definitivamente, não havia uma forma de eu não sair como a vilã da história, a bruxa sem coração que espantou o homem bondoso que só queria ajudá-la.

E, no meio de todos esses problemas, ainda havia os meus sentimentos, que continuavam extremamente feridos.

Eu só não chorei mais nos primeiros dois dias após o término porque a raiva me impediu. Mas, assim que o terceiro chegou, eu não consegui continuar com o “*eu já superei*”, “*não preciso dele*” e “*estou melhor sozinha*” — ao menos, não para mim mesma.

Eu não tinha superado nem mesmo a ideia de não tê-lo em minhas caminhadas matinais, sentia que precisava dele mais do que de qualquer outra coisa e, indiscutivelmente, não estava melhor sozinha, não quando a companhia dele fez com que eu me sentisse tão completa. Mas eu me recusava a voltar para um relacionamento que parecia ter uma data de validade. Não conseguia enxergar uma lógica em prolongar um sofrimento.

Então, eu peguei os cacos que consegui alcançar, me levantei do chão e coloquei um sorriso falso no meu rosto, pois não podia ficar longe da minha rotina.

Ou, pelo menos, eu tentei fazer isso, já que Erick ainda não havia desistido de mim — não antes do centésimo dia, de acordo com ele. O executivo apareceu na Lancaster, em uma de minhas corridas matinais e me encheu de mensagens, com áudios enormes, explicando sobre o quanto estava arrependido por tudo que tinha dito e feito.

“A minha única intenção foi ajudar você. Eu juro que não tinha nenhum objetivo oculto com isso” disse ele, centenas de vezes. Mas eu só conseguia enxergar tudo aquilo como mais uma forma de me controlar, de fazer com que eu me prendesse a ele outra vez — retomar o controle que ele havia perdido no instante em que eu deixei a cidade, depois de enxergar o buraco em que eu estava me enfiando.

Aquele investimento na Lancaster era apenas uma nova espécie de contrato, o que não fazia sentido já que ele mesmo havia dito que não haveria mais “acordos” entre nós dois, que o nosso relacionamento não seria um negócio.

Talvez fosse algo instintivo dele, querer controlar tudo e todos a qualquer custo. Talvez eu estivesse traumatizada demais e estava enxergando coisas que não existiam. Ou, talvez, simplesmente não estávamos destinados a ficar juntos.

A minha irmã, como eu já suspeitava, não ficou do meu lado. Ela me acusou de estar surtando ou, como ela havia destacado, *“fazendo uma tempestade em um copo de água”*. Comentou mais de uma vez que, se o problema eram todas aquelas melhorias que ele tinha proposto, eu deveria apenas ter recusado e não colocado um fim no nosso relacionamento.

E sempre que isso acontecia, eu tentava me defender, dizendo que ela estava observando as coisas de um outro ângulo — um que tornava o executivo bem melhor do que ele realmente era.

— Erick estava certo quando te disse que você procurou um motivo para terminar com ele — continuou ela com o mesmo discurso de dois dias atrás, enquanto encarava o meu rosto. — Você ficou com tanto medo de se machucar de novo que o afastou. O problema não é o investimento na lanchonete, o problema não é o Erick, o problema é você, que não consegue superar uma coisa que aconteceu há quatro anos.

Por um pequeno instante, eu não soube o que responder a ela. Aquelas palavras me paralisaram completamente, transformaram em pó todas as minhas desculpas, que já haviam se tornado um coreba.

— Você não sabe de nada! — respondi, finalmente recuperando a minha voz. — O Erick não mudou, Carol. Ele continua o mesmo desgraçado de

sempre, e eu quase dei uma segunda chance pra ele... Eu quase voltei para aquela prisão, para as mãos dele... Ao lugar de onde eu já precisei fugir uma vez.

— Quase deu uma segunda chance? — questionou ela, franzindo a testa, ignorando tudo o que comentei depois daquela frase. — Vocês estavam juntos e muito bem, antes mesmo da porcaria dos cem dias chegarem ao fim. E você estava feliz com ele, Jéssica... Mais do que já estive com qualquer outro cara nos últimos anos.

Antes que eu pudesse responder, dizendo sobre o quanto ela estava equivocada, a minha irmã completou: — Uma vez, você me disse que todos os seus momentos bons com ele tinham sido ofuscados por um único ruim... Mas já pensou que talvez seja você que não queira focar nos bons, pelo simples fato de ser mais conveniente, mais fácil de odiá-lo?

— Eu... eu não quero mais falar sobre ele — disse, colocando um fim naquela conversa que parecia nunca ter fim. — Eu sempre respeitei as suas escolhas, então tente fazer o mesmo por mim dessa vez, O.K.?

Entendia que, para a minha irmã, eu estava ótima durante o tempo em que convivi com o executivo. No entanto, algumas drogas também proporcionam momentos ótimos, mas o uso prolongado sempre traz sequelas horríveis.

E Erick Marinho sempre foi uma espécie de droga para mim.

Eu passei anos “limpa”, mas depois ele voltou para a minha vida com falsas promessas e, agora — depois de reconhecer que aquilo continuava me fazendo mal —, eu estava recomeçando do zero, depois de uma recaída.

No meu trabalho, as coisas não eram tão diferentes de casa. Por mais que os funcionários não falassem na minha frente, eu sabia que eles comentavam sobre Marinho, do quanto ele estava sendo “injustiçado”.

Até mesmo o meu melhor amigo, Henrique, achava que eu deveria reconsiderar a minha decisão.

A única coisa que deu uma folga para a minha mente — que já estava desgastada por focar naquele assunto —, foi uma mensagem de Alexandre, avisando que, em alguns dias, viria à cidade para me visitar.

Seria bom me distrair com a companhia de alguém que não tocaria no nome de Erick a cada cinco minutos, que não diria “*você tem certeza?*”, “*se eu fosse você...*” e dezenas de outras coisas que já estavam começando a me irritar.

Capítulo 23 — O Último Dia

DIA 100

Depois de todas as patadas que eu dei em Erick, das inúmeras mensagens ignoradas e de toda a indiferença que eu me esforcei muito para lhe transmitir, eu pensei que ele não esperaria até o centésimo dia para ir embora da cidade.

No entanto, mais uma vez, o CEO me surpreendeu.

Ele enviou uma cesta de café da manhã para a Lancaster, que veio acompanhada por um bilhete escrito à mão, um bilhete que me lembrou daquele que ele havia me deixado no quarto de hotel na manhã seguinte ao dia em que nos conhecemos.

“Dessa vez, eu achei melhor não mandar flores para a sua lanchonete. Mas não se preocupe, pois eu estarei com um buquê de rosas vermelhas te esperando na praça, no horário em que marcamos.

Com amor,

Erick”.

Depois de ler aquelas palavras — que esbanjavam confiança —, eu joguei o cartão no lixo e comi algumas das coisas que estavam na cesta, que era muito bonita. Não podia guardar algo que me faria questionar a decisão que eu tinha tomado; não seria muito inteligente.

Coincidentemente — e por muita sorte —, Alexandre chegaria à cidade no período da tarde. E ficamos de jantar fora, em um dos restaurantes que sempre frequentávamos quando ele vinha me visitar.

Esse jantar era a única coisa que desviou o meu pensamento de Erick e daquela maldita praça — um lugar em que eu evitaria ao máximo passar, pelo menos nas próximas vinte e quatro horas.

Caroline manteve a posição dela em relação a Erick. Todavia, diferente de como aconteceu quando soube do término — e nos dois dias seguintes —, ela estava evitando opinar sobre o caso, o que me deixou extremamente grata.

O centésimo dia, apesar de todas aquelas coisas amontoando a minha cabeça, passou mais rápido do que eu achei ser possível. Quando eu voltei o meu olhar para o relógio na parede da minha sala, já eram cinco horas da tarde, meio caminho andado para o fim daquela tortura.

Alexandre me enviou uma mensagem, comentando que já havia chegado

e também me perguntou se podíamos adiantar um pouco o nosso encontro — para, basicamente, trinta minutos antes do horário que havia combinado de me encontrar com Erick, há cerca de noventa dias.

Como já havia me decidido em relação a Marinho, eu não tive nenhum problema em aceitar, seria até melhor estar na companhia de outra pessoa que não fosse Caroline — que, certamente, faria questão de me lembrar do erro que estava cometendo — quando o ponteiro marcasse dezenove horas.

Deixei a Lancaster um pouco mais cedo e notei que isso deixou a minha irmã feliz. Como não estávamos em nossos melhores momentos — não conversávamos mais como antes —, isso me impossibilitou de contar sobre a chegada de Alexandre, o que significava que ela, muito provavelmente, estava pensando que eu me encontraria com o CEO.

E eu não quis estragar aquele sorriso contando sobre os meus planos para a noite.

Então eu simplesmente fui pra casa e tomei um banho bem demorado, antes de me arrumar para o encontro com o meu amigo, que não demoraria a chegar.

Depois de olhar para o céu azulado — que contrariava a previsão de chuva — através da janela do meu quarto, eu coloquei um vestido azul, calcei uma sapatilha prateada e ajeitei o meu cabelo.

No momento em que eu estava terminando de me maquiar, ele chegou.

Diferentemente de Erick, que buzina — até mesmo depois das dez horas da noite —, ele me mandou uma mensagem, avisando-me de sua chegada.

Eu o abracei com bastante força e o agradei novamente pela visita, que não poderia ser em um momento melhor.

Demoramos cerca de cinco minutos para chegar ao restaurante. E durante o caminho, eu me esforcei ao máximo para parecer bem. Eu não queria que ele notasse que eu estava sofrendo, porque não queria ter que contar o motivo de toda aquela aflição.

Mas a verdade é que, somente quando nós já estávamos sentados em uma das mesas do lugar, eu consegui demorar o meu olhar sobre o rosto do loiro, que continuava tão bonito e educado quanto no dia em que eu o conheci.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou-me ele, notando algo de errado em meu rosto, mesmo com todo o meu esforço para disfarçar.

Eu pensei em mentir, dizendo um simples “*não, está tudo bem*”, mas sentia que a palavra “*PROBLEMA*” estava escrita na minha testa em letras

garrafais. Ainda que não nos víssemos com muita frequência, Alexandre era meu amigo — um dos bons —, captaria a mentira no instante em que ela deixasse a minha boca.

— Está tão óbvio assim? — respondi, fazendo uma careta antes de forçar um sorriso. Ele balançou a cabeça, confirmando as minhas suspeitas. — Aconteceram várias coisas desde a última vez que você me visitou.

Por mais que eu já estivesse cansada de falar sobre Erick Marinho, eu decidi conversar sobre o que estava acontecendo, realmente me abrir com ele. Até porque eu sabia que o loiro não o defenderia como todas as pessoas que me cercavam estavam fazendo.

Eu contei tudo, incluindo que Erick tinha colocado alguém para segui-lo — e, dessa forma, descobriu onde eu estava “escondida”. contei também sobre os cem dias e do determinado momento em que eu realmente acreditei que a nossa relação daria certo. E, obviamente, de tudo o que aconteceu depois disso, provando-me o contrário.

— Ele é muito babaca, Jéssica — comentou Alexandre enquanto me ouvia falar sobre o cara que já havia sido um dos melhores amigos dele. — Eu acho que você esperou demais de um cara como ele.

Eu sorri aliviada, instantes antes de responder: — Obrigada por dizer isso. Finalmente alguém reconhece que eu não estou cometendo o maior erro da minha vida. Até agora, eu só encontrei pessoas que ficaram do lado dele, que...

Fui interrompida por um trovão, que fez com que eu voltasse o meu olhar para a vidraça à minha esquerda. E, só então, eu notei que estava chovendo muito. Era como se o mundo estivesse desabando lá fora e, automaticamente, a imagem de Erick embaixo de toda daquela chuva — esperando por alguém que não apareceria — invadiu a minha mente.

A previsão do tempo não estava errada no fim das contas.

— O que foi? — quis saber o homem sentado à minha frente, com um sorriso colorindo os lábios. — Você tem medo de trovão?

— Não, não é nada... — desconversei, optando por não revelar o que estava em minha mente dessa vez. — Acho que ainda estou surpresa por alguém finalmente concordar comigo em relação ao Erick.

O loiro não sorriu e ficou em silêncio por alguns instantes, o que me mostrou que eu não gostaria de suas próximas palavras, assim como não gostei das de Caroline, Henrique e de nenhuma outra pessoa que, de alguma forma, defendeu o executivo.

— Eu considero ele um grande imbecil, um cara que realmente não merece uma mulher como você — ele começou a dizer, indicando-me que em algum momento, pronunciaria um “*mas*”. — Mas... Talvez você realmente tenha exagerado com a questão da lanchonete.

Antes que eu pudesse argumentar, dizendo as mesmas coisas que usei com Carol, ele completou: — Em minha opinião, você não deveria nem ter dado uma segunda chance pra ele. Ou seja, eu estou totalmente de acordo com o fato de você ter chutado o idiota, só não acho que o lance do investimento seja um motivo para isso... Até porque, convenhamos, ele devia estar bem entediado.

Pensei em balançar a cabeça e concordar, seguindo com a conversa, mas uma coisa na última frase que ele pronunciou me deixou curiosa.

— Entediado por quê? — questionei Alexandre, não compreendendo o que ele tinha acabado de me dizer.

— Com tudo, eu acho... — prosseguiu ele após comer mais um pouco do pedaço de pizza em seu prato. — Aqui não é uma cidade muito grande, não tem muita coisa pra um cara desempregado como ele fazer.

“*Um cara desempregado*”?

Do que Alexandre estava falando? Erick tinha um dos melhores cargos do mercado. Era, provavelmente, um dos homens mais influentes do país.

Antes que eu pudesse tornar a questionar, Alexandre leu a minha expressão facial.

— Então, ele não te contou? — completou ele, deixando-me ainda mais confusa. Não tive nem tempo de dizer um “*contou o quê?*”, pois o loiro prosseguiu: — O cargo dele de CEO... Ele abandonou há alguns meses.

De acordo com Alexandre, Erick havia pedido demissão há cerca de três meses — o meu amigo não tinha certeza da data exata. Tudo o que sabia era que ele saiu em uma viagem e ligou, dizendo que não voltaria mais, que tinha uma “*coisa mais importante para fazer*”. Tentaram convencê-lo a continuar no cargo — até porque mais ninguém, além do ex-sogro dele, o faria tão bem —, mas ele não aceitou.

— Na época, eu não tinha entendido o motivo, mas agora tudo faz sentido — disse o loiro, encarando o prato de comida à sua frente. — Ele largou tudo pra ficar aqui, correndo atrás de você como um cachorrinho, mesmo sem saber se você realmente o aceitaria de volta.

O loiro começou a rir, como se eu tivesse acabado de lhe contar uma piada bem engraçada.

— Ele é ainda mais estúpido do que eu tinha pensado... — Depois de notar que a sua frase indiretamente me atingia, ele acrescentou: — Sem ofensas Jéssica, mas era um cargo importante demais pra abandonar por alguém...

E então, as palavras de Erick tornaram a invadir a minha mente.

“Eu não me arrependo de nada do que fiz nesses últimos meses. Eu só queria que você enxergasse que, diferente daquilo que deve pensar, você não é a única pessoa se sacrificando por esse relacionamento”, dissera-me ele no dia em que coloquei um fim em tudo.

Naquele momento, eu realmente não consegui enxergar nenhum desses sacrifícios do qual ele estava se referindo. A verdade é que eu só enxerguei aquilo que queria ver e ignorei todo o restante, porque foi mais fácil pintá-lo como um vilão do que encarar a realidade de que o problema era comigo.

— Realmente, ele é um idiota... — eu concordei, sentindo várias pontadas em meu estômago. — Ele deveria ter me contado...

Os meus olhos voaram na direção da vidraça. Enquanto eu observava a chuva, que continuava caindo sobre a rua, finalmente percebi toda a burrada que havia feito, do quanto eu havia sido injusta e orgulhosa.

— Que horas são? — questionei, voltando o meu olhar para o rosto de Alexandre.

Ele olhou para o relógio dourado em seu pulso, antes de me responder: — Sete e cinquenta.

Eu estava cerca de cinquenta minutos atrasada.

Não poderia perder mais nenhum.

Levantei-me da mesa e encarei o loiro, que parecia ainda mais confuso do que eu há alguns minutos.

— Eu... eu tenho que ir...

— Ir aonde? — indagou ele, sem saber que não receberia uma resposta.

Eu pronunciei apenas um *“me desculpe”*, peguei a minha bolsa e caminhei para fora do restaurante. Parei na porta, respirei fundo e comecei a correr no meio de toda aquela chuva.

Enquanto eu corria, pensava nas coisas que diria para Erick, no momento em que eu o encontrasse naquela praça. Pensei em dizer *“me desculpe pelo atraso, eu sou péssima com horários”*, pensei em simplesmente beijá-lo ou em começar me desculpando, assumindo que eu tinha falhado com ele, que havia interpretado tudo de forma errada e que eu estava disposta a consertar as coisas.

Eu corri sem parar por cerca de quinze minutos, até chegar à praça em que combinamos de nos encontrar. Quando coloquei os meus pés lá, estava completamente encharcada e sem fôlego. Mas se eu o encontrasse ali — esperando por mim depois de todo aquele tempo —, nada disso importaria, o resfriado no dia seguinte valeria a pena.

Mas, infelizmente, ele não estava.

Eu era a única pessoa naquele lugar.

Aproximei-me do banco em que nos sentamos no décimo dia — quando combinamos de nos encontrar no último. Eu não me importei com a água e me sentei, voltando os meus olhos para baixo. Então, eu avistei um buquê de rosas vermelhas completamente destruído pela chuva — ou por Erick, quando se deu conta de que eu não apareceria.

“Eu estarei com um buquê de rosas vermelhas te esperando na praça, no horário em que marcamos”, escreveu-me ele, naquele bilhete que me mandou pela manhã.

Peguei o que restou dele e observei as rosas destruídas, quase sem pétalas. Não consegui continuar contendo as minhas lágrimas, que despencaram sobre as minhas bochechas, molhando ainda mais o meu rosto.

Sem me importar com a chuva, tirei o celular da bolsa e disquei o número dele. E deu *“encontra-se desligado ou fora de área de serviço”*. E, então, eu só consegui pensar no que havia lhe dito no dia em que ele me contou sobre o seu projeto misterioso.

“Espero que você honre com a sua palavra e me deixe em paz”, disse como a pessoa mais estúpida do universo, que havia pronunciado exatamente o oposto do que queria.

“Vou honrar. Mas só depois do centésimo dia” respondeu-me ele, realmente não mentindo.

Por mais que eu quisesse continuar sentada naquele banco, com as rosas em minhas mãos, chorando por tudo o que havia perdido, eu ainda não estava pronta para desistir de Erick.

Levantei-me e deixei a praça, continuando a correr. Dessa vez, em direção ao hotel em que ele estava hospedado e isso me rendeu mais alguns minutos correndo na chuva, sujando o meu vestido azulado e praticamente destruindo a minha sapatilha, que parecia nadar em água.

Aproximei-me da recepção e notei a careta que Norberto fez ao me avistar.

Definitivamente, não era boa.

— Ele já foi — comentou o homem atrás do balcão, arrancando o restante do fôlego que eu possuía. — Saiu há uns trinta minutos...

O senhor grisalho voltou o olhar para o buquê em minha mão e sorriu ao reconhecê-lo.

— Eu apostei com o patrãozinho que você apareceria e disse que ele deveria levar um buquê de rosas vermelhas, pra simbolizar o amor intenso de vocês — continuou Norberto, fazendo com que eu tornasse a chorar.

Era oficial.

Eu o havia perdido.

O meu orgulho roubou aquela que poderia ser a minha única chance de ser feliz ao lado de outra pessoa.

Tentei caminhar na direção da porta e ir embora, mas o recepcionista me impediu, segurando o meu braço de forma carinhosa.

— O mundo ainda está desabando lá fora, minha querida — disse ele sem saber que era como se o meu mundo já tivesse acabado. — Espere mais um pouco.

Concordei em aguardar, até porque não estava com mínimas condições de voltar a correr. Eu estava cansada demais e era como se as lágrimas não parassem de cair sobre o meu rosto, sentia que estava ficando desidratada de tanto chorar.

Ele mandou a arrumadeira buscar uma toalha para que eu me secasse e, depois disso, serviu-me uma xícara de chá bem quente, que eu tomei enquanto esperava a chuva passar.

Quando me recuperei da crise de choro, comecei a conversar com Norberto. Ele quis saber tudo sobre a minha relação com o Erick. Então eu contei parte da nossa história, obviamente, ocultando alguns detalhes — detalhes como o fato de que eu era uma garota de programa e de que ele era casado quando nos conhecemos —, foquei nos últimos cem dias, nas partes boas que vivemos.

E enquanto eu falava sobre o quanto Erick tinha me feito feliz nesse curto período de tempo, eu finalmente tive a resposta. A confirmação que busquei nos últimos noventa e nove dias em que passei ao lado dele.

Eu tinha me apaixonado novamente.

Eu amava aquele cretino.

E isso tornava tudo ainda mais trágico, já que eu precisei perdê-lo para enxergar algo tão simples e óbvio.

Voltei os meus olhos em direção à porta e notei que a chuva já havia passado, que eu finalmente poderia voltar para casa e chorar sem nenhuma plateia.

Tirei a toalha dos meus ombros e a entreguei para o recepcionista.

— Obrigada pela xícara de chá e... — voltei o meu olhar para o buquê destruído, que havia sido ideia dele, e completei: — Por todo o restante...

Capítulo 24 — Tarde Demais

DIA 100

Eu voltei para casa completamente arrasada — e, é claro, molhada de toda a chuva que havia enfrentado.

A expressão de enterro só foi deixar o meu rosto quando eu cheguei em casa e notei que a minha irmã não devia estar sozinha. A porta estava aberta e, do portão, eu vi a sombra de um homem próximo a ela.

Instantaneamente, eu comecei a rir, sentindo uma sensação de alívio percorrer o meu corpo. Fechei os meus olhos e agradei mentalmente, prometendo não estragar tudo outra vez.

Eu não sabia se Erick havia ficado ou voltado por mim, mas, naquele momento, tudo o que importava era que ele estava bem ali e que eu poderia consertar as coisas.

Nunca pensei que ficaria tão feliz por ele ter passado por cima de uma das minhas regras — a de *“me deixar em paz”*.

Aproximei-me da porta, tornando a pensar no que diria quando o visse bem a minha frente.

Decidi que o melhor era começar com um *“me desculpe, eu sou uma idiota!”* e terminar com um beijo intenso, torcendo para que ele me perdoasse por tudo o que eu havia feito desde que brigamos no dia noventa e dois.

Tinha certeza de que Erick faria alguma brincadeirinha boba sobre o estado do meu cabelo, mas eu adoraria ouvir.

Cruzei a porta pronta para observar aquele rosto lindo que Marinho possuía. Entretanto, infelizmente, antes que eu pudesse começar com o discurso clichê de fim de filme — onde o casal sempre terminava junto —, eu descobri que se tratava de Alexandre e não do homem que eu amava.

— Eu paguei a conta do restaurante e tentei ir atrás de você, mas não te encontrei... — disse o loiro, aproximando-se de mim com uma expressão preocupada estampada em seu rosto. — Onde você estava?

“Perdendo tempo em uma mesa de restaurante com você, enquanto ele me esperava embaixo de toda aquela chuva”, pensei, detestando-me ainda mais.

Ergui o buquê em minha mão esquerda, mostrando-o para os dois.

— Não importa onde eu estava... Só que eu cheguei tarde demais... — respondi, sentindo o meu corpo anestesiado. — Ele já tinha ido embora.

Completamente envergonhada, voltei o meu olhar em direção a Caroline, que tentou me alertar inúmeras vezes. A minha irmã devia saber que eu acabaria daquela forma, completamente arrasada.

— Você estava certa sobre tudo... — continuei falando enquanto sentia as lágrimas despencarem outra vez. Não existia mais espaço para orgulho dentro de mim, não depois de tudo. — Eu deveria ter te ouvido.

Felizmente, a minha irmã não disse um “*eu te avisei*” — nem nada que pudesse me deixar ainda pior, se é que isso era mesmo possível —, ela só se aproximou para me abraçar. Mas assim que percebeu que eu estava toda molhada, recuou em um passo.

— Você precisa de um banho... E urgente! — ela disse, empurrando-me na direção do banheiro. — Depois disso, eu vou te abraçar, dizer que tudo vai ficar bem e você vai acreditar, O.K.?

E isso foi exatamente o que eu fiz, mesmo sabendo que eu nunca acreditaria naquelas palavras, as mesmas que, sem realmente acreditar, eu já havia me cansado de pronunciar para ela.

Entrei no chuveiro para mais um dos muitos banhos demorados que já tomei sofrendo por causa do executivo. E nesse específico, eu passei mais tempo do que o normal. Chorei tudo o que não tinha chorado nos últimos dias. Detestei-me mais um pouco por ser estúpida a ponto de deixar ir embora a pessoa que eu amava. Gritei e expressei todas as emoções, tudo que eu não consegui fazer em frente ao restante das pessoas que me cercavam.

Enquanto a água caía — dessa vez, bem quente — sobre o meu corpo, eu revivia cada um dos momentos com o bilionário, momentos que iam além dos últimos cem dias. Mas, dessa vez, eu não fui covarde a ponto de me agarrar apenas nos ruins, para rotular a nossa relação como errada, tóxica ou qualquer outra coisa que fizesse com que eu me sentisse melhor por não tê-lo ao meu lado.

Fui corajosa o suficiente para olhar para trás e enxergar o mosaico de cenas que protagonizamos. Cenas que foram do dia em que nos conhecemos naquele quarto de motel até a noite em que ele me propôs aquele contrato que mudou as nossas vidas.

E depois de chorar, lembrando o dia em que ele me chamou de lixo, eu comecei ao rir, lembrando-me do momento em que ele me acusou de lhe dar “*lixo*” pra comer — uma cena que eu teria achado bem engraçada no momento

em que a protagonizamos, se não estivesse relacionada com a questão da lanchonete. Eu parecia uma surtada enquanto viajava por aquela montanha russa de sentimentos que era o nosso relacionamento.

Talvez a nossa relação não fosse perfeita, até porque nada completamente bom poderia surgir de uma garota de programa e um homem casado. Talvez em determinados momentos ela realmente tenha sido tóxica com todo o controle que Erick sempre exercia sobre a minha vida. Mas em meio a tantos “talvez”, eu tinha algumas certezas. Eu amava Erick Marinho com todo o meu coração. E os três últimos meses que passamos juntos — apesar de não terem sido perfeitos —, foram os mais felizes de toda a minha vida.

Durante esses dias, que faziam parte da minha nova fase, eu não estava cercada por luxo e o glamour que o meu antigo trabalho como acompanhante de luxo me proporcionava. Eu não era convidada para os melhores restaurantes e hotéis da cidade. Não estava ganhando rios de dinheiro e o meu corpo não era vestido pelos tecidos mais caros e bonitos do mercado. No entanto, eu recebi flores de um homem que me desejava por mais de uma noite e fui convidada para um baile da terceira idade, no qual me diverti dançando, antes de voltarmos para casa caminhando descalços, sob a luz do luar. Eu não corria mais para o banheiro para me lavar por sentir nojo do que havia acabado de fazer, mas para pensar nos ótimos momentos que tinha vivenciado ao lado de um homem que estava disposto a acordar ao meu lado.

Deixei o banheiro e coloquei um pijama, pronta para deitar sobre a minha cama e dormir, colocando um fim naquele dia que não terminava nunca.

Porém me obriguei a voltar para a sala, pois precisava me desculpar com Alexandre e tornar a agradecer pela sua visita, que foi marcada por uma tempestade — literalmente, por conta da chuva. Eu acabei por enfiá-lo no meio dos meus problemas, obrigando-o a correr atrás de mim e sabia que isso não era legal.

— Que droga é essa que você está vestindo, criatura? — questionou Carol, assim que me viu.

— Um pijama.

Ela ficou em silêncio, com os olhos castanhos fixos em mim por alguns instantes, como se eu tivesse acabado de falar um palavrão ou qualquer outra coisa ofensiva.

— Então, é isso? — prosseguiu ela, ainda me fuzilando. — Você vai ficar aí de pijama, completamente infeliz, enquanto o cara que você ama está em outra cidade? — Eu pensei em contra-argumentar, voltar a usar desculpas que

envolviam “*destino*” e sempre terminavam com “*não era pra ser*”. Mas a minha irmã foi mais rápida e não me deu essa chance. — Há pouco tempo, você me disse que a única coisa que não podemos ter de volta é o tempo... Então, você precisa começar a parar de desperdiçá-lo, sua burra!

O que Caroline queria que eu fizesse?

Ir atrás dele, mesmo sem saber se seria aceita depois daquele toco que eu havia lhe dado?

Arriscar ouvir um “*não*” que me deixaria ainda mais destroçada?

O simples fato de Erick ter feito essas coisas — consideradas estúpidas por pessoas como Alexandre —, mostrou-me que, talvez, era exatamente o que eu deveria fazer.

Eu tornei a abrir a minha boca, mas Caroline não me deixou falar.

— Eu tomo conta da Lancaster e da casa... Não se preocupe com isso — continuou ela, realmente incentivando-me a ir atrás dele. — Tenho certeza que deve ter algum ônibus que sai ainda hoje...

— Ou então eu poderia te dar uma carona — disse Alexandre, interrompendo a minha irmã, roubando a atenção de nós duas.

O meu olhar voou na direção dele.

— Você realmente quer me ajudar a reatar com o Erick, Alexandre? — questioneei o loiro, ainda não acreditando no que ele estava me propondo.

— Uma vez eu te ajudei a fugir dele... Então, nada mais justo do que te levar de volta pro desgraçado — respondeu-me ele, arrancando um sorriso do meu rosto, um que não foi forçado ou falso. — Isso será como finalizar um ciclo.

Capítulo 25 — Recomeço

Como na cidadezinha não havia um aeroporto — apenas uma pequena rodoviária —, a forma mais fácil e rápida de viajar era de carro, principalmente pra quem não tinha paciência e disposição pra ir até a cidade vizinha para embarcar em um avião.

Depois de algumas horas de viagem ao lado de Alexandre — nenhum de nós dois tinha muito assunto —, finalmente chegamos à capital. Eu estava tão ansiosa para colocar um fim em toda aquela situação que, se pudesse, partiria atrás do executivo naquele momento. Mas como já era tarde da noite, eu acabei dormindo em um dos quartos de hóspedes da casa do loiro.

No entanto, nós combinamos que, assim que o dia amanhecesse, procuraríamos por Erick.

Aproveitei também para mandar uma mensagem pro Rick, avisando-o de que eu estava na cidade e de que gostaria muito de vê-lo. Não podia perder a chance de me encontrar com o meu melhor amigo, mesmo essa não sendo a minha prioridade no momento.

Eu estava tão cansada que, no momento em que me deitei na cama, apaguei completamente e só fui acordar pela manhã, quando o loiro chacoalhou o meu corpo, chamando-me para tomar café com ele.

Enquanto comíamos, o homem ao meu lado fez algumas ligações, tentando descobrir onde Erick poderia estar “*escondido*”, já que o mesmo não atendia ao telefone. Alexandre ligou para a casa do executivo e para alguns conhecidos que poderiam ter alguma informação, mas ninguém sabia de nada, era como se ele tivesse evaporado.

O loiro me lançou um olhar que fez com que eu soubesse as palavras que ele pronunciaria antes mesmo que elas deixassem a sua boca.

— Sinceramente? Eu acho que ele não está aqui na cidade... — disse Alexandre, em tom de lamentação. — Podemos continuar procurando se você quiser, mas não será fácil ou rápido encontrá-lo.

Marinho era um cara muito poderoso e influente, tinha muito dinheiro na conta e conhecia a maior parte do mundo. Ele poderia estar, basicamente, em qualquer lugar. As chances de que ele se encontrasse na cidade era mínima e, no fundo, eu sabia disso.

Terminamos de comer em silêncio, nenhum de nós dois parecia muito animado para conversar, assim como na noite anterior quando estávamos dentro do carro dele.

Talvez fosse apenas estranho para Alexandre estar me ajudando a voltar para um cara que ele não gostava ou, como ele costumava dizer, “*não era digno de mim*”. Ou talvez o problema fosse comigo, que estava aflita demais para conversar sobre qualquer outra coisa que não começasse com “*Erick*” e não terminasse com “*Marinho*”.

Por sorte, Henrique me ligou, ajudando-me a escapar daquele clima horrível. O meu melhor amigo estava ainda mais ansioso do que eu para o nosso encontro e isso nos rendeu uma ligação bem demorada.

Nós falamos sobre a minha burrice de deixá-lo ir embora sem ter dito o quanto eu o amava. Rick não pegou tão pesado comigo e disse que, pelo menos, agora eu e Erick estávamos quites, já que ambos hesitamos em dizer aquelas três palavrinhas — que fariam toda a diferença do mundo — em momentos cruciais.

Ele me comparou com “*lixo*” e eu o deixei esperando naquela praça, embaixo da toda aquela chuva. E, no final, ambos terminamos deixando a cidade. A única diferença foi que eu fugi daquela vez e agora ele tinha sido praticamente expulso por mim, que deixei claro, várias vezes, que não o queria lá.

E, é claro, comentamos sobre a falta de informações a respeito do paradeiro de Marinho.

— Ele não tem uma família ou alguém para recorrer quando as coisas apertam? — questionou o meu amigo do outro lado da linha, fazendo-me pensar.

O executivo era filho único, a mãe havia falecido há alguns anos e a única coisa que lhe restava, era um pai viciado em jogos, que só se lembrava da existência dele quando precisava de mais dinheiro para apostar.

Então, até onde eu tinha conhecimento, não.

Erick não possuía nada em que pudesse se apoiar a não ser ele mesmo.

Quando eu estava prestes a responder à pergunta de Henrique com um “*não*”, lembrei-me de uma coisa importante, que poderia ser a chave para encontrá-lo.

Ainda que ele não possuisse uma “família”, Marinho tinha uma casa afastada da cidade, que sempre visitava com a família durante a infância.

A casa de campo que ele havia me levado para conhecer.

Da última vez em que eu havia estado lá, nós dois tivemos alguns

momentos que se tornaram inesquecíveis. Lembrava-me claramente de passear com ele naquele pedalinho, enquanto éramos iluminados por aquele pôr do sol maravilhoso.

Recordava-me da conversa que tivemos naquele dia, falamos sobre as nossas famílias e foi algo sincero e incomum na relação que possuíamos. Em nenhum momento, ele me tratou como a garota de programa que havia contratado e isso fez com que eu quisesse ser mais muito mais do que aquilo.

Foi nesse mesmo lugar que eu tive a certeza de que o amava, quando eu finalmente criei coragem para admitir isso pra mim mesma.

— Eu... eu sei onde ele está — disse, voltando o meu olhar para Alexandre, que se espantou com o meu tom de voz carregado de animação. Não consegui controlar o sorriso em meus lábios. E ainda com os olhos colados no loiro à minha frente, eu completei: — Eu acho que vou precisar de mais uma carona.

Pedi para Alexandre passar na casa de Henrique e assim que o meu amigo entrou no carro — depois de enrolar mais de dez minutos para sair do apartamento —, nós seguimos para a casa de campo da família de Erick, onde eu esperava que o executivo estivesse.

Eu sabia perfeitamente que aquilo era um tiro no escuro, que talvez Marinho não estivesse lá, entretanto, ainda assim, achei que deveria arriscar; assim como ele arriscou por mim. E, de qualquer forma, a minha vida amorosa já estava ferrada, eu — literalmente — não tinha mais nada a perder.

Assim que Rick entrou no carro, eu o abracei com bastante força. E, então, nós fomos conversando durante o trajeto — que não era tão curto, diga-se de passagem.

— Eu pensei que teria que viajar até lá pra dar um tapa na sua cara — retrucou ele, referindo-se ao período em que eu me recusava a enxergar o que estava bem na minha frente. — Mas eu estou feliz que a minha amiga inteligente está de volta no comando...

Eu não me considerava muito inteligente — até porque fiz coisas estúpidas demais para me enquadrar naquele título —, mas podia dizer que estava feliz com as minhas últimas escolhas. Caso tudo aquilo desse muito errado no final, eu ainda poderia voltar para a minha vida conformada, sabendo

que tentei consertar as coisas que destruí e, ainda que não fosse o ideal, isso já era bem reconfortante.

Chegamos ao local por volta do meio-dia, porque nos perdemos pelo menos umas três vezes seguidas. Erick nunca tinha levado Alexandre para visitar a propriedade e eu não tinha a melhor memória do mundo, sempre tive um péssimo senso de direção. Mas, no final, tudo deu certo.

Ou quase tudo.

— Agora que chegamos, qual é o seu plano, pular esse portão? — questionou Alexandre assim que estacionou o carro.

Admitia que eu realmente não tinha pensado muito no meu “*plano*”. E isso me mostrou que o “*ir atrás da pessoa que amamos*” era bem mais simples nos filmes de comédia romântica, onde todos os detalhes iam se encaixando de uma forma fácil e pouco crível.

Desci do veículo e aproximei-me do portão. Identifiquei uma espécie de interfone e tentei usá-lo, mas ninguém atendeu. E eu tinha certeza de que, se Marinho estivesse mesmo ali, devia ter dispensado todos os empregados para ficar sofrendo sozinho.

— Já pensou na possibilidade de ele estar lá dentro curtindo com três garotas de programas? — questionou Henrique ao descer do carro. — Seria extremamente constrangedor você aparecendo de surpresa.

— Eu não duvidaria de uma coisa assim — completou Alexandre, unindo-se ao meu amigo. — Até porque você o conheceu dessa forma.

Voltei o meu olhar em direção aos dois, que estavam parados, rindo e me desmotivando com aquelas piadinhas idiotas.

— Vocês, definitivamente, não estão me ajudando... — respondi repreendendo-os. — E eu tenho certeza que ele não está com ninguém... Não um dia depois de ter me esperado naquela praça.

E, estranhamente, eu não estava com aquele tipo de insegurança, com medo de encontrá-lo com várias mulheres. O que eu mais temia era finalmente dizer sobre o quanto eu o amava e receber um “*não*”.

Virei-me, voltando a me concentrar naquele portão maldito, ainda sem saber o que fazer.

Eu já tinha chegado tão longe, não seria barrada por causa de uma porcaria de grade. Eu me recusava a desistir de continuar por aquilo.

— É isso, é exatamente o que eu vou fazer... Eu vou pular! — pensei em voz alta.

Depois de tomar essa decisão, a primeira coisa que eu fiz, foi me certificar de que não tinha uma cerca elétrica. E, sem esse obstáculo, aproximei-me da grade escura.

Toquei o metal e me virei, voltando o meu olhar para os dois homens, que continuavam parados, observando-me, provavelmente esperando que eu caísse depois de uma escalada malsucedida.

— Os dois! Venham aqui me ajudar a subir — pedi gesticulando com a mão.

A verdade é que eu não tinha a mínima ideia de como consegui escalar aquele portão. Eu só sabia que Alexandre e Henrique me ergueram, ajudando-me a agarrar a parte de cima da grade e que precisei fazer muita força.

Depois de quase cortar a minha mão, eu, estranhamente, consegui chegar ao outro lado. Mas não sem sofrer com uma câimbra no meu pé, como consequência do pulo.

Respirei fundo, passei a mão sobre o meu cabelo, ajeitando-o e me levantei, pronta para seguir com o meu plano “*infalível*”.

Eles fizeram um sinal de “*beleza*” com o polegar, rindo e isso roubou um sorriso meu, ajudando-me a prosseguir com aquela loucura que tinha tudo para dar muito errado.

Andei bastante pela propriedade. Tinha me esquecido do quanto aquele lugar era enorme. Devo ter andado mais de cem metros até avistar a casa — ou melhor, a grande mansão da família dele. Aproximei-me do gramado e tudo parecia bem vazio, o que começou a me desanimar.

Quando eu já estava perdendo as esperanças de encontrar alguém ali, avistei o conversível estacionado lá no fundo, que era a prova definitiva de que eu não estava errada, de que Erick realmente estava ali.

Depois de percorrer o lugar com o olhar, eu avistei um homem parado próximo à margem da lagoa, encarando a água.

Sem perder mais tempo, eu disparei em direção a ele.

Continuei caminhando em passos apressados até que ele me notasse, voltando aqueles olhos esmeralda em minha direção. E, naquele mesmo instante, eu travei, parando a alguns metros de distância de onde ele estava.

Por sorte, o moreno me ajudou, completando o restante do percurso, vindo em minha direção.

Erick não parecia estar “*curtindo*” — o que destruiu a teoria de Rick e Alexandre —, ele usava uma camiseta branca larga e um short preto com duas

listras brancas, parecido com os que ele usava em nossas corridas matinais. O cabelo escuro estava todo bagunçado e isso fez com que eu quisesse ir até lá e arrumá-lo com a minha mão, sentindo-o por entre os meus dedos.

Assim que ele chegou perto de mim, notei que piscou duas vezes, como se quisesse ter certeza de que eu era mesmo real, de que não era uma ilusão criada por sua mente.

— Sim... Eu, literalmente, invadi a sua propriedade — comecei a dizer, ainda sem saber o que deveria falar a ele. Eu havia passado tanto tempo decorando a “*fala perfeita*”, contudo, agora, tudo estava entalado em minha garganta. — Eu sei que estou bem atrasada, mas... mas eu quero você, Erick.

Ele ficou em silêncio, ainda com os seus olhos fixos em mim e isso fez com que eu sorrisse sem graça, completamente nervosa.

— Há um pouco mais de três meses, você voltou para a minha vida e me pediu cem dias para provar que era merecedor do meu amor. E você provou isso... — Eu desviei o meu olhar, extremamente envergonhada. Tinha certeza que não conseguiria dizer olhando para os olhos dele. — Então, agora eu resolvi vir atrás de você e pedir a mesma coisa.

Eu dei dois passos, aproximando ainda mais os nossos corpos. Por mais que eu quisesse avançar e roubar aqueles lábios, eu me controlei e foquei no discurso brega que estava em minha mente.

— Cem dias, Erick — continuei dizendo, repetindo as palavras que ele havia usado comigo, no dia dez, depois de eu finalmente aceitar conversar com ele. — Tudo o que eu te peço são cem dias para provar que eu sou merecedora do seu amor.

Ele sorriu e eu consegui me ver refletida dentro daquelas esferas esmeraldas. Sem dizer nada, Erick avançou e eu esperei pelo beijo, pronta para retribuir de forma intensa, matando a saudade daquela sensação que somente ele era capaz de me proporcionar.

Mas ele simplesmente contornou o meu corpo, deixando-me para trás, com a boca aberta, esperando por um beijo que, aparentemente, não aconteceria.

Foi como um soco no meu estômago.

E por mais que eu tivesse repetido mil e uma vezes em minha mente que, se levasse um “toco”, voltaria para casa sabendo que tinha feito tudo o que estava ao meu alcance, naquele momento a minha reação não foi das melhores.

Eu me virei e comecei a segui-lo.

— Você podia só ter dito um “*não*” — gritei, explodindo de raiva

daquele fora que eu havia acabado de levar. — Eu pulei um portão por você, seu babaca... Um simples “*não, eu não quero*” seria bacana.

Mas Marinho ignorou tudo o que eu estava dizendo, ele entrou no carro e eu senti que seria deixada ali e que teria que dar um jeito de “repular” aquela grade imensa e, dessa vez, sem a ajuda dos meninos, que continuavam me esperando do outro lado.

— Pelo menos me deixa sair daqui sem ter que escalar a porcaria do portão! — continuei a gritar, praticamente implorando. Por mais que eu quisesse muito chamá-lo de “filho da puta”, optei por pedir educadamente. — Por favor, Erick.

Aproximei-me do banco do motorista e bati no vidro do carro, tentando chamar a sua atenção. Como era isofilmado, eu não conseguia saber se ele estava olhando pra mim ou se continuava a me ignorar em sua “vingancinha” — uma bem cruel por sinal.

Ele abriu a porta do carro, forçando-me a dar alguns passos para trás.

— E aí, como foi a sensação de ser completamente ignorada e esquecida? — indagou ele, fazendo com que eu quisesse pular em seu pescoço, estrangulando-o. — Só não foi ainda mais perfeito porque não está chovendo.

Eu comecei a rir de um misto de nervosismo e raiva.

— Quer saber? Eu ainda nem sei o que eu estou fazendo aqui, atrás de um desgraçado como você — respondi, sentindo o meu rosto queimar. — Eu estou muito melhor sozinha, sem um cara rancoroso e vingativ...

Erick engoliu o restante das minhas palavras com o seu beijo, o mesmo que eu estava esperando desde que coloquei os meus pés naquela praça, no centésimo dia.

E enquanto ele me beijava daquela forma intensa, as minhas emoções — que se confundiam entre o alívio de tê-lo de volta e o medo que eu senti de perdê-lo — explodiram, fazendo-me começar a chorar em seus braços. Ao notar o meu estado, ele me abraçou com força, tentando me aproximar ainda mais de seu corpo. Mas assim que eu me recuperei, dei cinco tapas fortes em seu peito.

— Ai! — reclamou ele, afastando-se em alguns passos.

Depois de encará-lo uma vez mais, não me controlei e tornei a me aproximar para um novo beijo, dessa vez tomando a iniciativa.

Eu senti aqueles lábios macios unindo-se aos meus, senti a sua língua habilidosa explorando a minha boca, senti o toque de sua mão esquerda em minha cintura e o da direita que desceu, apertando a minha bunda.

Entreguei-me completamente, levando a minha mão até a sua cabeça, onde agarrei o cabelo dele, finalmente sentindo-o entre os meus dedos.

E assim que os nossos rostos se afastaram, eu lhe dei um novo tapa.

— Eu odeio você!

Ele riu daquela maneira travessa.

— Eu não entrei naquele carro só pra te dar um susto — respondeu o moreno, roubando a minha atenção. Mesmo não acreditando no cretino, eu deixei que ele terminasse de falar. — Lembra quando eu passei uma tarde na sua casa, com você e a sua irmã e a gente assistiu àquele filme?

Confirmei com um aceno de cabeça.

— A gente assistiu “*Casa Comigo?*” — disse, recordando-me daquela tarde e do quanto estava nervosa para que ele e a minha irmã se dessem bem. — E você detestou o filme, disse que tinha desperdiçado duas horas da sua vida vendo-o.

Ele riu ao me ouvir falar.

— Talvez eu tenha exagerado um pouquinho... — Aquelas esferas claras fixaram-se de forma tão intensa na minha direção, que eu conseguia senti-las queimando a minha pele. — A questão é que teve uma parte do filme que não saiu da minha mente... — Erick esticou os lábios em um meio sorriso, evidentemente envergonhado. — Quando aquele cara liga pra ex-mulher ou ex-noiva, eu não me lembro... E pede o anel que pertenceu a mãe dele de volta.

Ele mergulhou a mão no bolso do short e pegou alguma coisa. Depois de fazer um suspense que tinha como único objetivo me irritar, ele abriu a mão direita, mostrando-me um anel de noivado.

— Esse aqui é o anel da minha avó e ele estava com a Victória... — continuou ele, fazendo com que eu finalmente entendesse o que de tão importante ela havia entregado a ele naquele dia em seu quarto de hotel. — E depois de assistir àquele filme, eu não consegui deixar de pensar que ele deveria estar no seu dedo e não guardado com ela.

Depois de dizer aquilo, o moreno se ajoelhou na minha frente e pegou a minha mão, enquanto continuava olhando para o meu rosto.

E tudo o que a minha mente conseguia pensar era “*por favor, não me peça em casamento*”, pois eu sabia que ainda não estava pronta, não depois de tudo o que havia acontecido em tão poucos dias. Era um passo longe demais para a nossa relação que havia apenas recomeçado.

Não me peça em casamento.

Não me peça em casamento.
Não me peça em casamento.
Não me peça em casamento.
Não me peça em casamento.
Não me peça em casamento.
Não me peça em casamento.
Não me peça em casamento.
Não me peça em casamento.

Não me peça em casamento.
Não me peça em casamento.

— Então, aqui vai... — disse ele, fazendo com que o meu estômago congelasse. — Jéssica Martins, você aceita me deixar colocar esse anel no seu dedo e prometer que nunca mais vai surtar e terminar tudo em nossa primeira briga?

Quando notei que o pedido de casamento não veio, tornei a respirar, totalmente aliviada.

Pelo sorriso safado naqueles lábios, ele devia saber exatamente o que estava pairando pela minha mente no momento do pedido.

— Eu aceito — respondi rindo, enquanto ele colocava o anel com uma pedra de diamante enorme em meu dedo. — Eu prometo não surtar.

Satisfeito com a minha resposta, ele se levantou e me puxou para um novo beijo.

— Por um instante, eu pensei que você me pediria em casamento — comentei assim que aquela língua me deu um descanso. Com os meus olhos fixos nos dele, eu prossegui: — Obrigada por não fazer isso.

Ele retribuiu o meu sorriso, antes de me responder: — Eu achei melhor não arriscar tanto dessa vez, não sei se consigo suportar um outro “*não*” tão cedo. — Marinho pegou a minha mão e encarou o anel. — É melhor deixá-lo aí e quando você achar que chegou a hora... É só me dar um toque.

Eu estava mesmo ouvindo aquilo?

Erick Marinho estava mesmo abdicando do controle? Aparentemente, sim, ele estava e isso comprovava que, pelo menos daquela vez, tinha feito uma escolha decente.

— E não! Eu não quero mais esse lance dos cem dias — o moreno continuou enquanto aproximou os nossos corpos, colocando-se na minha frente. — Eu quero passar a minha vida inteira com você, Jéssica Martins.

E por mais que fosse extremamente clichê — brega e qualquer outra coisa depreciativa —, ele tornou a me beijar, transformando aquele momento em um filme romântico do qual eu amei fazer parte.

— Você não acha melhor a gente terminar de se acertar lá dentro? — propôs ele com um sorriso sacana colorindo aquela boca deliciosa. — Não tem nada melhor do que um sexo de reconciliação...

Balancei a minha cabeça, concordando, realmente decidida e me jogar em cima daquele corpo, mas antes que eu desse o primeiro passo, lembrei-me de que tinha deixado Alexandre e Henrique do outro lado do portão.

— Eu adoraria te deixar me recompensar por aquele susto, mas o Alexandre e o Rick estão lá fora me esperando — respondi, deixando-o provavelmente surpreso ao ouvir o nome de seu “*ex-amigo*”.

— O Alexandre que tem uma quedinha do décimo andar por você?

Revirei os meus olhos e balancei a cabeça rindo, sem acreditar que ele daria uma de ciumento.

— Ele não tem uma quedinha por mim — rebati mesmo sem saber se isso era mesmo verdade. — Mas ele, literalmente, me trouxe até você.

A expressão surpresa em seu rosto transformou-se em espanto.

— Então eu vou tentar não afoga-lo ali na lagoa — respondeu o executivo, entrelaçando os nossos dedos e caminhando comigo em direção aos meus dois amigos.

Enquanto continuávamos seguindo por aquela propriedade que parecia nunca ter fim, eu voltei o meu olhar na direção dele e, rindo, questionei: — Estamos no dia um ou no dia cento e um?

— Eu não sei, mas se estivermos no dia um, eu acho melhor a gente parar de contar... — Erick voltou os seus olhos claros em minha direção. — Ou eu corro o risco de você me largar de novo no centésimo... E debaixo de chuva!

Eu o fuzilei com o meu olhar.

— Eu fui atrás de você, seu cretino! — argumentei enquanto continuava a rir. — Só que eu cheguei um pouquinho atrasada... Você sempre soube que sou péssima com horários. — Antes que o homem ao meu lado pudesse contra-argumentar, completei: — Ou seja, a culpa de tudo isso é sua, porque foi embora antes da hora e me obrigou a vir até aqui atrás de você.

— Olha que eu ainda posso voltar, entrar naquele carro e te deixar aqui — brincou ele, lançando-me um olhar que fez com que eu sorrisse de forma automática.

E, então, eu me lembrei de uma coisa e interrompi os meus passos, parando no meio do caminho.

— O que fo...

— Eu amo você — disse a ele, livrando-me daquele peso na consciência por não ter dito enquanto tinha chance. — Eu demorei bastante pra me dar conta disso, mas aconteceu e eu precisava falar.

Ele sorriu, fazendo com que eu me sentisse boba e extremamente melosa por dizer aquilo.

— Hmmm, que bonitinho! — debochou ele, puxando-me para um abraço. Ele beijou o meu pescoço e subiu com a trilha de beijos até a minha orelha, onde sussurrou: — Eu amo você também, mais do que qualquer outra coisa...

Nós nos afastamos, ambos sem graça e continuamos caminhando em direção ao portão.

E, dessa vez, foi Erick quem parou.

— O controle do portão tá lá no carro — disse ele, fazendo com que eu olhasse para trás, observando o tanto que teríamos que andar de volta.

— Você vai voltar sozinho — disse, ainda não acreditando que em nenhum momento o idiota não se lembrou de que precisaria do controle. — Ninguém mandou você bancar o besta.

— Essa é a mesma mulher que acabou de dizer que me ama? — retrucou Marinho, puxando-me pelo braço e me arrastando junto com ele na direção do conversível. — Vai voltar sim e sem reclamar.

Juntei um pouco mais os nossos corpos e beijei o braço dele, sentindo o aroma de seu perfume.

E, naquele instante, enquanto nós caminhávamos de volta ao carro dele, eu não estava questionando se a nossa relação terminaria no dia seguinte ou se envelheceríamos juntos. Eu não estava tentando prever o que aconteceria e nem enxergando aquilo tínhamos como algo que possuía uma data de validade — fadado ao fracasso.

Eu não tinha ideia se o nosso “*final feliz*” envolveria um casamento e um monte de crianças gritando pelos nossos nomes, não sabia se nós conseguiríamos estragar tudo antes da hora — eu com as minhas dúvidas e ele com o seu

controle obsessivo —, não tinha noção de quais seriam as notas musicais quem iriam compor o nosso futuro.

Mas eu não precisava saber de nada disso.

Tudo o que importava, era que havíamos ganhado um novo começo.

Epílogo

DIA INDEFINIDO

Em um determinado momento, ele deixou de numerar os dias em que passou ao lado dela.

Dessa forma, Erick não tinha ideia do número exato em que Jéssica lhe deu “o toque”, informando-o de que estava pronta para dar um novo passo na relação que compartilhavam. Talvez fosse o trezentos e vinte e cinco, mas ele não tinha certeza, assim como também estava em dúvida sobre o momento em que abriram a quinta lanchonete, aumentando mais um pouco a franquia “*Lancaster*”.

Marinho também não sabia o número do dia do casamento, mas lembrava-se perfeitamente de tudo o que havia acontecido.

Ele nunca esqueceria um único detalhe.

Lembrava-se claramente de toda a pressão que sentiu ao passar por um momento como aquele outra vez. Mas, diferente de como foi com Victória — a sua antiga esposa —, ele não sentia coisas como dúvida e hesitação — nem o medo aterrorizante de estar cometendo o maior erro de sua vida. Erick tinha certeza absoluta de que ele queria e precisava dela, tanto quanto precisava de ar para sobreviver.

Ainda que já tivesse casado na igreja — o que, infelizmente, impossibilitou um segundo casamento —, ele quis uma cerimônia convencional em que pudesse ver Jéssica vestida de branco, caminhando em sua direção, como um verdadeiro anjo.

Depois de muita insistência, a noiva decidiu que aceitaria o pedido dele, contanto que se tratasse de algo bem discreto, sem todo o exagero que o seu dinheiro poderia proporcionar. E, para a surpresa do noivo, Jéssica possuía a ideia perfeita para o dia, algo que a mente limitada dele nunca teria pensado.

Segundo ela, não existia um lugar no mundo melhor do que a casa de campo, a casa que ele sempre visitava com a família durante a infância. Tratava-se também, de acordo com Jéssica, do lugar em que ela teve certeza de que o amava, o mesmo em que se reconciliaram anos mais tarde, após a briga que ele pensou ter ceifado o futuro deles.

E enquanto o homem que já havia sido conhecido como o cara dos “*métodos estranhos*” estava em pé, parado, esperando a mulher de sua vida aparecer, tornou a sentir a mesma angústia que vivenciou no centésimo dia, quando a loira o abandonou na praça, embaixo de toda aquela chuva.

Durante a espera que parecia nunca ter fim, ele sentiu-se molhado, embriagado pelo cheiro das rosas despedaçadas que havia segurado com força no dia em que pensou tê-la perdido para sempre.

E essa sensação foi o suficiente para que Erick começasse a suar frio enquanto mantinha os seus olhos esmeralda bem abertos, ansiando pelo momento em que ela finalmente apareceria, destruindo todas as vozes irritantes em sua mente, vozes que gritavam em um coro “*ela não vem!*”.

No instante em que Jéssica surgiu — colocando um fim em quaisquer outras dúvidas que poderiam restar —, ele não conseguiu se controlar e sorriu animado, observando o buquê de rosas vermelhas que ela segurava, cuja flor simbolizava o amor deles, que sempre foi intenso e ardente, até mesmo nos momentos mais sombrios.

Ela — que já havia sido “Sabrina Lancaster” — estava linda naquele vestido, tornando-o o homem mais orgulhoso do mundo por ter o privilégio de chamá-la de sua.

E enquanto ela caminhava lentamente na direção dele, Marinho constatou uma vez mais que ele, definitivamente, não a merecia. E isso só lhe dava ainda mais ânimo para se transformar no homem ideal, em alguém que estivesse à altura dela.

Somente a presença de Jéssica já provava que ela estava mesmo disposta a seguir com aquilo, que ela o havia escolhido; assim como Erick havia feito quando colocou os pés naquela praça pela primeira vez, minutos antes de propor os “*cem dias*”, um acordo que ele nunca pensou que a loira aceitaria — e nem que acabaria dando tão certo no final.

Ele tinha consciência de que nem todos os dias ao lado dela seriam perfeitos. Até porque, antes mesmo do casamento, vivenciou alguns em que a loira pareceu ter se esquecido da promessa que havia feito — a de “*não surtar, terminando tudo*” —, entretanto eles sempre se acertavam depois de uma conversa que tinha como consequência uma noite bem quente.

Existiam dias em que todas as coisas pareciam estar desmoronando. Esses dias sempre pareciam pesados demais para que ele pudesse carregar. Contudo, ainda assim, ele não deixaria de viver nenhum deles, pelo simples fato de estar com ela.

E instantes antes de avançar na direção da noiva, beijando-a na frente a todos os seus convidados — selando aquele casamento —, ele soube o motivo de, constantemente, perder a conta dos dias, o real motivo pelo qual parou de numerá-los.

Erick não suportava a ideia de imaginar um “*final*”, o maldito número que marcaria o último dia deles. Na mente do executivo, o “*indefinido*” era uma espécie de “*para sempre*”. Se ele não numerasse, todos os dias ao lado dela seriam como o primeiro.

Todo dia seria um novo começo.

FIM.

Conheça os Meus Outros Trabalhos

A Garota do Bilionário

Ela tem um preço.

Ele está disposto a pagar.

Sabrina Lancaster é uma das acompanhantes de luxo mais requisitadas do "mercado". Imune a qualquer tipo de paixão, o seu único objetivo é tirar o máximo de dinheiro dos clientes de sua lista — ou, como ela costuma dizer, ser muito bem recompensada pelo serviço de qualidade que oferece a eles.

A mulher extremamente confiante e autossuficiente, que nunca acreditou em amor — ou qualquer outra coisa parecida com isso —, tem a sua vida completamente abalada quando um homem poderoso e sedutor cruza o seu caminho e faz com que antigas memórias retornem do fundo de sua mente. Ele, o seu novo cliente — conhecido como "Marinho" — é um homem complicado e misterioso, com "métodos estranhos", envolvendo dominação. E o que ela ainda não sabe, é que o CEO não medirá esforços para comprá-la.

"A Garota do Bilionário" é o primeiro volume da trilogia "Acompanhante de Luxo". Embarque nessa história erótica e envolvente, que tem tudo para te conquistar.

Adquira o livro na Amazon [clikando aqui](#)

Operação CEO

Capítulo 01 — De Volta ao Lar

Ainda bastante hesitante com toda a ideia de voltar para aquela parte do meu passado — uma que não costumava visitar nem mesmo nos meus pensamentos —, eu dei dois passos e três batidas na porta de Bia.

E, então, o meu estômago se revirou enquanto esperava para ser atendida.

Fiquei ainda mais nervosa do que eu já estava há alguns segundos, quando precisei convencer o porteiro a me deixar entrar no prédio. Não foi muito difícil enrolá-lo, o ganhei com a péssima desculpa de que queria fazer uma grande surpresa para a minha amiga e se ele avisasse que eu estava subindo, automaticamente, estragaria tudo.

Em um primeiro momento, ele barrou a minha entrada, dizendo que isso lhe daria problemas e mais um monte de coisa que eu não fiz questão de ouvir. Mas tudo o que eu precisei fazer, foi inclinar um pouquinho o meu corpo, deixando-o encarar o decote da minha blusinha e, como em um passo de magia, ele me deixou entrar.

E esse era o grande problema com os homens.

Eles não costumavam pensar muito com a cabeça de cima — pelo menos, não quando a de baixo se “animava”.

Nunca fui do tipo orgulhosa e envergonhada — definitivamente, isso não combinava muito comigo —, mas quando se tratava de Bianca — talvez a única pessoa com quem eu realmente me importava —, as coisas mudavam completamente.

E, de repente, eu já estava me odiando por incomodá-la e tornar a ser um encosto em sua vida, que já era bastante complicada sem a minha presença e influência — nem um pouco positiva.

Quando a porta escura finalmente se abriu, a primeira coisa que a minha amiga olhou, não foram os meus olhos verdes, nem mesmo os meus lábios avermelhados — o que ela mais invejava em mim, com exceção do meu peso, segundo a própria — e tampouco os fios dourados muito bem hidratados em minha cabeça.

Bianca encarava as duas malas que estavam aos meus pés.

Certamente, ela já devia imaginar o que eu estava fazendo ali — e quem não imaginaria? —, tão tarde e daquela maneira, com todas aquelas coisas a

minha volta, como se eu estivesse gritando que precisava de um lugar para ficar.

Mas o que eu poderia fazer? Sempre fui uma pessoa muito previsível.

— Oi... — Bianca disse, aparentemente, surpresa em me ver, o que fez com que aquela desculpa que eu havia inventado para entrar no prédio se tornasse uma espécie de meia verdade.

Depois de alguns segundos em silêncio, ela deu dois passos para trás e terminou de abrir a porta, dando-me espaço suficiente para entrar, antes de prosseguir, dizendo: — en... entre!

— Como você está? — perguntei, antes de abraçá-la com força.

Voltei o meu olhar em direção ao seu corpo e notei que, provavelmente, ela havia engordado mais um pouco desde a última vez em que nos vimos.

— Nossa, você está tão diferente... mais magra?

A morena a minha frente me lançou um olhar cético, antes de responder: — mais magra? Olha, Vanessa, você já foi bem melhor do que isso!

— Mas você não emagreceu? — insisti, fingindo estar surpresa pela negativa. — Eu juro que tive essa impressão quando você abriu aquela porta.

Ela deixou escapar um riso sarcástico, respondendo: — vai se ferrar... e, que fique bem claro, eu só vou te deixar ficar aqui porque não vou conseguir te expulsar.

— O.K — concordei com a sua visão das coisas.

Ela realmente não conseguiria me expulsar.

Levantei o dedo indicador, roubando novamente a sua atenção.

— Tem um táxi parado lá na rua e eu meio que disse pro cara que você pagaria a corrida quando chegássemos aqui...

Depois de me lançar mais um olhar incrédulo, Bianca caminhou até a mesa, pegou a sua carteira cor de rosa e deixou o apartamento apressada.

Nesse meio tempo, sentei-me no sofá marrom da sala e me odiei novamente por ter voltado para aquele lugar, o maldito e pequeno “apartamento” — o mesmo que jurei nunca mais precisar.

Infelizmente, o universo não estava sendo muito generoso comigo.

Tudo bem, talvez não fosse culpa do universo.

No entanto, eu precisava culpar alguém que não fosse eu mesma, pois não aguentaria carregar ainda mais culpa — provavelmente, a única coisa que eu já havia conseguido na vida por mérito próprio.

— Agora, me conte tudo... o que aconteceu com você? — questionou Bianca quando retornou.

Não respondi, deixei com que ela se sentasse no sofá primeiro.

Eu não queria que a minha amiga corresse o risco de desabar com o meu relato.

— Brigas no paraíso?

Paraíso?

Estava mais para uma espécie de inferno.

Um em que eu havia reinado como o demônio.

— Não deu muito certo com o Roberto — respondi, limitando-me a poucas palavras. Mas o olhar de Bia tornou a queimar o meu rosto, forçando-me a prosseguir, revelando mais detalhes: — eu... droga... ele me pegou beijando o Jean.

— E quem é Jean? — indagou ela.

Suspirei fundo e, de maneira ainda hesitante, respondi a sua pergunta com uma voz baixa, como se estivesse lhe contando um segredo: — o irmão dele.

— Droga!

Realmente, uma grande “*droga!*”.

A cena só não foi cômica, porque meu ex-namorado começou a chorar na nossa frente.

Ele não tentou bater no irmão, não tentou me ofender com palavras — que eu merecia muito ouvir —, simplesmente, nos encarou e os seus grandes olhos castanhos encheram-se de lágrimas.

Não havia sido a primeira vez que eu o traí com o seu irmão — ou com outro cara mais interessante do que ele, o que não era muito difícil de encontrar, diga-se de passagem —, mas aquela foi a primeira em que eu realmente me senti culpada por isso.

Naquele instante, eu me senti, de alguma maneira, suja e não digna da pessoa que nos observava — completamente destroçada com a terrível cena.

E, estranhamente, eu realmente me odiei por alguns poucos segundos — o que, sem dúvida alguma, era algo inédito na minha vida.

Só não fiquei mais triste com tudo o que aconteceu, porque eu não o amava o suficiente para algo assim. Toda a minha culpa e dor limitou-se a aquele momento em que o observei chorar, decepcionado ao descobrir o meu

segredinho.

No fundo, eu estava mais triste porque precisei deixar o seu apartamento e devolver os seus cartões de créditos — incluindo o dourado com bastante limite. Mas eu ainda tive sorte por ele não querer pegar de volta alguns dos presentes caros que me deu durante o tempo em que passamos juntos.

Todo o luxo e conforto que eu tinha, desapareceu, junto com a última lagrima que Roberto deixou cair.

Não, eu não era uma monstra, era apenas uma pessoa completamente entediada com o namoro e que encontrou algo mais divertido para fazer — com o irmão dele, por sinal.

E, não, eu não me arrependia.

— Você não se arrepende?

Eu nunca havia visto a minha amiga tão chocada com algo que havia saído da minha boca, foi como se ela não reconhecesse a pessoa a sua frente, o que era bem irônico.

— Não foi uma traição qualquer, Vanessa, foi uma traição dupla!

Esforcei-me para tentar fazê-la ver da mesma forma que eu enxergava tudo: — se eu não tivesse traído ele, continuaria lá, completamente entediada com a vida de merda que estávamos levando. Eu sei que não deveria ter traído ele, que deveria ter terminado o nosso namoro e blá blá blá, mas estar com ele era cômodo... tipo uma cama confortável que você não quer deixar pela manhã, mesmo sabendo que em um determinado momento terá que levantar.

— E quanto a esse Jean?

Balancei a cabeça, negando também.

— Ele foi só uma distração boba... algo sem muita importância.

Não, eu não era uma sociopata — pelo menos, achava que não.

Afinal, não devia existir um teste de farmácia pra isso, não é?

A verdade era que eu não tinha uma desculpa boa o bastante para justificar os meus atos e também não queria inventar uma, tornando-me uma espécie de vítima.

Eu, definitivamente, também não era uma vítima.

E aceitava bem o fato de ter machucado Roberto, não precisava do olhar de desaprovação de Bianca para me dar conta disso.

— Eu, provavelmente, já te disse isso, mas vou repetir... Você é uma vaca desalmada! — concluiu a minha amiga, antes de se levantar para me abraçar.

Depois do nosso breve abraço, ela sussurrou: — mesmo assim, eu confesso que senti a sua falta... mas só um pouquinho.

Antes que eu pudesse responder que também senti a dela, Bia completou: — só não vá achando que eu vou te sustentar agora, garota.

Não pude deixar de rir com as suas palavras.

— Você... me sustentar? O meu estilo de vida é caro demais pra você bancar, querida — respondi, como se realmente tivesse ficado ofendida com a sua frase. — Você não conseguiria nem se tentasse.

— Ótimo então, querida! — retrucou ela, com um olhar que eu conhecia muito bem.

A minha amiga, com toda a certeza, me irritaria muito com a sua próxima frase.

— Amanhã você irá trabalhar comigo na Leal, eles estão precisando de uma pessoa nova por lá.

Bianca trabalhava de secretária em uma grande organização, Leal Corp, uma das maiores empresas que ofereciam serviço de previdência privada no Brasil — e também presente em vários outros países.

E, por algum motivo — um bem estranho —, ela adorava o trabalho, mesmo sendo completamente insuportável, do tipo que a obrigava ficar sentada em uma mesa pequena atendendo telefone o dia inteiro.

Eu tinha quase certeza que esse cargo era um dos maiores culpados pelos seus quilinhos a mais — depois de todos aqueles venenos que ela consumia como comida, claro.

Afinal, ficar sentada atendendo a vários telefonemas, não ajudava a queimar nenhuma caloria, não é mesmo?

Como eu já conhecia a sua reação — AKA “*você está me chamando de gorda?*”, somado a uma expressão histérica estampada no rosto —, optei por guardar essa teoria somente para mim.

— Eu como secretária? Sem chance! — respondi de imediato, ainda não acreditando no que ela estava me propondo.

Eu era uma pessoa refinada demais para um cargo tão medíocre.

— Caso você tenha se esquecido, eu sou formada em Marketing, não posso sair aceitando qualquer tipo de emprego, amiga... Isso aí faz uma mancha irreversível no nosso currículo. Imagina eu, Vanessa Waller, atendendo telefone o dia inteiro? Não mesmo!

— Secretária? Não, amiga — explicou Bia, segurando-se para não começar a rir, o que já me deixou bem nervosa e apreensiva para as suas próximas palavras. — A vaga disponível é pra copeira, o que é bom, já que você não vai precisar atender telefone nenhum... só vai fazer e servir café.

Capítulo 02 — Novos Dias, Novos Problemas

— Não, não precisa! Eu vou encontrar alguma coisa na minha área mesmo — respondi, mais uma vez, tentando convencê-la de que servir cafezinho na Leal Corp não combinava muito com uma mulher do meu nível. — Eu sou formada...

Quase virei a noite tentando colocar na cabeça dela que eu, Vanessa Waller, não tinha perfil para esse tipo de função e que, obviamente, mancharia o meu currículo. Depois que eles — os meus possíveis futuros chefes — descobrissem que eu havia passado um tempo servindo cafezinho, não me contratariam para mais nada importante.

No entanto, Bianca parecia não compreender, era como se não estivéssemos conversando no mesmo idioma. Ela só sabia repetir “*sem contribuir com as contas, você não vai ficar aqui*”, como um papagaio de pirata irritante.

E mesmo na manhã seguinte, ela continuava com o mesmo papo.

— Você está desempregada e sem dinheiro — interrompeu-me ela, jogando, desnecessariamente, mais um pouco de verdade na minha cara. Depois de alguns segundos, ela tornou a agir como um disco riscado: — sem contribuir com as contas, você...

— Não vai ficar — completei, devolvendo a interrupção. Respirei fundo, controlando-me, antes de prosseguir: — eu já saquei, flor. E, só pra que fique claro, você não precisa me lembrar de que eu não tenho uma casa ou dinheiro, os zeros em minha conta já dão conta do recado... O Itaú mostra o meu saldo bancário pelo aplicativo de celular.

Bianca não precisou dizer mais nenhuma palavra — incluindo aquelas que formavam a frase “*sem contribuir com as contas, você não vai ficar aqui*”.

Aparentemente, eu estava prestes a me tornar a mulher do cafezinho — o que, certamente, era uma grande piada de mau gosto.

— O universo me odeia — constatei outro fato bem evidente, já conformada com todo aquele carma que me cercava.

Ao me ouvir sussurrar isso, Bia se virou, voltando o seu olhar e sorriso sarcástico em minha direção: — com mais de sete bilhões de pessoas na terra, você acha mesmo que o universo perderia o tempo dele para focar em você, uma vaca egoísta, desempregada e sem um tostão? Ah, querida, por favor, você não é tão importante assim. — Ela não conseguiu continuar segurando a risada e entre

uma gargalhada e outra, completou: — agora, se arrume, pois, no meu mundo, as pessoas costumam sair de casa cedo.

Foi quase como se ela dissesse “*agora você vai aprender a ralar de verdade, vadia*”.

No entanto, ela estava se esquecendo de que eu já havia passado por coisas ainda mais duras do que “*sair de casa cedo*” ou, simplesmente, servir um pouco de café.

De qualquer forma, eu merecia suas palavras e até mesmo o seu ódio. Era natural Bianca estar com raiva por eu tê-la procurado somente quando precisava de ajuda.

A essa altura do campeonato, ela não deveria se surpreender com nada do que partisse de mim.

Não tentei discutir mais.

Retornei ao meu antigo quarto, onde havia deixado as minhas malas e peguei algumas peças de roupa, antes de seguir até o banheiro para me arrumar para o meu primeiro dia de trabalho — algo que não acontecia em um longo período de tempo.

Eu já não conseguia nem me lembrar de quando havia sido a última vez em que trabalhei de verdade.

Roberto possuía um restaurante no centro da cidade, mas eu nunca realmente trabalhei lá. Quando ia até o “*Cheirinho do Campo*” — sim, o nome era ridículo, lembro-me até de comentar isso com ele diversas vezes —, era pra jantar com alguma amiga ou escapar do tédio que seria passar parte da noite sozinha em nosso apartamento.

Depois que terminei de me arrumar, encarei o meu reflexo no espelho e tentei sorrir, pensando nas coisas boas que ainda me restavam.

Se eu fizesse uma listinha, estariam os seguintes itens:

- * *Rosto de Barbie versão fashion.*
- * *Cabelo loiro maravilhoso, extremamente bem cuidado.*
- * *Corpo magro, com todo o peso muito bem distribuído.*

Em um resumo, eu ainda era uma mulher “*linda, loira e magra*”. Não tinha motivos para não estar com um grande sorriso no rosto, deixando-o ainda mais belo do que ele já era.

— Eu acho que estou pronta — gritei, ao deixar o banheiro.

Encontrei a minha amiga na sala e, pelo seu olhar, eu realmente devia

estar linda.

Passei a mão em minhas madeixas douradas, enquanto a encarava.

— Vamos?

Bianca continuou me olhando, analisando-me dos pés a cabeça, como se eu fosse uma espécie de mercadoria. Mas, por algum motivo, esse olhar não estava mais parecendo ser um dos “bons”, como cogitei anteriormente.

Depois de mais alguns segundos me secando, ela começou a rir, debochando: — estamos indo para o trabalho e não para o bailão do seu João.

Ignorei a sua frase sarcástica — que, provavelmente, era apenas inveja por não caber em minha blusinha — e peguei a minha bolsa azulada, que acrescentou ainda mais para o meu *look* incrível.

— Quem vem te buscar? — questionei, fingindo interesse quanto ao modo que ela ia para o trabalho.

— Ninguém... — respondeu Bia, como se aquele fato fosse óbvio. — Eu vou de ônibus, como qualquer outra pessoa.

Foi como um tapa bem forte na minha cara.

— Ônibus?

Eu estava mesmo ferrada.

Capítulo 03 — A Mulher do Cafezinho

A triste realidade era que eu não tinha nem ideia da tortura que seria voltar a andar com o maravilhoso — só que não — transporte público.

Mas eu logo descobri.

E realmente era bastante complicado.

Pegamos um ônibus biarticulado vermelho, completamente lotado, não tínhamos nem mesmo espaço para apoiar uma das mãos. Mas, ainda sim, nem havia perigo de cairmos. O ônibus estava tão cheio que as pessoas ficavam empilhadas, lado a lado, espremidas, sem espaço no chão até para cair.

Infelizmente, eu ainda nem havia chegado na pior parte do relato — quando o ônibus realmente começou a se movimentar, torturando-me com o passeio até a Leal Corp.

Conforme ele se mexia e toda a sua estrutura balançava, empurrando-nos uns em cima dos outros, eu tinha a impressão de que parecíamos animais, um simples bando de gado sendo transportado para uma fazenda qualquer.

O motorista, com toda a certeza, também devia achar isso — para dirigir daquela forma, com toda a lotação do veículo.

Eu não havia nascido para isso e se desconfiasse do que aconteceria, certamente, teria me empurrado lá pra dentro do útero de volta, recusando a vida miserável que me esperava do lado de fora — pelo menos, até que a situação financeira dos meus futuros pais fosse maravilhosa. O meu primeiro choro seria uma espécie de “*eu não sou obrigada*”.

Quando o ônibus estacionou em um tubo grande, questionei Bianca, perguntando se nós já estávamos perto do prédio em que ela trabalhava.

Ela respondeu com um curto e seco “*não, não chegamos*”.

E, de repente, eu havia me tornado o burro do *Shrek*, perguntando a todo instante, “*a gente já chegou?*”.

Em oitenta por cento do tempo, confesso que só fiz a pergunta para irritá-la.

O fato é que quando nós finalmente chegamos, eu fiquei surpresa com o tamanho da empresa, era enorme, muito diferente da corporação que imaginei. E Bianca me disse que esse era apenas um dos vários prédios que a empresa possuía espalhados por todo o mundo.

Nosso trabalho era o terceiro andar, mas Bianca me contou que, muito

em breve, ela seria promovida e passaria a trabalhar no sétimo, como a secretária do CEO, Bryan “*alguma coisa que não consegui compreender muito bem*”.

Ela não era muito ambiciosa, qualquer promoçãozinha boba parecia ser a melhor coisa do universo.

Eu não conseguia compreender.

Fiquei na mesa de Bianca enquanto ela foi tentar convencer a sua supervisora a me contratar. Sentei em sua cadeira — que não era muito confortável — e, como não tinha mais nada de interessante para fazer, eu comecei a girar nela, como uma criança de cinco anos de idade.

Mas fui completamente interrompida por um furacão que se aproximou rapidamente, levando tudo o que encontrava pela frente — incluindo a minha atenção.

Ele era alto, loiro, com um terno bonito — Armani? —, barba bem feita e parecia desfilar em minha direção. Sem dúvida, era o cara mais gato que eu havia visto no dia — e talvez o que tinha mais grana também, o que somava mais alguns pontos.

No mesmo instante, eu me levantei da cadeira, endireitei o meu corpo rapidamente, empurrei o meu busto para frente, tentando deixar os meus seios maiores do que eles realmente eram e sorri, esperando ele passar por mim e ficar maravilhado com a minha beleza.

Ele passou, mas foi como se eu não estivesse ali, toda maravilhosa, encarando-o com um olhar de desejo. Nunca havia sido tão ignorada por um homem — aparentemente, heterossexual — antes.

E para alguém tão incrível como eu, isso era inadmissível, quase uma ofensa.

Talvez ele realmente fosse gay ou tinha sérios problemas de visão. Essas eram as únicas justificativas para o que havia acabado de acontecer, eu não conseguia pensar em mais nada.

— Conseguimos — gritou Bianca, mais animada do que eu com a minha contratação.

Fiz uma careta de frustração, pois, no fundo, estava com esperanças de me dispensarem com um “*eu sinto muito, mas não estamos contratando no momento*”.

No entanto, dessa vez, nem mesmo a crise no país estava do meu lado.

— Ah, qual é? Não vai ser tão ruim trabalhar no mesmo lugar que eu.

Mesmo duvidando muito disso, optei por mudar de assunto, comentando sobre algo que me interessava mais do que o meu novo emprego na Leal.

— Quem é o loiro delícia?

Instantaneamente, ela me lançou o seu olhar de “*não... nem pense nisso*”.

— Bryan... O CEO e... Não, ele não é para o seu bico, Vanessa — respondeu ela, não me convencendo com aquelas palavras desencorajadoras. — E, de qualquer forma, ele acabou de terminar um namoro agora... não deve estar querendo um novo relacionamento tão cedo.

Só forcei um sorriso, pensativa.

Bianca não tentou levantar o seu braço gordinho para mim, enquanto me julgava por algo que eu ainda nem havia feito. Em vez disso, ela me acompanhou até uma dispensa, onde eu, supostamente, deveria fazer o café — outra coisa em que eu era péssima.

— Não se preocupe, vou fazer o café hoje. — Após eu concordar sorridente com a cabeça, ela completou, arrancando o sorriso do meu rosto sem nenhuma piedade: — mas não se acostuma, quando estivermos em casa, eu te ensinarei a fazer isso sozinha.

Depois de pronto, eu fiquei encarregada de limpar a bagunça e servi-lo em algumas salas.

Estranhamente, a parte mais fácil foi lavar a louça e limpar a pequena pia.

Se há duas semanas alguém me contasse que eu molharia as minhas mãos lindas na água fria, lavando uma louça nojenta, eu não acreditaria.

Responderia com um “*eu, Vanessa Waller, lavando louça suja? Sem chance, amada!*”.

Infelizmente, a era “*Empreguete*” chega para todo mundo.

No entanto, difícil mesmo foi entrar nas salas e servir para um monte de gente mal encarada, com expressões de superioridade estampadas no rosto. Para completar a peça “*a escrava do café*”, obrigaram-me a usar um avental azul quadriculado, completamente fora de moda.

Em relação aos olhares, eu confesso que no rosto de algumas mulheres, me reconheci, encarando eu mesma de frente, em minha versão mais arrogante. Mas nos de alguns homens, fiquei enjoada ao notar a maneira com que me olhavam, cheios de desejos.

Eu imaginava exatamente o que muitos deles deviam estar pensando. Os

seus olhos tagarelas contavam-me mais a cada movimento em direção aos meus seios.

Sempre gostei de ser desejada, adorava estar presente na mente de homens poderosos — como o CEO que me ignorou mais cedo. Mas não daquela forma, como a empregadinha do café. Eu queria ser vista como a mulher incrível que eu era e não por uma fantasia de “*mulher do cafezinho servindo o patrão*” de um homem casado e, provavelmente, frustrado com o próprio relacionamento.

Eu era boa demais pra algo assim.

Mas talvez eu já estivesse morta, vivendo em uma espécie de purgatório, devido ao meu grande saldo de pecados — o que, por um lado, até fazia certo sentido.

Eu não sabia se realmente era isso, mas se fosse, tinha que dar os parabéns ao Diabo, que estava sendo bem criativo com a minha punição.

O dia foi longo e eu não tornei a ver o loiro delícia pelos corredores novamente, tampouco algum outro homem do nível dele — um em que eu realmente adoraria ser encarada com olhares carregados de desejo e malícia.

Tudo o que eu fiz foi limpar, servir café e limpar de novo.

Foi extremamente longo e exaustivo.

Sempre que eu fazia uma careta ou alguma expressão de desânimo, a minha amiga me lançava um olhar de “*bem vinda à realidade, fofa*”, como se eu já não tivesse experimentado disso antes — como se não tivéssemos passado por coisas muito piores juntas, ainda em nossa infância.

Eu não suportava nem lembrar, porém, já havia vivido de maneira ainda pior no orfanato e em algumas casas de casais que me adotaram e, logo em seguida, descartaram-me, como se eu fosse um produto defeituoso.

O fato de eu não gostar de determinada coisa, não significava que eu não era capaz de fazê-la com perfeição.

E eu realmente fiz, não deixando nenhuma brecha para comentários negativos em relação ao trabalho desempenhado durante o dia. Devia muito disso a minha ótima capacidade de disfarçar minhas expressões faciais.

Quando o relógio marcou dezoito horas, fiquei até aliviada. Nunca havia estado tão feliz pela chegada de um determinado horário.

— Vamos embora?

— Pensei que nunca fosse perguntar — respondi prontamente, com um

enorme sorriso no rosto, como se nem precisasse voltar no dia seguinte.

Essa minha felicidade durou até eu me dar conta de que nós duas precisaríamos pegar o ônibus para voltar ao apartamento.

Como eu já estava imaginando, foi aquela mesma tortura de cedo.

Várias pessoas amontoadas em muito pouco espaço.

A diferença era que, pela manhã, essas mesmas pessoas estavam limpinhas e cheirosas, já no período da tarde, todo mundo estava fedendo suor — e outras coisas que, graças a Deus, eu não pude identificar — e cansadas, escorando-se em você.

Nunca fiquei tão feliz em ver aquele apartamento minúsculo antes. Depois do dia exaustivo que tive, não o chamaria mais de “*apartamento*”.

Adquira o livro e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

Marido de Aluguel

Prólogo

Eu cresci ouvindo que o maior sonho de uma mulher — ao menos, da maior parte delas — era, definitivamente, ter o casamento perfeito — com o homem perfeito —, no entanto, a única coisa que eu almejava era o cargo de editora chefe na revista Global, o que me tornava totalmente estranha, de acordo com a sociedade.

Mas talvez eu fosse mesmo estranha e isso nunca foi um problema pra mim. Pelo menos, até a manhã daquela segunda-feira, no momento em que o meu supervisor se colocou à minha frente e cuspiu todas aquelas palavras na minha cara.

— O que você disse? — perguntei a ele, ainda não acreditando naquela grande bobagem que havia saído da sua boca. Respirei fundo, tentando manter a calma, enquanto o meu olhar continuava fuzilando o centro do seu rosto, sem me importar com o que ele pudesse fazer. Quando percebi que ele não iria repetir, tornei a falar. — Você não pode estar falando sério.

Ele levantou as mãos, rendendo-se a mim.

— Você é, sem dúvida alguma, a melhor funcionária que eu já tive em anos nessa revista. Mas... mas eu tenho que ser sincero e te falar a verdade, aquilo que ninguém além de mim quer dizer. Gabriele, eles não vão te oferecer o meu cargo.

Naquele instante, tudo o que eu mais quis foi arrancar a cabeça de Gaspar com as minhas próprias mãos. Nunca pensei que pudesse chegar a odiar aquele idiota — não da maneira que eu o odiei naquele instante. Eu não conseguia me conformar com o fato de não ganhar aquilo que, por direito, deveria ser meu.

— Eu tentei... antes mesmo de eu me demitir, falei com Frederico e te indiquei para esse cargo, eu disse a ele que você era a melhor, a mais capacitada para me substituir. Mas tudo o que ele disse, foi que nunca daria um cargo assim para uma mulher... uma mulher solteira.

Era ridículo e totalmente injusto comigo, uma pessoa que passou anos se dedicando, esperando por aquele momento. E, quando ele finalmente chegava, tudo era arrancado dos meus braços com brutalidade. Não havia como compreender.

Eu não ganharia o cargo porque era uma mulher e, pior do que isso, sem um marido por trás da minha imagem, passando uma espécie de confiança para uma sociedade extremamente machista. Era como se eu não tivesse um valor, pelo menos, não sem um homem ao meu lado.

— Então, você está supondo que se eu fosse uma mulher casada, aquele machista me daria o cargo?

Gaspar riu, ainda encarando o meu rosto, antes de responder:

— Eu não estou supondo, estou afirmando. Você é perfeita para o cargo e Frederico não tem como ignorar isso. Mas sem uma aliança de casamento no dedo ou, no mínimo, a promessa de uma, ele não vai te promover.

Sentei-me na cadeira ao seu lado e encarei o piso branco, sem a mínima ideia do que responder a ele. Não foi nada fácil assistir a todas as minhas esperanças serem esmagadas daquela forma.

— Eu não sei o que dizer...

— Mas eu sei — disse ele, interrompendo-me. — Diga um “muito obrigado pela dica Gaspar, você é incrível”. Eu sei que você está namorando, só precisa convencer o cara a te propor em casamento e, cáí em entre nós, isso não vai ser tão difícil.

E, no fim das contas, Gaspar estava certo a respeito da proposta de casamento. Não seria nem um pouco difícil conseguir fazer o meu namorado me propor em casamento, seria completamente impossível pelo simples fato de ele, na verdade, ser gay.

O Homem Perfeito — Capítulo 1

Depois de um dia cansativo de trabalho, tudo o que eu mais gostava de fazer era chegar em casa e me sentar no sofá da sala, onde eu colocaria o notebook em meu colo e começaria a editar um artigo que escrevi para a revista. Um artigo que, infelizmente, não teria nem a chance de ser publicado, como de costume — pelo menos, até que eu assumisse o cargo de editora chefe. E, sim, escrever sobre coisas das quais eu não poderia publicar era totalmente deprimente, mas era o que eu gostava de fazer.

Durante toda a minha vida, eu sempre coloquei o meu trabalho na frente de todas as outras coisas existentes nela e os homens, definitivamente, não eram uma exceção. O meu plano sempre foi muito simples; eu deveria me dedicar ao meu trabalho na revista, àquilo que eu realmente gostava de fazer e, se eu seguisse por esse caminho, tudo daria certo para mim, contanto que eu não

colocasse nenhum homem como o centro do meu universo. E pensar que toda essa minha estratégia desmoronou tão fácil.

Entretanto — apesar de tudo —, existia um único homem que quase conseguia me dobrar. O meu namorado — como Gaspar havia lembrado bem — com toda a certeza era esse homem perfeito. Só existia um pequeno detalhe que contrariava toda essa sua perfeição.

No momento em que abri a porta da minha casa, eu fui contemplada com uma cena extraída do início de um pornô — um gay, por sinal —, uma cena em que um garoto beijava a boca de Eduardo — a pessoa que todos do meu trabalho conheciam como o meu namorado — em meu sofá. Eduardo não fez cerimônia para retribuir o beijo quente que havia acabado de receber. E, enquanto enfiava a sua língua na boca do outro garoto, ele agarrou o menino magrelo e o colocou em cima de seu colo, dominando-o completamente.

Sim, o meu namorado tinha um namorado.

Eduardo encarou o meu rosto e esticou os seus lábios em um sorriso mais que perfeito. Alguns segundos depois, o garoto em cima dele virou o seu pescoço e cumprimentou-me também, da mesma forma gentil que a pessoa a sua frente fizera.

— Vocês dois não transaram no meu sofá, não é? — perguntei a eles, torcendo para que a resposta fosse um enorme “é claro que não transamos”. Com o silêncio dos dois, eu obtive a minha resposta. — Incrível... mas eu vou logo avisando, se vocês mancharam alguma coisa, vão limpar com a língua.

Eduardo se limitou a continuar sorrindo. Por outro lado, Kauan — o garoto no colo de Eduardo — afastou-se do meu “namorado” e caminhou em minha direção, para um abraço forte e, infelizmente, inevitável. Eu poderia muito bem acrescentar um “forçado” na descrição do abraço.

— Eu já estava até com saudades – disse ele, ainda me abraçando, como se eu fosse a sua pessoa preferida no universo, o que era uma completa mentira. Antes de se afastar, Kauan completou, mantendo a sua falsidade em um nível bem alto: — eu espero que você não se importe por eu ficar aqui essa noite.

— A casa é sua — respondi, no momento em que ele se afastou de mim, também com o modo “falsiane” ligado. – E saiba que pode ficar o tempo que quiser. Você é sempre bem-vindo aqui em casa.

Por mais que não aparentasse, eu não era a dona do apartamento. A pessoa que havia comprado o apartamento e todas as outras coisas dentro dele não era eu, mas Eduardo. Foi ele quem me convidou para morar ali e não o

contrário, o que significava que, na verdade, o namorado dele possuía muito mais poder dentro daquela casa do que eu.

O meu melhor amigo levantou-se do sofá e caminhou em minha direção. Correção, Eduardo caminhou na direção do namorado dele e o abraçou por trás. Após beijar o pescoço de Kauan, ele finalmente voltou o seu olhar para mim e encarou-me por alguns segundos, com uma expressão de paisagem, enquanto me analisava.

— Você está muito estranha hoje — observou ele, rapidamente. Edu franziu a testa e continuou queimando o meu rosto com o seu olhar. Não demorou muito para que ele perguntasse: — aconteceu alguma coisa que eu deva saber?

Ele, definitivamente, era a pessoa que mais me conhecia em todo o universo. Se colocassem Eduardo de um lado e a minha mãe biológica de outro, em um programa de perguntas e respostas sobre mim — um De Frente Com Gabriele, dois ponto zero —, Eduardo ganharia sem nem se esforçar. Mas não que a minha mãe fosse concordar em participar de um programa em que ela não fosse à atração principal.

— Eu... eu acho que preciso me casar, Edu — disse a ele, em um tom sério, com o olhar fixo em seus olhos castanhos claros. Com um nó enorme na garganta, continuei a falar: — eu não acredito que vou dizer isso, mas eu preciso que você se case comigo.

Respirei fundo e continuei sustentando o meu olhar em sua direção, enquanto esperava pela resposta do meu melhor amigo. Mas o que aconteceu em seguida foi completamente diferente daquilo que eu havia imaginado. Não houve nenhum abraço seguido por um “é claro que eu te ajudo, somos irmãos, não é?”.

— Mas é claro que precisamos nos casar, minha princesa — respondeu ele, não segurando a risada.

Edu gargalhava como se eu estivesse contando uma piada muito engraçada, do tipo que não envolvia gays ou loiras burras, coisas que afetavam a nós dois. Após ver que eu não havia compartilhado do seu humor e que a minha expressão continuou a mesma, Eduardo levantou as sobrancelhas, perguntando, totalmente surpreso:

— Você não está falando sério, não é? Gabriele Novais, por favor, me diga que não!

Ele se afastou muito antes de eu começar a explicar o quanto tudo aquilo era importante para mim, acabando com toda a minha estratégia dramática, algo do tipo “eu pensei que fôssemos irmãos, mas tudo bem. Eu... eu

me viro”. No entanto, Eduardo não queria saber dos detalhes, estava mais do que claro que ele não toparia me pedir em casamento — não com o seu namoro em jogo. Dessa vez, era oficial, eu estava mesmo sozinha, de uma maneira que nunca estive antes — pelo menos, não antes de ele aparecer.

Com uma expressão nada legal estampada na face, Eduardo respondeu totalmente irritado: — essa nossa mentira já foi longe demais, Gabriele. — Ele disse aquelas palavras com o olhar focado o rosto de Kauan, como se precisasse se certificar de que o namorado ciumento estivesse ouvindo a cada uma de suas palavras. — Eu não quero e não posso mais me envolver em todas essas suas mentiras sem fim.

Sem mais cartas escondidas na manga, restava-me apenas um último truque, o meu olhar pidão ou, como eu gostava de chamar, o calcanhar de Aquiles para Eduardo — o mesmo que o convenceu a fingir ser o meu namorado para as pessoas do meu trabalho.

— Mas é o emprego dos meus sonhos — eu disse a ele, lentamente, usando aquele meu olhar bandido. Fiz uma careta de choro, enquanto fingia limpar uma lágrima com a manga da minha camisa. — Eu... eu não sei o que fazer, é o meu sonho, Eduardo.

— Mas e quanto aos meus sonhos? — questionou-me ele, voltando o olhar para mim. Após ouvi-lo falar daquela forma, eu soube que não havia mais o que eu pudesse fazer para mudar a sua opinião. O meu melhor amigo não salvaria a minha pele desta vez. — E quanto a minha felicidade, Gabriele? Como é que eu fico nessa história toda?

Kauan nem mesmo esperou o seu namorado terminar de falar e deixou a minha casa. E a atitude dele era totalmente compreensiva, uma vez que eu estava tentando me casar com a pessoa que ele, certamente, amava. Talvez — seu eu estivesse em seu lugar —, fizesse muito pior, pulando em cima do pescoço da amiga — vaca — egoísta e manipuladora.

Eu não odiava o namorado do meu melhor amigo e, bem no fundo, sabia que ele também não nutria um ódio mortal por mim. Mas não éramos amigos e nem mesmo podíamos nos considerar colegas. Eu era, simplesmente, a pessoa que ficava entre ele e o namorado. Eu era, definitivamente, aquilo que os afastava. Entretanto, talvez o que Kauan mais odiasse em mim fosse à preferência que o seu namorado sempre me daria. Mesmo depois de ele ter deixado o apartamento, Eduardo continuou comigo, esperando pelo que eu tinha para falar.

— Desculpe — eu disse, com o olhar voltado para o chão da sala.

Depois de alguns segundos em silêncio, criei coragem para continuar. — Gaspar me contou que eles não querem me dar o cargo pelo simples fato de eu ser uma mulher solteira, como se isso fosse algum tipo de doença contagiosa ou uma ficha criminal.

Caminhei em direção ao sofá e Eduardo me acompanhou, sentando-se ao meu lado. O meu amigo estava sem camisa, trajando apenas uma fina bermuda azulada. Uma das coisas mais lindas em Eduardo, sem dúvida alguma, era o seu abdome totalmente definido, onde os gominhos eram esculpidos perfeitamente. Coloquei a minha mão em cima da sua coxa e suspirei, enquanto virava o meu pescoço em sua direção.

Ele colocou a mão em cima da minha e continuamos sentados, em um silêncio profundo. Não havia uma maneira de ele me ajudar, não sem aceitar ser o meu noivo perfeito e isso, infelizmente, parecia estar totalmente fora de questão naquele instante.

— Kauan me deu um ultimato mais cedo, dizendo que eu deveria escolher entre você e ele. Acho que, no final das contas, ao ficar aqui, eu acabei escolhendo você.

Por mais que eu gostasse da ideia de ser a escolha de Eduardo, aquilo não era certo e nem mesmo uma pessoa egoísta como eu poderia ignorar. Então, eu fiz aquilo que deveria ter feito há muito tempo, mas que acabei não fazendo por medo de perdê-lo.

— Nós terminamos, oficialmente — eu disse, surpreendendo tanto a ele quanto a mim mesma. Ainda em um estado hesitante, completei: — eu não vou mais roubar a sua vida, nunca mais.

Ele ficou me encarando, como se estivesse esperando pelo momento em que eu desmentiria tudo, um momento que não aconteceu nos segundos seguintes e nem depois disso — por mais que eu quisesse desmentir e voltar atrás em toda aquela história.

— Não fique aqui me olhando, seu idiota. Vá atrás do seu garoto!

Plano B — Capítulo 2

A maior parte das pessoas teria um plano B, entretanto, tudo o que eu possuía era uma enorme dor na boca do meu estômago. Por mais que eu soubesse que Eduardo não aceitaria de primeira participar mais uma vez dos meus planos — diga-se de passagem —, bem no fundo, eu nutria esperanças de que ele fosse, eventualmente, ceder a toda a pressão acompanhada do drama que eu estava fazendo. Mas isso não aconteceu e, parte disso, era culpa minha, que o dispensei na noite anterior. Eu estava arrependida, por mais que tivesse feito à coisa certa para o meu amigo.

Sim, eu era uma pessoa extremamente egoísta e parte disso, infelizmente — ao quadrado —, acabei puxando da minha mãe biológica, que não conseguia viver sem ser o centro do universo de todas as pessoas que a cercavam. Mas a última coisa que eu precisava era ficar pensando em Clarisse.

Caminhei em direção à cozinha, mas antes que eu pudesse me sentar à mesa, Eduardo apareceu, com o seu namorado ao lado, o que significava que, felizmente, eu não havia destruído o relacionamento dele com Kauan — o que também não era muito bom pra mim.

Por mais que eu quisesse me esconder e evitar toda aquela conversa que estávamos prestes a ter, aproximei-me dos dois, dizendo, de uma vez só:

— Eu sinto muito por ontem, O.K?

Kauan se limitou a balançar a cabeça, o que era melhor do que nada. Eduardo, por outro lado, sorriu, mostrando-me que estava mais do que bem para nós dois. Saber que a minha relação com Eduardo não estava completamente destruída, deixou-me mais feliz. E quanto à de Kauan, sinceramente, eu não me importava.

— Eai? — perguntou-me ele, referindo-se ao que eu faria a respeito do cargo de editora chefe. Éramos tão íntimos ao ponto de quase não precisarmos de palavras para que nós dois nos entendêssemos. — O que você está pensando em fazer agora, qual o seu plano B?

Fiz uma careta, balançando a cabeça, mostrando a ele que, na realidade, eu não possuía nenhum plano B. Tudo o que eu tinha, naquele instante, era ódio e um sentimento enorme de impotência. Eu odiava o dono daquela revista por ser um machista com M maiúsculo, mas eu me odiava ainda mais por precisar de um homem para provar o meu valor.

— Eu vou desistir... Não preciso de um homem para provar que sou boa o suficiente e se eles não enxergarem isso, quem perde não sou eu — eu

disse a eles, mesmo sabendo que Frederico nunca nem mesmo pensaria em olhar para mim sem uma aliança. Gaspar não me contaria isso se não fosse a mais pura verdade. — Eu não preciso disso.

E, ao pronunciar o “eu não preciso disso”, eu estava dizendo outra mentira. A revista Global já não era um simples trabalho para mim. Depois de um tempo, aquele trabalho passou a ser a minha vida, ele passou a definir a pessoa que eu era e, com isso, tornou-me mais que uma simples dependente. Parte de mim sentia muito medo de não ser capaz de me reconhecer sem fazer aquilo que eu tanto gostava.

— Você não precisa desistir só porque o meu namorado não quer bancar o seu noivinho — disse Kauan, após cansar de se fingir de estátua. Com uma estranha expressão no rosto, ele continuou, dizendo: — nós não somos amigos, mas eu sempre admirei você, pois nunca te vi desistir de algo. Essa pessoa aí, com toda a certeza, não é você. A Gabriele que eu conheço nunca deixaria com que o chefe machista ganhasse, não sem lutar.

Depois daquelas palavras arrebatadoras, eu finalmente poderia dizer que aquele garoto magrelo havia ganhado algumas dezenas de pontos comigo. Entretanto, eu não tinha a mínima ideia do que fazer, de como me tornar aquela pessoa forte que Kauan dizia que eu era.

— O que você me sugere? — arrisquei na pergunta, pronta para qualquer coisa, com exceção daquilo que ele me respondeu.

Depois de alguns segundos pensando, de uma maneira hesitante, Kauan respondeu a minha pergunta, aparentemente, ainda em dúvida se deveria mesmo estar dizendo aquilo: — um amigo de uma amiga, que conhece um cara, que conhece outro cara... bem, o que eu quero dizer é que tem um homem que faz esse tipo de serviço, ele é muito discreto e apenas algumas poucas pessoas sabem sobre o que ele realmente faz.

Voltei o meu olhar — um nada bacana — para Eduardo, que estava fingindo uma expressão de paisagem ao lado de Kauan, como se nem estivesse prestando atenção nas coisas que deixavam a boca do seu namorado.

— O seu namorado está me mandando contratar um puto para ser o meu noivo. Você está ouvindo isso, Eduardo? — perguntei a ele, completamente posses de ódio. — Ele quer que eu me envolva com um puto?

Com um sorriso nos lábios, o meu amigo respondeu: — sim, eu ouvi e, na verdade, até acho uma ótima ideia. E não é como se você precisasse transar com ele... seria mais como um acompanhante de luxo.

Não importava o quanto ele tentasse melhorar aquela frase, no fim

das contas, continuaria significando que eu precisava contratar um garoto de programa para fingir ser o meu noivo. Naquele instante, eu não estava apenas odiando o mundo por ser completamente machista, eu estava me odiando por não ser capaz de encontrar um homem decente sem ter que pagar por isso.

Voltei o meu olhar para Kauan, já com o meu nível de ódio por ele reduzido. Afinal, que diferença faria usar o meu melhor amigo gay ou um puto para fingir ser um cara interessado em mim? Em ambas as formas, eu era um fracasso total como mulher.

— Então, esse seu amigo da amiga, do amigo, do amigo tem o número deste prost... acompanhante de luxo?

Ligação — Capítulo 3

Já havia se passado uma semana desde que Kauan me deu a incrível ideia de contratar um garoto de programa para fingir ser o meu noivo. Primeiramente, pensei muito sobre a decisão que estava prestes a tomar e acabei desistindo por ser um plano totalmente irresponsável, uma vez que eu poderia estar colocando um assassino dentro da minha própria casa. Entretanto, no dia seguinte, Gaspar me confidenciou que Frederico daria uma pequena festa e convidaria algumas pessoas e que, por muita sorte — ou muito azar —, eu e o meu acompanhante estávamos inclusos nesta pequena lista de convidados.

Como eu, Gabriele Novais, não acreditava nem um pouco em sorte, confrontei o meu chefe e, desta forma, obtive a minha resposta de uma maneira rápida. Em uma tentativa desesperada de me colocar em seu atual cargo, Gaspar mentiu para Frederico, dizendo que eu já estava noiva. Mas, ao que tudo indicava, Frederico precisava ver isso com os seus próprios olhos.

— Agora, por favor, me diga que convenceu o cara a se casar com você? — A voz dele soou um tanto desesperada, assim como a expressão de seu rosto. Depois de alguns segundos em um silêncio constrangedor, Gaspar completou: — eu espero, de verdade, que esse seu silêncio signifique um imenso “sim, ele vai se casar comigo”.

Então, eu fiz aquilo que sabia fazer de melhor. Eu menti para Gaspar, dizendo que tudo estava sob o meu incrível controle, que o meu namorado — o homem mais perfeito de todo o universo — havia aceitado se casar comigo e que eu nem mesmo havia me esforçado, pois o pedido de casamento havia partido dele.

Pelo jeito, eu estava muito ferrada — com a lama até a minha cintura —, tão ferrada ao ponto de reconsiderar a ideia ridícula de Kauan. Eu não tinha outra opção a não ser contratar aquele puto para me acompanhar, ao menos, se eu quisesse continuar na disputa pelo cargo de editora chefe, o que eu, certamente, queria e muito.

Quando entrei na minha casa, a primeira coisa que fiz foi correr até o meu quarto e apanhar o papel em que Kauan anotou o número daquele garoto de programa ou, como ele gostava de dizer, acompanhante de luxo — que, pra mim, dava no mesmo.

Depois de várias horas encarando o número daquele ser totalmente desconhecido por mim, decidi arriscar e ligar para ele. Afinal, pior do que

estava, definitivamente, não poderia ficar. Eu estava oficialmente no fundo do poço, com os meus saltos completamente sujos de lama, não tinha como me afundar mais.

Instantes depois de digitar aquele número de celular, eu percebi que estava totalmente perdida, o que era completamente compreensivo já que nunca me imaginei ligando para um homem que vendia o próprio corpo. Eu não sabia nem mesmo o que dizer quando ele atendesse a minha ligação. Deveria dizer um “oi, você é aquele garoto de programa do panfleto que encontrei no telefone público?” ou “oi, eu falo com um profissional do sexo?”. Não importava qual fosse a minha ideia, ela sempre seria pior que o ridículo. Mas no final das contas, nem mesmo precisei dizer uma única palavra, já que ele não atendeu a minha ligação. E depois da terceira tentativa, eu finalmente desisti de ligar.

Algo me dizia que ele devia estar “trabalhando”, enfiando o seu pinto em alguma mulher de meia idade entediada com o próprio casamento. Entretanto, o fato de eu estar ligando para ele, por precisar de um simples acompanhante, com toda a certeza, tornava-me alguém em uma situação muito pior do que a dessas mulheres que só queriam se divertir.

Cansada de esperar por um retorno de ligação que, obviamente, não aconteceria, sentei-me em meu sofá e me preparei para mais um dos meus artigos. Por mais deprimente que aquilo fosse, eu adorava ficar ali sentada, escrevendo sobre coisas das quais eu gostava de falar, coisas que poderiam dar outra visão do mundo para os leitores da revista, coisas inovadoras e, talvez, coisas revolucionárias, mas, principalmente, coisas que nunca seriam publicadas na revista Global — ao menos, até que eu assumisse o cargo de Gaspar.

Quando o ponteiro do meu relógio apontou para as dez da noite, eu recebi uma mensagem de Eduardo, uma em que ele dizia que não voltaria para o jantar. Aparentemente, estar com o namorado era muito melhor do que ficar ao lado de uma amiga chata, completamente viciada em trabalho — e obcecada por um garoto de programa.

Caminhei até a cozinha na esperança de encontrar alguma coisa bem gordurosa e suculenta, algo que faria com que eu engordasse uns três quilos, mas tudo o que eu encontrei foram bolachas e algumas outras porcarias que não eram da família do bacon. Apanhei um pacote de pipoca instantânea no armário e o preparei rapidamente. Quando retornei à sala, com uma bacia repleta de pipocas na mão, sabia exatamente que tipo de filme eu deveria assistir.

E, mais uma vez, eu assistiria a Saga Crepúsculo e embarcaria na jornada de Bella Swan ao lado de Edward Cullen, em uma história de amor

proibido, envolvendo uma humana sem graça e um vampiro sexy que brilhava no sol. Era uma história de romance água com açúcar? Sim, era e não importava o quanto falassem mal daquela saga, eu nunca deixava de amar cada um daqueles personagens maravilhosos. Aparentemente, só me faltava os gatos para a situação ficar ainda mais deprimente.

O toque do meu celular fez com que eu me assustasse, soltando a bacia que estava em minha mão esquerda, derrubando toda a pipoca no tapete da sala. Mesmo sem voltar o meu olhar para a tela do telefone, visualizando o número que me ligava, eu sabia quem era e foi por esse motivo que me assustei, como um pressentimento daquilo que estava por vir.

Corri até a mesinha de centro e peguei o meu celular. Como cheguei tarde demais para atender, retornei aquela ligação e, desta vez, eu esperava que o garoto de programa me atendesse.

E, para a minha sorte, ele realmente atendeu.

— Quem fala? — perguntei, ainda sem saber exatamente o que eu deveria dizer para alguém como ele. — Eu... estou falando com quem?

A voz do outro lado da linha finalmente soou, em uma risada completamente sarcástica. E, por algum motivo, essa única ação dele foi capaz de me irritar.

— Então, como foi você quem me ligou primeiro, não sou eu quem deve se apresentar aqui! — respondeu ele, de uma maneira grosseira e mandona. E antes que eu pudesse responder à altura, ele tornou a falar, cortando-me: — eu também não tenho todo o tempo do mundo... então, fale logo o que você quer!

Sem paciência para a grosseria daquele imbecil, disse as minhas próximas palavras, sem nem mesmo pensar uma segunda vez: — por quê? No puteiro em que você trabalha precisa bater cartão?

— A única coisa que eu vou bater, será o meu pin... Quer saber, obviamente, isso é algum tipo de trote idiota, feito por uma garota virgem idiota. E eu não vou mais perder meu tempo com isso aqui. Foi bom falar com vo...

— Não, espere! — eu gritei, interrompendo-o e o impedindo de desligar a ligação. Engoli todo o meu orgulho de uma só vez, como se fossem cem gotinhas de dipirona e prossegui de uma maneira totalmente hesitante: — eu... eu gostaria de contratar os seus serviços.

Adquira o livro e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

SELVAGEM: Sexy, Sombrio e Assustador

Sedução e Liberdade — Capítulo 1

Talvez, no fim das contas, eu estivesse enganada sobre tudo. Os homens não eram todos iguais — como eu não cansava de repetir. Naquela noite, eu descobri que existiam alguns ainda mais depravados que os ditos “normais”. Mas eu poderia mesmo julgá-los por isso? Definitivamente, não! Mas, de qualquer forma, eu adorava fazer isso.

Mas não se engane comigo, pois eu sou apaixonada por eles — talvez, até demais, eu admito. Gosto dos prazeres que um homem é capaz de proporcionar a uma mulher. Gosto de tocar e ser tocada por eles, dos movimentos frenéticos que nossos corpos são capazes de fazer em conjunto. E, principalmente, gosto de toda a brutalidade escondida dentro deles, aguardando o momento exato para se revelar ao mundo.

Se o seu palpite é de que sou uma prostituta, saiba que quase acertou. Sou, basicamente, uma colega de profissão delas, uma das famosas *strippers* de casa noturna. Mas, obviamente, não uma qualquer. Eu sou “a *stripper*” ou, simplesmente, a grande estrela da noite.

A verdade — que muitos não gostam de assumir — é que algumas pessoas não foram feitas para se formar em uma faculdade importante. Para alguns — onde certamente estou inclusa —, um canudo é completamente irrelevante. Diploma nenhum conseguiria substituir o sentimento que eu sentia toda vez que pisava naquele palco. Nenhum emprego convencional faria com que eu me sentisse livre — não daquela forma, pelo menos. O “errado” para muitos, tornou-se incrivelmente “certo” para mim.

Enquanto eu dançava, sentia-me a criatura mais livre do universo. E, também, com toda a certeza, a mais desejada delas. Cada olhar malicioso e sorriso sacana, desferidos por todos aqueles homens, conseguiam me satisfazer de forma completa, provando-me mais uma vez o quanto eu amava estar ali, entregando-me parcialmente para eles.

As luzes coloridas piscavam sem parar, enquanto os meus cabelos dourados voavam, pulando junto com o meu corpo em uma dança sensual. Se eu possuía algum dom, certamente, era o da sedução — algo que aprendi a usar desde muito cedo. Com o tempo, eu me tornei irresistível e me orgulhava muito

disso, mais do que qualquer outra coisa.

E, então, a minha parte preferida da noite finalmente começou. Os barbados — e os sem barbas também —, que cercavam o meu palco, começaram a atirar aquilo que eu amava mais do que homens — talvez, no fim das contas, essa fosse à única exceção. Aquelas notas amassadas que estavam sendo arremessadas em minha direção, incentivavam-me a continuar descendo, em minha dança cheia de posições sexys bem ensaiadas — uma dança que eles adoravam. A visão de todo aquele dinheiro colorindo o meu palco, não tinha preço — ou quase isso.

No instante em que comecei a juntar todo o dinheiro do chão, sem deixar de dançar enquanto o fazia, avistei um homem loiro nos fundos, queimando-me com o seu olhar duro. Por algum motivo desconhecido, ele conseguiu se destacar de todos os outros daquele lugar. Talvez fosse a sua jaqueta de couro preta, que deixava transparecer o seu corpo bem trabalhado, repleto de músculos. Talvez fosse seu olhar cheio de desejo, que não deixou de me secar até o final do show. Eu não sabia o motivo, mas fiquei completamente atraída por ele. No entanto, antes mesmo de eu pensar em caminhar até onde ele se encontrava, aquele homem já havia deixado o local, tornando impossível a possibilidade de conhecê-lo.

Depois do show, as garotas eram obrigadas a entregar trinta por cento de tudo que ganharam para o dono da casa noturna — o que não facilitava muito para nenhuma de nós —, pelo espaço cedido. O negócio até era justo, mas, ainda sim, não tornava mais fácil de entregar o dinheiro conquistado, literalmente, com muito suor. Contra a minha vontade, eu deixei uma parte do que arrecadei com Fred e me preparei para deixar o local.

— Está me dizendo que só conseguiu isso? — questionou-me ele, evidenciando toda a sua desconfiança em seu tom de voz. Depois de eu balançar a cabeça, confirmando a sua pergunta, ele finalizou: — então, é oficial, você está precisando mexer mais essa bunda, Alice.

Limitei-me a concordar, balançando a minha cabeça. Fred era um ser humano repulsivo e estúpido ao ponto de se achar o homem mais inteligente do universo. No entanto, depois de conhecê-lo melhor, você acabava descobrindo que ele não passava de um grande idiota, alguém que era facilmente manipulado por qualquer pessoa que possuísse o mínimo de inteligência. Os trinta por cento que ele acreditava ter ganhado com o meu esforço, na verdade, não chegaram a passar de dez.

Alice era a maneira como o dono da casa noturna — e todas as outras

pessoas — referiam-se a mim, naquele determinado ambiente. Em um resumo simples, esse era o meu “nome de guerra”. Longe daqueles palcos, eu tornava a responder por Camila, uma dançarina que descobriu da pior forma que não é nada fácil ganhar dinheiro dançando fora de uma boate. Mas, como já disse, não tenho o que reclamar do meu trabalho, pois é através dele que tenho, diariamente, a chance de me sentir livre.

Cena de Crime — Capítulo 2

Como não podia deixar a casa noturna seminua, eu apanhei uma saia preta curtinha, junto com uma blusinha básica branca. Depois de vesti-las, escondendo o conjunto vermelho de lingerie que havia usado para me apresentar no palco, não tardei a deixar o meu local de trabalho.

Enquanto atravessava a rua, encarei um dos outdoors que estampavam um banner promocional do filme “Marido de Aluguel”, baseado no livro de Anne Miller. De acordo com aquele cartaz, o longa seria estrelado por Bianca Bittencourt e Wesley Dolberth, que, ao meu ver, não passavam de dois rostinhos bonitos — mas, não vou mentir, existiam controversas quanto ao talento. Em minha opinião, aquela adaptação cinematográfica só comprovava o quanto as pessoas eram hipócritas. Não se cansavam de criticar casas noturnas, garotas de programas e qualquer outra coisa relacionada ao sexo explícito, mas não perdiam a estreia de um filme que, na realidade, continha exatamente tudo o que eles julgavam como “errado”. Para essas pessoas, infelizmente, só era arte e só tinha valor o que elas queriam que tivesse. E todo o restante era pré-julgado e rotulado de perversão e pecado.

Eu estava tão concentrada no outdoor que nem mesmo prestei atenção na movimentação da rua — algo que, em hipótese alguma, se deve deixar de fazer, a menos que não se queira continuar vivendo, o que, definitivamente, não era o meu caso. Eu só fui reparar nesse detalhe quando entrei em um beco medonho, em uma tentativa estúpida de cortar parte do caminho até a minha casa.

O lugar era escuro e deserto, completamente sombrio, mas, mesmo com todos esses “probleminhas”, eu continuei seguindo. E, como se não fosse o suficiente, dois homens pareciam conversar a uns cem metros de onde eu estava. Depois de avistá-los, a minha mente já começou a simular uma espécie de assalto, deixando-me ainda mais paranoica. Eu nunca fui do tipo “garota medrosa”, mas, naquele momento, foi como um instinto daquilo que estava

prestes a acontecer.

E só me dei conta do quanto estava errada sobre a conversa daqueles homens, quando um deles puxou um revolver da cintura e disparou duas vezes, derrubando o outro no mesmo segundo. Infelizmente, eu já estava muito próxima da cena do crime para fugir sem ser notada pelo assassino.

Devido a uma descarga de adrenalina em meu corpo, eu até tentei correr, mas, como eu já devia saber, foi totalmente inútil. Tudo o que eu fiz, foi chamar a atenção do assassino e provar de vez que eu havia presenciado a tudo, que eu era uma porcaria de testemunha — uma mulher que estava com a sua sentença de morte devidamente assinada.

Quando percebi que ele havia me identificado, interrompi os meus movimentos, pois, se continuasse correndo, eu sabia que ele não hesitaria em atirar na minha direção. Entre morrer naquele instante e no seguinte, sem nem pensar, eu optei pelo que levava um pouco mais de tempo.

Esperar pela sua aproximação, em passos lentos, sem dúvida alguma, foi a pior parte — pelo menos, até aquele momento, diga-se de passagem.

Eu pensei em dizer “não se preocupe, eu não vou contar sobre o que vi” ou “eu juro que não vou dar uma de X9, colega”, mas essas frases nunca funcionaram antes, o que significava que também não funcionariam comigo.

Então, temendo por minha vida, optei pela boa e velha apelação, com direito a sorriso e tudo.

Virei-me, encarando-o se aproximar de mim. Ele era grande e estranhamente familiar.

Sim, eu conhecia aquele cara.

O assassino do beco era o loiro que chamara a minha atenção mais cedo na casa noturna, o mesmo que não deixou de me encarar até que eu estivesse fora do palco.

E, no fim das contas, eu o conheceria.

— Você me pegou — eu disse a ele, tentando disfarçar todo o meu desespero. A minha atuação não ficou cem por cento, mas, mesmo assim, consegui controlar o meu nervosismo. Com o olhar fixo em seus olhos, completei: — e foi de jeito.

Após lançar-me um sorriso cruel, Alemão — a maneira como decidi me referir a ele — apanhou um objeto em sua cintura, um revolver, mostrando-me que seria um pouco mais difícil de convencê-lo a não puxar aquele gatilho, como fizera há pouco. Mas nem isso fez com que eu desistisse de tentar. E,

sabendo que o próximo minuto seria completamente decisivo para a minha sobrevivência, não fiquei perdendo tempo e coloquei o meu plano infalível em prática.

Adquira o conto e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

Canalha Irresistível

Depois do Altar — Capítulo 1

Nós estávamos completamente ferrados. E, definitivamente, não foi muito difícil chegar a essa conclusão, bastava olhar ao meu redor, observando os detalhes do barraco que aluguei para um dos momentos mais especiais de toda a minha vida — a minha lua de mel. Não existia piso algum naquela casa, era, simplesmente, chão e, como se não fosse o suficiente, em alguns cômodos, que eram divididos por uma espécie de cortina artesanal, era coberto por areia da praia.

Provavelmente, eu havia alugado a casa do Tarzan.

Não, aquilo não era um simples engano, estava mais para um meteoro gigantesco, um tão grande quanto o que extinguiu os dinossauros há milhares de anos.

Eu nunca me senti tão burra.

Talvez, com exceção do dia em que eu decidi contratar um acompanhante de luxo para ser promovida a editora chefe na revista em que eu trabalhava.

Mas eu podia mesmo reclamar do meu passado? Se eu não tivesse agido por impulso, não teria conhecido o amor da minha vida — sim, o acompanhante de luxo—, mas isso era uma outra história, que, por sinal, já fora contada.

Eu devia ter suspeitado desde o início, pois tudo estava barato e fácil demais. Mas eu não suspeitei e acabei viajando para o lugar em que Judas perdeu as botas — botas que, provavelmente, estavam enterradas naquela areia maldita. Eu devia ter aceitado o pacote que os meus pais me ofereceram — uma viagem caríssima em um cruzeiro no Caribe —, mas o meu orgulho falou mais alto e acabei enfiando eu e o meu novo marido em uma grande furada.

Furada? Ah, estava mais para um buraco negro.

— E, só pra constar, minha querida, essa ideia idiota não foi minha, O.K? — Pablo começou a dizer, antes de revirar os olhos, acusando-me outra vez de ferrar com as nossas férias. Não, ele não estava me acusando. Pablo afirmava a minha culpa. — Nós devíamos ter ficado no nosso novo apartamento, aproveitaríamos a nossa lua de mel do mesmo jeito, mas não... Tínhamos que

viajar para essa maldita praia.

Antes mesmo de completarmos um dia de casamento, já estávamos brigando como se estivéssemos casados há anos. Eu estava me esforçando muito para não esganá-lo com uma daquelas cortinas de bambu, mas o “Pablo Puto” — a maneira “carinhosa” como eu costumava chamá-lo — não estava cooperando nem um pouco.

Por mais que eu odiasse admitir, o idiota do meu marido tinha um pouco de razão. Tudo bem, talvez ele tivesse muita razão.

Eu, simplesmente, decidi comprar passagens para um lugar bem afastado da cidade, em uma praia deserta, onde — em teoria — teríamos toda a paz do mundo para aproveitar nosso momento especial. Eu só não pensei que isso incluiria a escassez de mercados, farmácias, restaurantes ou, simplesmente, de eletricidade.

— Sabe a pior parte? Essa droga de lugar não tem nem uma cama decente, Gabriele Novais — continuou Pablo, transparecendo a raiva que estava sentindo ao dizer o meu nome completo. Enquanto resmungava, o homem a minha frente olhava para o monte de tábuas forrado por um fino colchão, a nossa mais nova cama. — Nós vamos ter que dormir em cima dessa porcaria aqui... você está me entendendo agora?

Quando eu contei sobre os meus planos para Pablo, ele desconversou e tentou me convencer de todas as formas a ficarmos na cidade, em nosso novo apartamento — um presente dos meus pais, um que eu aceitei de maneira muito relutante. Mas, no final das contas, ele acabou cedendo aos meus desejos. A minha lavagem cerebral foi tão bem feita que Pablo confidenciou-me que até achava sexy a ideia de estar comigo em uma “espécie de floresta”.

Ao julgar por sua reação, isso não devia ser muito verídico.

— Não, meu amor, a pior parte foi você ter me dito que adoraria ficar preso comigo em uma “espécie de floresta” — lembrei ele, enquanto fazias aspas com meus dedos. — Então, bonitão, uma cama dessas não deve ser um problema para o Tarzan aqui, não é?

Ele balançou a cabeça, como se ainda não aceitasse o fato de estarmos completamente ferrados, presos no meio do nada.

Às vezes, eu me esquecia do quanto Pablo podia ser direto. Mas, nesses determinados momentos, ele sempre fazia questão de me lembrar.

— Eu só disse isso porque nunca pensei que você fosse nos enfiar em uma droga de “espécie de floresta” — argumentou ele, copiando o meu gesto de

aspas, completamente sarcástico. — É bem provável que uma cama de pedra seja mais confortável do que isso.

Eu já estava cansada de ouvi-lo reclamar sobre a porcaria da cama. Eu havia entendido que não dormiríamos bem ali, que aquele monte de taboas velhas era desconfortável, mas reclamar disso várias vezes não tornaria a taboa macia.

— Por que você está tão irritadinho por causa de uma porcaria de cama?

Primeiro, ele me encarou como se não estivesse acreditando em minhas palavras. Em seguida, lembrou-me do dia em que nos conhecemos, sendo completamente grosso, ao dizer:

— Nós estamos em lua de mel — gritou ele, com uma voz séria, como se eu fosse surda. — Nós deveríamos passar noventa por cento do nosso tempo livre em cima dessa maldita cama... Ou será que você quer que eu te foda lá na areia da praia?

Aquilo foi a gota d'água, a única coisa que faltava para eu explodir.

Sem paciência para continuar com aquela discussão ridícula, eu finalizei, encerrando o assunto: — você é um imbecil... E, quer saber, fique aqui com essa cama, pois ela será tudo o que você vai foder nessa lua de mel, seu babaca.

Depois de dizer, com o mesmo tom de voz usado por ele, eu deixei o barraco, segurando-me para não começar a chorar.

Do lado de fora, contemplei a grande desgraça em que me enfiei. Toda a casa era feita de madeira e a pior parte, certamente, não era toda a tinta descascada. Ela parecia estar podre, prestes a desmoronar.

Era impossível não compreender Pablo em relação a péssima hospedagem. Entretanto, eu não conseguia aceitar a maneira como ele reagiu em relação a isso. Esse, definitivamente, não era o homem que escolhi para viver ao meu lado pelo resto da minha vida.

Cansada de encarar o que, provavelmente, era um dos meus maiores arrependimentos, virei-me, caminhando em direção a praia, a única coisa bonita de todo aquele lugar. Mas até mesmo a beleza dela possuía algumas controversas.

Por ser em um local afastado da cidade e muito pouco frequentado, a areia era limpa, mas completamente tomada pelo mato, que dominava praticamente toda a extensão dela, deixando apenas uma pequena trilha que

levava até bem próximo do mar. O mato só chegava ao fim perto da areia úmida.

Eu tirei os meus chinelos, um par de havaianas na cor rosa, e comecei a andar, acompanhando a margem do mar, molhando os meus pés, enquanto pensava na briga que tive com Pablo.

As palavras dele conseguiram me irritar mais que o lugar, pois elas me mostraram que em nosso primeiro obstáculo — um muito idiota, por sinal — nós dois optamos por brigar em vez de superá-lo juntos, como um casal deveria fazer.

— ESPERE!

A voz de Pablo fez com que eu caminhasse ainda mais rápido, ignorando o seu pedido. Eu ainda não tinha digerido todo o episódio do “ou será que você quer que eu te foda lá na areia da praia?” Mas, infelizmente, de nada adiantou, Pablo correu, alcançando-me em pouco tempo. Ele nem mesmo se esforçou.

Ele me encarou por alguns segundos, provavelmente, pensando em como se desculpar por agir feito um idiota, a sua maior especialidade.

Eu reconhecia aquele olhar de cachorro sem dono, algo arquitetado para que eu sentisse pena dele. Mas, desta vez, o seu olhar não funcionaria, ele teria que se esforçar um pouco mais.

— Desculpe pela parte de “te foder na areia da praia” — comentou ele, tentando permanecer sério enquanto pronunciava a frase “foder na areia da praia”. — Eu... eu sou um imbecil e sei muito bem disso. Mas, em minha defesa, você já sabia disso antes de se casar comigo.

Continuei em silêncio, mostrando a ele que nós ainda não estávamos nada bem. Se ele quisesse acertar as coisas comigo, precisaria de uma desculpa bem melhor, de preferência uma que não me culpava por seus erros.

— Ei, amor... — Pablo sorriu do seu jeitinho especial, roubando-me um meio sorriso. Aquele canalha sabia bem como me derreter, foi impossível não sorrir com aquela expressão em seu rosto. — Desculpe por eu ter surtado, jogando toda a culpa em cima de você. — Pablo tornou a rir, antes de completar: — por mais que ela realmente seja sua. Eu... eu acho que só queria que tudo fosse perfeito. E, no meio disso tudo, eu acabei me esquecendo de que você é a coisa mais perfeita na minha vida. E, sim, esse lugar é uma droga, mas ter você aqui comigo o torna, de alguma forma, um pouquinho melhor.

Eu parei de andar, rendendo-me completamente a ele. Eu deveria judiar um pouquinho mais de Pablo, mas não consegui — e depois,

provavelmente, me arrependeria.

Aquele homem era o meu ponto fraco, o meu calcanhar de Aquiles.

Pablo aproximou-se, mantendo os olhos fixos em mim, como se estivesse prestes a me devorar. E, talvez, ele realmente estivesse cogitando essa ideia, pois avançou sobre mim como um verdadeiro predador, beijando-me de uma maneira voraz.

— Eu estou começando a achar que você realmente quer que eu te foda na areia da praia — disse ele, sem afastar os nossos rostos. As suas mãos, que estavam em minha cintura, desceram, agarrando a minha bunda com força, de uma maneira dominadora e safada. — Minha loirinha top.

Eu empurrei ele, antes de dizer: — você falou “top”? O nosso casamento terminou aqui.

Ele tornou a me agarrar, prendendo-me em seus braços fortes e protetores.

— Eu posso não dizer tanto quanto eu queria, eu posso não demonstrar tanto quanto eu sinto, mas eu quero que saiba que te amo e que sempre vou amar — disse ele, com uma voz séria, olhando dentro dos meus olhos. E, então, Pablo sorriu, finalizando: — minha loirinha top.

Enquanto meu marido envolvia-me daquela forma, finalmente eu fui capaz de notar toda a beleza daquele lugar. Ela não estava no barraco que aluguei, não estava na areia, tampouco no mar. Estar com ele era o que tornava aquele lugar maravilhoso.

Adquira o conto e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

Sabor da Traição

Traída — Capítulo 1

Depois de um tempo jogando o “jogo da vida” — que não é aquele de cartas, que consegue ser ainda mais chato, diga-se de passagem —, você descobre que os contos de fadas acabam por uma razão bem específica.

O maravilhoso “felizes para sempre” não costuma durar tanto tempo assim — pelo menos, não durou comigo.

Por mais ridículo que possa parecer, eu costumava me ver como uma espécie de Cinderela da vida real, pois vim de uma família bem humilde e, estranhamente, casei-me com um milionário, alguém que pensei ser o meu príncipe encantado, o meu “amor verdadeiro”.

Sim, eu costumava ser uma mulher bem inocente — ou uma extremamente idiota, se preferir.

A pior parte de tudo isso, em minha opinião, era que o meu casamento estava sendo muito feliz, não existiam problemas entre nós dois. E, se eles realmente estavam ali, eu desconhecia — o meu marido certamente se esquecera de me contar.

O nosso amor — aquele que eu pensei ser mais forte do que tudo — se tornou frágil demais, começando a acabar depois de eu assistir a uma única cena protagonizada por ele.

Era uma noite fria de domingo, eu estava parada em frente à porta, sem reação, completamente devastada, encarando-os naquele momento totalmente asqueroso — algo que eu nunca mais seria capaz de esquecer —, logo depois de tê-lo seguido até a nossa casa de campo, em um ato desesperado.

Todos os meus problemas começaram quando eu resolvi dar ouvidos aos conselhos da minha mãe.

“Aquele mulher não me engana nenhum pouco, Greice. E se você não abrir os seus olhos logo, ela vai abri-los pra você”, dissera a minha mãe, logo depois que a minha amiga deixou a sala.

E, agora, depois de tudo isso, eu descobri o quanto ela estava certa, pois os meus olhos nunca estiveram tão abertos.

Em um primeiro momento, eu afastei todas essas possibilidades da minha cabeça, porque, por mais que a minha mãe estivesse com todas aquelas

acusações, eu confiava completamente em Frederico e também na mulher que a minha mãe acusava sem nenhuma prova.

Beatriz — “aquela mulher”, de acordo com a minha mãe — era uma amiga tão próxima quanto uma irmã, eu nunca pensaria uma maldade como aquela — pelo menos, não uma que a envolvesse daquela forma.

Não, eu confiava plenamente em Bia.

Algo muito engraçado sobre a confiança é que, não importa o quanto ela seja forte, quando alguém te traz um pouco de dúvida, toda a sua estrutura se abala completamente, transformando-a em uma espécie de taça trincada, algo que pode se quebrar a qualquer momento.

E, quando essa semente é plantada em sua mente, tudo se transforma, fazendo com que você precise tirar uma prova, algo que consiga afastar todas as vozes em sua mente. E, quando você menos percebe, o seu principal foco passa a ser silenciar todos esses sussurros.

Nos últimos tempos, Frederico viajava muito para a nossa casa de campo para passar o fim de semana com os amigos, as famosas “noites dos homens” — como nós dois costumávamos chamá-las.

Eu nunca enxerguei nenhuma maldade no fato de ele ir se divertir com os amigos algumas vezes no mês — ao menos, não até a minha mãe plantar a desconfiança em minha cabeça.

E, quando ele me contou que estava indo viajar, que passaria o fim de semana inteiro fora, instantaneamente, eu fiquei abalada, tão mexida ao ponto de nem mesmo conseguir disfarçar isso.

Essa foi uma das primeiras vezes que em que brigamos. E, mesmo depois de eu implorar para que ele ficasse, para que passasse o fim de semana comigo no lugar de se divertir com os amigos, ele me deixou em casa, partindo em direção a nossa casa no interior.

Eu não pensei bem, simplesmente, troquei de roupa e fiz com que um dos nossos motoristas me levasse pra lá. Eu cheguei algumas horas depois dele.

A princípio, estranhei o fato de nenhum dos carros dos amigos de Frederico estar estacionado ali, mas ignorei esse fato, pois existiam milhões de explicações para isso. Eles poderiam ter combinado de chegar depois ou, simplesmente, o meu marido havia desmarcado o encontro, optando por descansar a mente, passando um período de tempo sozinho depois da briga que tivemos.

Sim, eu gostava de me enganar, encontrando desculpas idiotas para as

perguntas sem respostas ou, simplesmente, arrumando respostas alternativas para as que eu já possuía. Eu costumava fazer isso inconscientemente.

Mas, como deveria ter imaginado — pois praga de mãe é mais forte que macumba —, Frederico estava mesmo colocando-me chifres, uns tão grandes ao ponto de me fazer andar curvada.

Provavelmente, essa era a causa das minhas dores nas costas.

Maldito!

Quando adentrei a casa, o encontrei na sala, completamente despido, dividindo o sofá — que costumávamos usar juntos — com a pessoa que se dizia ser a minha amiga, a melhor delas, mais especificamente.

Enquanto eu encarava-os, podia sentir as várias facadas perfurando as minhas costas, Bia e Frederico nem mesmo me deram uma chance de se defender de seu ataque covarde.

Naquela fração de segundos, eu não queria gritar, gastando a minha voz com aqueles dois, não valia a pena, eles não mereciam. Eu queria ter soado de uma maneira elegante — algo que a mãe dele sempre me acusava de não possuir —, eu queria parecer, de alguma maneira, completamente superior a aqueles dois safados.

Mas, infelizmente, eu não consegui.

Em vez de tudo isso, eu gritei com eles, acabei puxando o cabelo dela, quebrei algumas unhas e deixei um olho roxo na cara daquela falsa.

O meu sangue era quente demais para ignorar.

Se existia uma única regra entre amigas, com toda a certeza, era a de não pegar o homem da outra. Isso era quase uma lei da natureza, não se deve roubar a casa de quem te dá abrigo. Mas Beatriz nunca foi uma mulher inteligente.

Eu já não sabia o que me deixara mais surpresa; o homem que eu amava com outra mulher ou a minha melhor amiga dormindo com o meu marido. Talvez não houvesse diferença, provavelmente me machucaram em uma intensidade parecia, pois eu não conseguia distinguir, só sentia a dor do golpe.

E eu continuei sentindo, por mais dois anos.

Se eu me separei de Frederico após descobrir aquela traição? Não, eu continuei casada com ele, fingindo que o nosso casamento era algo mais que uma grande fachada.

Eu não poderia chutar o balde, a situação era um pouco mais

complicada. E, por mais que não tivéssemos filhos, eu não teria como me manter sem o dinheiro dele.

Tudo o que eu tinha era a minha mãe, que também vivia da fortuna do meu marido.

“Greice Rafaela da Silva Brandão, eu te criei para ser uma dama. E uma dama você se tornou. Não jogue tudo fora por causa de um filho de uma puta”, dissera a minha mãe, quando confirmei as suas suspeitas.

E, desta vez, eu segui o seu conselho sem questionar.

Por eu não ter dinheiro, a família dele só concordou com o nosso casamento se ele ocorresse com separação total de bens. E, naquela época, eu não me importei, pois vivia na ilusão de que nós dois ficaríamos casados para sempre, que nunca deixaríamos de nos amar.

Eu nunca me importei com o dinheiro dele, só me casei com Frederico porque estava verdadeiramente apaixonada. Naquele tempo, eu acreditava que dinheiro não era a melhor coisa do mundo, que somente o amor verdadeiro poderia trazer a felicidade para a vida de uma pessoa.

Eu só não imaginava que essa felicidade possuía um prazo de validade tão curto.

Sem saber, eu, literalmente, assinei o meu péssimo destino, condenando-me a uma vida miserável ao lado de alguém ainda mais miserável.

E quanto a minha querida amiga, ela continuou como estava, solteira e completamente rodada. As amantes nunca aprendiam a lição. Por mais que um homem jurasse lealdade a você, por mais que ele pronunciasse mil vezes o “eu te amo”, jamais iria se separar da atual mulher para te assumir perante a sociedade. Para eles, existe uma grande diferença entre a mulher com quem se dorme escondido e aquela com quem acorda pela manhã.

E, mais uma vez, a minha mãe não estava errada.

Depois de tudo o que aconteceu com Beatriz, Frederico me pediu perdão, prometendo não me trair novamente, jurando que faria o impossível para consertar a nossa relação, para se redimir comigo.

Tudo isso, acompanhado de um belo colar de diamantes, claro — o melhor presente possível para um pedido de desculpas.

Eu o perdoei, afinal, as pessoas podiam mudar, não é? Todos deviam ter direito a uma segunda chance.

E, realmente, o meu marido mudou, mas só por exatos três meses, até eu descobrir uma nova traição. Talvez ele nunca tivesse realmente deixado de me

trair.

Dessa vez, pelo menos, o cretino não usou a nossa casa de campo para transar com a vadia, deixando para fazer o seu trabalho sujo em um motel barato.

Eu só descobri sobre a traição porque a sua mais nova — ou velha — amante me enviou as fotos pelo Facebook, em uma tentativa patética de se vingar dele.

Como não sou boba — não depois de ter que aprender a cortar as galhadas em minha cabeça —, ajudei ela na vingança, vazando as fotos e envergonhando os dois, de uma só vez. Mas o infeliz do meu marido foi mais rápido do que eu e conseguiu remover todas as fotos da internet em um único dia, acabando com todo o meu plano vingativo.

A minha sorte foi que Frederico nunca descobriu que havia sido eu a vazá-las e não a sua amante revoltada. Pelo menos, o meu plano serviu para afastá-los de uma maneira definitiva.

Depois disso, Frederico se desculpou comigo novamente, jurando nunca mais me trair e, é claro, eu fingi acreditar nele, pois eu não tinha nenhuma outra opção além de aceitar continuar vivendo naquele ciclo eterno de traição.

Adquira o conto e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

Anne Miller

“Anne Miller é, simplesmente, uma autora independente que começou a sua jornada na plataforma Wattpad. Como muitas outras, ela sempre sonhou em contar as suas histórias — com uma pegada bem quente — para o mundo e, finalmente, está tendo a chance de vivenciar esse sonho. Além do conto “Selvagem”, também tem o livro “Marido de Aluguel” — o seu primeiro livro — disponível na Amazon”.

Acompanhe-me nas redes sociais e fique por dentro de todas as novidades.

Wattpad: www.wattpad.com/iannemiller/

Facebook: www.facebook.com/annemillerautora/

Site: annemilller.blogspot.com.br/

Table of Contents

[Índice](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01 — Jéssica](#)

[Capítulo 02 — Engravatado](#)

[Capítulo 03 — Ameaça](#)

[Capítulo 04 — Insistência](#)

[Capítulo 05 — 100 Dias](#)

[Capítulo 06 — Flores](#)

[Capítulo 07 — Primeiro Encontro](#)

[Capítulo 08 — Jantar](#)

[Capítulo 09 — Velho Amigo](#)

[Capítulo 10 — Convite](#)

[Capítulo 11 — O Informante](#)

[Capítulo 12 — Baile](#)

[Capítulo 13 — Família](#)

[Capítulo 14 — Passeio Noturno](#)

[Capítulo 15 — Hesitação](#)

[Capítulo 16 — Desejo](#)

[Capítulo 17 — Chuveirada](#)

[Capítulo 18 — Namoro](#)

[Capítulo 19 — Salinha](#)

[Capítulo 20 — A Dama de Vermelho](#)

[Capítulo 21 — Projeto Misterioso](#)

[Capítulo 22 — Fim de Caso](#)

[Capítulo 23 — O Último Dia](#)

[Capítulo 24 — Tarde Demais](#)

[Capítulo 25 — Recomeço](#)

[Epílogo](#)

[Conheça os Meus Outros Trabalhos](#)

[Anne Miller](#)